

An abstract painting featuring a central figure in a vibrant red, hooded garment with arms raised. The background is a complex mix of dark, textured brushstrokes in shades of brown, black, and grey, with some lighter, wispy areas in white and pale blue. The overall style is expressive and somewhat chaotic, with visible textures and layered colors.

A PRAÇA DO DIABO
DIVINO

GUIDO VIARO

GUIDO VIARO

A PRAÇA DO DIABO
DIVINO



curitiba

2007

Capa

"Bruxaria" de Guido Viaro (1897 - 1971)

Foto capa

Juliano Sandrini

Projeto gráfico e diagramação

Alessandra Nogueira Saltori

Revisão

Marisa Karam Saltori

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
BIBLIOTECÁRIA RESPONSÁVEL: MARA REJANE VICENTE TEIXEIRA

Viaro, Guido, 1968

A Praça do Diabo Divino / Guido Viaro. --

Curitiba : Univer Cidade, 2007

p. ; 21 cm

ISBN 978-85-86861-13-0

1. Ficção brasileira -- Paraná. I. Título.

CDD (21ª ed.)
B869.35

A PRAÇA DO DIABO
DIVINO

GUIDO VIARO

1.

Acordou com a certeza na cabeça. Sonhos ajudaram-no? Idéias que vinham se acumulando há anos: bobagens, invenções, manias, modismo, desejo secreto de ser alguém diferente. Nem ele, nem eu sabemos o quanto de cada coisa ajudava a destruir as dúvidas que ele não tinha.

Mergulho na piscina com os olhos dizendo que ela está cheia d'água, quem acreditará se alguém disser que está vazia? Esse estado de ausência de dúvidas... eu não sei, ele nem quer saber.

Amoras vermelhas manchando os dedos durante o café da manhã, leite branco. Os farelos de pão causam nele um leve desconforto, deve ter feito alguma relação mental com fatos que eu não conheço. Mas a omelete e o suco de laranja lhe fazem bem, sente-se como um cantil cheio d'água, gritando seus barulhos de alegria por estar pleno.

Olhos mostram que esperanças também foram enchidas, a comida ajudou a trazer suas certezas para o mundo material. Eu... eu não sei.

Ele quer encontrar...para quê? Por quê? O que fará se encontrar? É... quando um homem se apaixona por uma idéia, esqueçam as perguntas e as respostas que já existem, as que valem são só as feitas pela idéia amada.

E agora sou eu quem fica melancólico com alguma coisa da mesa... as gotas vermelhas de amora no prato, uma na toalha, outra na mão dele... de que parte de mim é que virá essa tristeza?

Enquanto limpa a boca seus olhos estão ainda mais vivos, o dia se iniciando, a imensa tristeza pronta para ser posta em prática: olha para o mesmo quadro todas as manhãs, montanha com flores... uma bicicleta, ela não está no quadro mas em mim, aquela montanha sempre me traz essa idéia.

Será possível que ele encontre o que vai sair para procurar? Pequenos atos de felicidade acompanham sua saída da sala. Nem amassou o guardanapo, como faz todos os dias.

Ei-lo na rua. Pára de caminhar, seus lábios sorriem, a esperança escorre por eles. Vai em direção à lata de lixo, do próprio lixo. Revira tudo na calçada, examina cada item como se fosse parte de um quebra-cabeças. Uma hora depois junta tudo e coloca de novo no latão. Aquilo era apenas lixo.

Isso não o entristece, sua expressão continua sendo aquela de um homem que sabe que está cumprindo seu dever. Um policial que, para chegar no culpado, primeiro investiga mil pistas falsas. Mas ele não era policial.

Atravessa a rua atento, muito mais atento do que o normal. Eu o acompanho, não sei exatamente porque, talvez também esteja sofrendo de falta de dúvidas, e tenha aceitado o fato de que de agora em diante terei de acompanhá-lo.

Ele olha para todos os lados, repara nas pessoas, nos cartazes colados nos postes, passa os dedos sobre eles para ver se escondem alguma informação que esteja em alto-relevo. Sente a textura do cimento dos postes. Seus olhos sabem que sua tarefa está só começando.

Do bolso ele tira um pequeno gravador, liga-o para registrar os sons a sua volta. Permanece com o braço estendido até que a fita acabe. Deve estar sentindo dores agora, pois massageia o braço. Caminha um pouco e pára, só seus olhos

se mexem agora, dão a volta completa dentro das órbitas.

A ponta direita do lábio inferior virou para baixo, é o primeiro leve sinal de desânimo, uma forte respirada e ele continua a andar, lambe o dedo indicador e o levanta para verificar a direção do vento. Procura modificar a distância dos passos alternando curtos e longos, agora só longos e agora só curtos. Um na diagonal para a direita e outro para a esquerda, no rosto uma expressão neutra de quem executa uma tarefa.

Pára na frente de um ponto de ônibus, procurando não ser notado, discretamente observa cada uma das oito pessoas, caminha de um lado para outro, depois de oito idas e vindas dá-se por satisfeito e vai para o fim da fila, agora tenta observar o conjunto das oito pessoas. O ônibus chega e os passageiros entram, ele os acompanha até a porta e não entra. O motorista olha-o sem perguntar nada, ele baixa os olhos. Parece que aquele olhar o perturbou.

Agora caminha decidido, olha para baixo, boca de leve desilusão, pára em frente a uma fonte e fica observando-a, alguns minutos já se passaram e ele parece que está hipnotizado. Abaixa-se para observar de mais perto a água, que depois de jorrar, escorre pelos azulejos. A ponta dos lábios virada para cima: leve alegria, ou recordação boa, ou esperança renovada. Talvez um pouco de cada, ou nada disso, eu não sei.

Os dedos fazem várias experiências com a água e com a textura dos azulejos, a luz, que modifica-se, adiciona alguma coisa às experiências: o sólido-líquido e o imaterial fazem suas danças. Os olhos dele enchem-se de prazer por verem duas realidades tão aparentemente diferentes, entenderem-

se tão bem. Os melhores instantes desde que ele acordou.

Não sei o que ele está procurando. Também estou descobrindo. A água e a luz... gostei da expressão no seu rosto, talvez eu tenha tido a mesma enquanto o observava.

Ele levanta-se com os olhos ainda brilhantes e os dedos molhados. Olha para cima, o céu não tem uma nuvem. Sua boca está curiosa, observa o sol mas ele lhe parece longe, não é nem parente distante daquele com o qual seus dedos brincaram na água.

A boca mexeu-se em vão e ficou sem respostas, ele continua a caminhar. O sinaleiro está aberto para os carros, ele interrompe a caminhada, a boca demonstra irritação, nem sinal dos brilhos que os olhos mostravam há pouco. Dá uns três passos laterais para esperar o tempo passar. Os carros param e ele atravessa quase correndo.

Do outro lado da rua continua caminhando em ritmo acelerado, olhando para baixo e demonstrando impaciência. Reparo no poder que ele tem de me influenciar, pois eu também já estou bem impaciente, ele passa por uma fonte onde o sol derrete-se todo na água, mas nem percebe, segue reto.

A harmonia que também me tocou, quando ele brincou com os dedos n'água e na luz, agora me parece uma coisa descartável. Acompanho seu ritmo seguro, o importante é ser dedicado e caminhar em direção a um objetivo.

Por que eu tenho de ser assim ?

Ele espera que um novo sinal se feche para atravessar outra rua. Um carrinho de camelô vende toucas, luvas, bolsas e chaveiros, o sinal fecha e ele continua ali de pé, encantado com a combinação de cores. Disfarça para não atrair a atenção do vendedor que viria lhe oferecer os produtos. Encontra um

banco a uns cinco metros, e fica olhando de lá, o cor-de-rosa choque combinado com o verde-limão. O amarelo envolvido pelos vermelhos-sangue. O pano de fundo é o cinzento pintado com faixas brancas.

Sentado no banco com os braços abertos sobre o encosto, ele sorri e balança a cabeça em sinal afirmativo. Respira fundo e volta a olhar para o céu. O vento empurra as primeiras nuvens que quebram um pouco a força direta da luz.

Alguém senta-se ao seu lado, ele imediatamente encolhe os braços que estavam abertos. Vejo na sua boca, que ele aguarda alguns instantes para que não fique parecendo que ele se levantou só porque o outro chegou. Observa a sola do sapato, não sei se finge ou se realmente encontrou algo de interessante ali, porque suas sobancelhas se contraem.

Foi o outro que se levantou antes dele, ele tira o sapato esquerdo e apalpando com dois dedos, repara que é só uma camada finíssima de borracha que está impedindo que a sola se fure. Recoloca o sapato e seu rosto parece matemática: quanto tempo o sapato durou, quanto custará um novo?

Agora está com um dos braços sobre o encosto do banco, o outro sobre o descanso do braço, ele moveu-se um pouco para o canto, para evitar o constrangimento de ter de se mexer justamente quando uma outra pessoa chegue. O dedo indicador bate contra a madeira do encosto: um homem prático está nascendo. A língua sai para fora e fica no canto da boca, um raciocínio lógico está acontecendo. Os olhos fixos no chão me dizem que o importante agora é o encadeamento de idéias e o resultado final delas.

Será que eu não poderia aproveitar esse instante para, digamos assim, ter também as minhas idéias?

Tira do bolso a carteira e conta o dinheiro, levanta-se, o sinal fechado para pedestres faz com que ele novamente tenha de esperar. Mas dessa vez ele espera sem demonstrar impaciência. Seus olhos parecem em outro lugar, e o corpo aceita a espera que lhe é imposta.

Nunca o vi tão neutro desde o momento em que abriu os olhos hoje. Os músculos da face estão imóveis, os das pernas são ponteiros de relógio, decididos e regulares. Ele entra numa loja de sapatos.

Decido, enfim, ter minhas idéias. Vou acompanhá-lo aqui de fora. Vejo-o entrando sem olhar os sapatos da vitrine. Ele conversa com um vendedor e aponta para o próprio pé. Depois senta-se numa cadeira e espera. O vendedor tira os sapatos da caixa e reparo que são iguais aos dele. O vendedor quer colocar os novos no seus pés, mas ele faz o sinal de não com as duas mãos e veste-os sozinho. Agora ele desaparece no interior da loja, enquanto isso aqui fora, eu aproveito e dou uma reparada nos sapatos das pessoas que passeiam pelas ruas.

Ele sai carregando uma sacola e calçando os sapatos novos que são iguais aos antigos. No canto dos lábios um leve sorriso de satisfação, no canto dos olhos algo estranho, parece que eles ficaram mais foscos. Passos mecânicos sempre do mesmo tamanho.

Ele pára e senta-se num banco de praça, olhar num ponto fixo, mas esse ponto não tem importância, seu olhar é ausente. De repente passa a olhar para os sapatos novos que comprou. Examina as solas, o couro, refaz o laço, apalpa, sente a textura. Mexe o pé dentro do sapato.

Parece que é confortável, mas seu rosto não me diz nada.

O homem tem seus sapatos novos e ponto final, eu estou aqui olhando-o. Não seria a hora de fazer algumas perguntas?

Ele levanta-se, a expressão de seu rosto muda. Parece que esse homem perdeu-se, a testa franzida indica dúvida, olha para os lados procurando uma direção, são muitas as que se mostram a ele. Volta a sentar-se, a mão direita acariciando o sapato esquerdo, mas a cabeça e os olhos ágeis examinando o que o mundo lhe oferece.

Uma força vibrante vai nascendo do fundo de suas pupilas e espalhando-se por seu rosto. Ele está carregando suas baterias, a cabeça já não se mexe tanto, parece que já selecionou alguns caminhos possíveis. O pescoço baixa, mas os olhos não, ele assume um aspecto de serpente pronta para o bote.

Salta do banco com passos decididos. Caminha até a mesma fonte que há algum tempo atrás viu a luz dançar, aproxima-se dela, mas desta vez parece não querer contato com a água. No bolso procura alguma coisa, acha uma moeda que joga na fonte, dá as costas e agora dá cinco grandes passos e pára. Tira do bolso outra moeda e a coloca exatamente no lugar onde parou. Mais três passos laterais com o máximo de abertura de perna que consegue, e outra moeda no exato lugar onde parou.

Não entendo o que ele está fazendo, mas deve ter algum sentido, pois seus olhos voltaram a ter a mesma certeza que tinham quando ele acordou.

Ele procura no bolso e as moedas parecem que acabaram. Então apanha a mesma que tinha posto por último, marca o lugar dela com um toco de cigarro que encontrou no chão, e com mais três passos de um metro coloca a moedinha onde

tinha parado. Agora caminha com passos normais, toma uma distância para conseguir enxergar as marcações que fez.

Parece satisfeito, agacha-se para observá-las melhor, pois são moedinhas de cinco centavos que ninguém enxerga, e mesmo se enxergarem não se darão ao trabalho de se abaixar para pegá-las. As duas que estão sobre o calçamento e mais o toco de cigarro ele consegue ver bem, a que foi jogada dentro da fonte ele sabe que está lá e a imagina lá, pois com o dedo indicador ele faz um sinal de algo saltando e caindo dentro d'água.

Sorri, procura um banco para sentar-se e observar, abre os dois braços sobre o encosto do banco. Olha, imagina, vê as pessoas passando pelo meio do sistema que acabou de inventar. Não entendo o que pretende com isso, mas reparo que ele fica bastante excitado quando alguém se aproxima de seus marcos, e mais ainda quando alguém passa por cima de algum deles.

Se tivesse chegado o momento de eu ter idéias, eu diria que o que mais interessa a ele é, primeiro: o movimento das pessoas, segundo: as pessoas, e terceiro: os lugares marcados no chão. As moedas em si e o toco de cigarro, acho que para ele não tem nenhum valor. Vejo como observa o jeito que as pessoas caminham, prevendo com o dedo indicador o itinerário que farão. Pequenos movimentos de boca demonstrando alegria quando suas previsões se realizam. Estalos de língua quando tomam um caminho que não era previsto.

Os acertos acabam sendo em número muito parecido com os erros. Mas isso não o abate e ele parece comemorar mais as vitórias do que lamentar-se pelas derrotas. Corre até uma

banca de jornais e vejo-o saindo dela com uma bala na boca e a mão cheia de novas moedinhas. Seu rosto é o de uma criança que acabou de ganhar um brinquedo novo.

Quatro novas marcações são feitas, ele corre depressa para o seu banco para observar os resultados, depois de algum tempo repara que não adiantou aumentar o número de marcações, o percentual de sucessos e fracassos permanece estável. Mais uma tentativa, outra bala comprada com nota, outras moedas colocadas em lugares estratégicos e a decepção: os números não mudam. Com raiva desfaz o laço do sapato que tinha feito com tanto cuidado.

De laço desamarrado passa chutando as moedas e o toco de cigarro, sem se preocupar onde vão parar. Esvazia o jarro da ilusão nas águas da cidade, caminha pisando no cadarço. Passos estranhos de homem ferido.

2.

Eu durmo e acordo. Noite sem sonhos. Recobro a consciência junto com ele. Ainda está mal humorado por causa de ontem. E eu não sei... ainda acho que chegará a hora de exigir respostas para as minhas dúvidas.

Ele acordou mas não se mexeu, apenas abriu os olhos e contemplou o teto. Agora levanta-se e veste-se, vai ao banheiro, eu espero do lado de fora. O café da manhã o espera, mas é bem diferente daquele do dia de ontem. Hoje seu corpo inteiro parece dizer “onde foi que errei?”. Seus gestos são curtos e rápidos, gestos mais demorados poderiam distrair o pensamento.

A língua mexe-se frenética dentro da boca, da mesma maneira que seu pensamento deve estar tentando varrer a maior área possível. Minha curiosidade aumenta da mesma forma que minhas dúvidas, será que eu não estou apenas perdendo meu tempo acompanhando esse homem?

Ele está se preparando para sair. Apanha bloco, caneta, várias moedas que estavam guardadas em uma fruteira, pega também uns pedaços de giz, um isqueiro, uma pequena lanterna elétrica e um outro caderno cheio de anotações. Coloca tudo dentro de uma pequena mochila, a põe nas costas e sai.

O fato de sair assim todo equipado parece lhe encher de confiança, e acho que talvez ele atribua a falta de sucesso pelo fato de ontem ter saído sem nada.

Passa pelo próprio lixo sem reparar na sua existência, segue decidido pelo caminho oposto ao que pegou ontem. No ponto de ônibus apenas espera o ônibus. Não repara em

nada e seus olhos são exatamente os mesmos dos das outras pessoas da fila.

É o transporte o que ele busca, e o ônibus roda, primeiro cheio, depois meio vazio, finalmente restam ele o motorista e o cobrador... ah, eu já ia me esquecendo de mim mesmo. É o ponto final, uma rua sem nada de especial na periferia da cidade, com suas meias-águas, seu anti-pó, alguns terrenos baldios, cachorros latindo e crianças passeando de bicicleta.

Ele parece saber exatamente para onde está indo, mas ao mesmo tempo tenho a sensação de que esse exatamente pode ser qualquer lugar. Caminha três quadras, vira à direita, depois caminha mais três e vira à esquerda, agora diminui a velocidade e a certeza, a mão direita coçando o queixo.

Olha para o céu e para o relógio. Tira a mochila das costas, abre-a, e coloca uma moeda bem no meio de um terreno baldio coberto de mato, ela desaparece no meio da vegetação. Mas ele parece contente, o fato de não a enxergar não parece importante.

Recoloca a mochila nas costas e recomeça a caminhar, as ruas do bairro são todas muito parecidas, mas ele segue decidido parecendo conhecer cada centímetro. Já deve ter andado uns quarenta minutos sem parar. Estamos bem longe do lugar onde ele deixou a moeda.

Ele pára e nós recobramos nosso fôlego. Sem pedir licença bebe água da torneira do jardim de uma casa que não tem muro. Eu o observo, não tenho sede. Ele dá mais alguns passos, vasculha a mochila e tira de lá o caderno que estava cheio de anotações. Anota rapidamente alguma coisa.

Parece que ele não quer que ninguém perceba, mas eu reparei que quando ele recolocou o caderno na mochila, sua

mão escondia entre os dedos uma moeda. Mas não há ninguém na rua, de quem ele teria receio? Vejo seu rosto, nele está escrito que não quer que vejam o que está fazendo, boca levemente aberta e a pontinha da língua para fora.

Começa a correr como se estivesse perdendo o ônibus, mas eu vi, ele aproveitou-se dos movimentos de braço da corrida para, disfarçadamente, deixar cair uma moeda na rua. Continuou correndo e nem olhou para trás. Dobrou três esquinas e correu até perder o fôlego.

Dessa moeda ele só tem uma idéia aproximada de sua localização. Mesmo assim, tira o caderno de anotações e reparo que faz um X. As idéias começam a me cutucar, essa espécie de marcação que ele se esforça tanto em fazer, não precisa estar visível, e nem ao menos quem a fez, precisa saber exatamente o lugar onde foi feita. Talvez o X que acabou de fazer no caderno seja um registro de uma dúvida. O problema é, se eu raciocino, acabo diminuindo minha capacidade de observador e descritor dos acontecimentos... mas as coisas não param de acontecer.

Com o fôlego recobrado, ele caminha agora despreocupadamente, seus passos me dizem que, pelo menos, a parte mais importante de sua missão foi realizada, entretanto ainda falta alguma coisa, a sobremesa do jantar. Sua boca tem algo da salivação pela espera do moranguinho com nata.

Ele pega outro ônibus, não é o que o levará para sua casa, está indo para mais longe, as casas vão aumentando os espaços entre elas e a paisagem vai ficando meio urbana e meio rural. Mas o ônibus está cheio, várias pessoas estão de pé. Ele está sentado, abre a mochila e tira de dentro várias moedas, desta vez não tenta escondê-las de ninguém, pelo

contrário, começa a atirá-las, tenta acertar uma janelinha do outro lado do ônibus, em cima da cabeça do cobrador. Erra a primeira, que bate no vidro e cai no chão. Com o segundo arremesso errado atrai a atenção de todos os passageiros. No terceiro erro a moeda ricocheteia na janela e bate no nariz de uma senhora que o olha furiosa.

Ele parece nem notar os comentários e os olhares de reprovação. Na quarta tentativa ele acerta a janelinha e a moedinha voa para fora do ônibus. Era isso que ele queria, talvez tenha sido sua sobremesa. Puxa imediatamente a campainha para descer.

Caminha até encontrar uma área desocupada com mato crescido. Senta-se bem no meio do capinzal, coloca sua mochila de lado e parece que está disposto a esperar. Não sei o que poderia esperar, mas suas mãos apoiadas para trás e seu lábio mostrando resignação me informam que a espera será longa.

Acompanho-o. Duas horas depois, confesso que estou vivendo o pior momento desde quando acordamos ontem de manhã. Sinto-me inútil, minha curiosidade já não é tão grande, mas minha insatisfação é enorme. Como vou descrever um homem que espera, especialmente um como ele, que pode esperar o que nunca virá, ou que pode até nem estar esperando, apenas parou de agir. Direi que ele moveu a perna para cá, o braço para lá, que piscou tantas vezes, que suspirou, mas que continua esperando. A uma certa altura não terei mais nada a descrever, e terei de começar a inventar histórias para contar.

Uma esperança no ar, ele começa a vasculhar a mochila. A noite chegou e é escura. Ele pega um objeto, é o isqueiro,

ele o acende. Em seguida deita-se na relva que está molhada por causa do sereno. Deitado de barriga para cima, com os olhos fixos no céu escuro sem estrelas, levanta os braços para cima até a altura da cabeça e acende o isqueiro, acende-o e apaga-o.

Eu poderia dizer que ele estava criando suas próprias estrelas. Sorriu como em nenhum instante anterior, era um sorriso de quem está sendo acolhido. Mas talvez eu esteja enganado e ele não esteja nem preocupado com estrelas. Talvez ele esteja apenas esperando por um beijo de boa noite.

3.

Parece que as coisas estão sendo estabelecidas. Solidificam-se desta forma: eu devo observar as atitudes dele e descrevê-las. Mas por que e para quem? E quem é esse homem, afinal de contas?

O que iniciou-se anteontem pela manhã de maneira natural, foi enrigecendo-se, até hoje parecer que assim sempre foi. Mas minhas dúvidas aumentam, e são como rachaduras nessa estrutura de concreto.

O que é sólido deve continuar sendo, até que um dia não o seja mais, enquanto isso as rachaduras vão fazendo seu trabalho. Uma delas me diz o óbvio “este homem está procurando alguma coisa”.

Nova manhã, novo café da manhã, ônibus, nada de especial, nenhum sinal, nenhuma marcação, um homem normal em um dia comum. Não carrega nenhum apetrecho hoje, desce no centro da cidade e caminha.

Talvez tenha desistido de encontrar o que procurava, ou talvez seja um dia de folga nessa tentativa. Ele entra num parque de diversões, é de manhã e o parque está praticamente vazio. Mudo de opinião: parece que depois de entrar no parque ele sabe exatamente para onde está indo. Caminha decidido até um brinquedo que chama-se “Caminhão de bombeiros”. São uns pequenos trilhos de uns quinze metros com uns caminhõezinhos vermelhos, a criança deve subir ali e andar nesses veículos até umas casinhas que têm no alto umas luzes acesas imitando um incêndio. Depois de percorrer o pequeno trecho, deve-se disparar o canhãozinho de água

contra a luz até que ela se apague. Durante todo o trajeto uma música de ação acompanha o caminhãozinho, e quando finalmente consegue-se apagar a luz, o que se escuta são palmas.

Ele chega e fica observando uma menina de cinco anos que faz o percurso junto com sua mãe. Na verdade observa com um interesse médio, como se aquilo fosse uma simples curiosidade. Talvez eu tenha me enganado quando achei que ele soubesse exatamente onde estava indo dentro do parque.

Mas de repente parece haver um problema com o brinquedo, o canhãozinho de água pára de funcionar e a luz que simula o incêndio apaga-se. A criança e a mãe saem do brinquedo e dois técnicos começam a inspecioná-lo para ver onde está o defeito.

É nesse instante que o homem modifica-se. Tira do bolso uma pequena câmera fotográfica, que eu nem tinha percebido que ele tinha pego, e sem perder nenhum segundo, fotografa o trabalho dos técnicos. Seu rosto denuncia seu medo de perder qualquer detalhe. Ele nem se preocupa em disfarçar o que faz e, para a estranheza dos técnicos, aproxima-se deles para fotografar todos os mínimos detalhes. Fotografa também, uma a uma, suas ferramentas.

Alguns minutos depois o brinquedo volta a funcionar. O interesse do homem desaparece na hora, ele senta-se num banco para observar as mais de cem fotos que fez com seu aparelho digital. Parece contente com o resultado, sorri como criança que ganhou presente.

Minhas dúvidas-rachaduras parecem se movimentar no concreto-estabelecido: ele parece que sabia que aquele brinquedo encrencaria naquele instante. Eu tinha achado-o

tão despreocupado, que nem julguei importante mencionar as olhadas no relógio que ele dava a cada quinze minutos. Percebi que o que interessava mesmo não era o brinquedo em si, nem quem o estava usando, mas parece que o que era importante, era saber que ele iria quebrar entre tal e tal hora, e documentar quais peças quebraram e o que foi utilizado para o conserto. Ele bem que poderia ter perguntado aos operários, mas desde a manhã de anteontem não o vi falar com ninguém. Nem quando comprou seu sapato novo e eu o observei de fora da loja, só o que o vi fazer foi gesticular para os vendedores.

Mas isso não vem ao caso, também não tenho certeza de que ele saberia que o brinquedo quebraria, mas se eu realmente tivesse, e se as fotos servissem para comprovar alguma teoria, começo a ficar bastante inclinado em acreditar que ele descobriria o que, como e onde haveria essa quebra, através das estranhas experiências que realizou nos últimos dois dias.

Esqueci de mencionar também sua expressão no exato momento que o caminhãozinho de bombeiros quebrou, seus olhos arregalaram-se e sua boca abriu-se, numa demonstração de que alguma emoção forte estava acontecendo dentro dele. Emoção que ainda não tinha ficado bem claro se era positiva ou negativa, mas que certamente era profunda.

Mais uma rachadura aparece no concreto duro em que estou me tornando: as coisas começam a se encaixar, essa máquina fotográfica que eu não sabia que estava carregando, sua tentativa, ontem, de correr para disfarçar onde jogaria a moeda. Esse homem sabe que eu o acompanho.

Me parece que quanto mais sólido um objetivo é, também

mais frágil ele é, porque as forças internas, que mantêm o objeto unido, são menores do que as forças nascidas de suas rachaduras e que agem para destruí-lo.

Sou maior do que acho que sou. Mas mesmo assim não tenho nenhuma resposta a dar. Observo, descrevo e duvido.

O que ele fará com aquelas fotos, elas poderão ser o fechamento do círculo, a razão pela qual ele colocou todas aquelas moedas, acendeu o isqueiro, e até a razão pela qual ele chutou longe as moedas no primeiro dia, quando seus experimentos não pareciam estar dando certo. Tudo aquilo pode ter sido dissimulação. Sabendo que estava sendo observado e, principalmente, que seus atos estavam sendo descritos, ele pode ter desejado esconder seu segredo, dando pistas falsas e camuflando as verdadeiras.

Outra possibilidade, ainda mais complicada e de mais difícil comprovação: ele não era criador de nenhuma teoria, mas um instrumento, era um fusível numa vasta rede elétrica, agindo por impulsos energéticos. E essa grande rede de energia é que o colocou no lugar e na hora em que o brinquedo iria falhar e o fez documentar o porquê da quebra.

O acompanho, ele segue a passos rápidos, sei perfeitamente onde está indo... vai imprimir as fotos que tirou. Acertei. Eu o espero aqui do lado de fora, não sei porque mas não quero escutar o som de sua voz. Não sei porque também, mas acho que ele apenas gesticula e não fala nada. Daqui vejo seus braços se moverem mais do que o necessário... mas deve ser minha imaginação.

Uma meia hora depois ele sai com o envelope nas mãos. Olhos ansiosos e passos que querem chegar logo em casa.

Vai para o escritório, acende a lâmpada, examina-as uma

a uma. Para mim elas não dizem nada. Fotos de fusíveis, de cabos, dos rolamentos que impulsionam os pequenos caminhões. Ele organiza-as todas sobre a mesa e apanha seu caderno de anotações. Com a ponta da língua saindo para fora da boca e o olhar de quem tem pela frente a missão mais difícil de sua vida, ele as observa e vai comparando com as anotações de seu caderno.

Gotas de suor começam a escorrer por sua testa, sua boca às vezes demonstra pequenas alegrias e às vezes descontentamentos. Mas seus olhos não param, estão obsessivamente centrados em sua missão. Duas horas transcorrem e ele não mudou de posição. Se aquilo não é algo verdadeiramente importante, tenho certeza de que pelo menos ele acha que é.

Mais duas horas passaram, agora já são quatro horas olhando para aquelas fotos. Confesso que nessas duas últimas, fiquei mais olhando para o relógio da parede do que para ele.

Enquanto olhava para o relógio, que se mexia e fazia muito mais barulho do que o homem, algumas sensações me atravessaram, é difícil descrever, e sinto que se começar estarei encerrando as descrições que faço, já há três dias, desse homem. Então nem vou começar, mas digo que foram instantes estranhos, momentos que minha consciência trabalhou de uma forma diferente.

Volto meu foco para o que realmente interessa, cinco horas já se passaram, ele agora está com algumas fotos nas mãos e deixou outras sobre a mesa, encostou-se na cadeira e cruzou as pernas.

O cansaço invade seus olhos. Ele põe as fotos que tinha

sobre a mesa. Seus olhos encaram o relógio. Ele suspira. Olha novamente para as fotos, dessa vez sem tocá-las. Inclina o corpo sobre elas e gotas de lágrimas começam a molhá-las.

Um misto de tristeza, sentimento de fracasso e de ódio por si mesmo surge no meio do vermelho de seus olhos. Seu sofrimento é maior do que a alegria que teve quando o caminhãozinho de bombeiros quebrou. Passa a mão sobre as fotos e o caderno, age como alguém que está pensando em rasgar tudo. Mas não faz nada. Vai tomar um banho, e pude ouvir quando soluçava embaixo do chuveiro.

4.

A noite de sono parece tê-lo acalmado, e ele toma o café da manhã olhando para algumas fotos, sem o desespero de ontem. Seus olhos são os de um homem que quer recomeçar uma grande tarefa que não foi bem executada.

Mas enquanto come um ovo mole, de repente ele pára e sua expressão muda. Ele também tem rachaduras internas, está dividido. O lábio de baixo recolhido me diz que ele está desanimado, que não sabe por onde e nem se deve prosseguir.

As rachaduras não respeitam fronteiras e acontecem em qualquer lugar sem distinção. Ele está se preparando para sair, mas se das outras vezes eu tinha dúvidas que ele poderia estar dissimulando sentimentos e intenções, agora não tenho, ele realmente não sabe para onde ir. Cada ato do seu corpo é lento e sem certezas.

Ao sair de casa vacila entre a esquerda e a direita e acaba indo reto. Atravessa uma rua sem olhar se vinham vindo carros, chega a uma grande avenida. Parece mais tranquilo por ter de seguir apenas numa direção.

Os barulhos e os pequenos eventos do dia-a-dia vão acontecendo à sua volta. De início ele parece nem perceber que existe um mundo ao seu redor. Mas aos poucos as duas bolhas isoladas de vida vão se comunicando. Quando menos percebe ele já está incluído na bolha maior, sem ter percebido o instante em que houve a mudança.

Olha para os lados reparando nos prédios e nas pessoas que conversam, no barulho dos carros e na quantidade de coisas que estão para vender. Olha para os lados muito mais

do que os outros. A essa altura o vermelho desapareceu totalmente de seus olhos e deixou um espaço vago para que ali renasça algo. Seus passos já recobriram a firmeza e ele não é mais um barco à deriva.

Do jeito que olha para as pessoas, para os objetos, posso dizer que não fica difícil de adivinhar, que ele tentará refazer o que vinha tentando nos últimos dias. Talvez esteja pensando no que possa ser corrigido ou ampliado. Talvez nesse exato instante, apenas caminhando pelas ruas e observando, ele já esteja prosseguindo com suas experiências sem que eu perceba. Pode ter encontrado uma maneira mais sutil e menos física de fazer suas marcações. Pode ser até que elas não sejam mais necessárias, e talvez tenham sido elas a causa do fracasso.

Especulações sem base, acompanho-o, é bem verdade que ele parece mais animado. Ele pára e senta-se num banco, braços abertos sobre o encosto, quem o vê agora não poderia adivinhar o estado em que ele estava ontem à noite. Tranquilo, observa a vida acontecendo ao seu redor. A bolha de vida encanta-o com seus barulho, e ele nem percebe que está contido nela.

Tira alguma coisa do bolso, são as fotos de ontem, olhas com a expressão de quem olha alguma coisa envelhecida que não tem mais serventia. Levanta-se, vai até uma lixeira e as joga fora. Volta a sentar-se. Agora parece ainda mais descontraído e seu comportamento, pela primeira vez desde que comecei a acompanhá-lo, é idêntico ao das outras pessoas que passam pela rua.

Ele levanta-se e caminha, nada o distingue dos outros, pode ser auto-sugestão, mas até no aspecto físico ele passou

a se parecer mais com os outros. Tenho de prestar atenção se não quiser perdê-lo na multidão.

Sigo-o, ele não anda nem depressa nem devagar, não parece ansioso nem alegre, nem pensativo, nem esperançoso e nem triste. Olha para as moças que cruzam seu caminho, pára numa vitrine e olha os preços de camisas. Caminha mais um pouco até outra praça e novamente senta-se.

Bem em frente de onde ele sentou tem um grande relógio de rua. Novamente começo a sentir aquela sensação estranha... uma rachadura daquelas que podem derrubar um prédio... movimentando-se e aumentando, vida dentro do concreto morto.

O relógio vai mexendo seus três ponteiros, cada um deles parece que é uma parte da minha consciência, mas também cada um deles divide-se em mais três e de novo em outros três... e essa divisão continuará até não sei onde, e cada um desses não sei quantos ponteiros divididos, leva um pouco de minha consciência com ele.

Somos tantos que é difícil tentar nos exprimir numa só voz. Mas isso é apenas um pequeno detalhe, o que é realmente estranho não é isso.

O choque entre o que está acontecendo, o que já aconteceu, o que acontecerá mas já aconteceu, o que já aconteceu e continua acontecendo, o que está acontecendo e reflete-se no acontecido e no que está por acontecer, espelhos refletindo, memórias recordando-se, imagens sobrepostas, sensações umas em cima das outras. Estranho mundo contido no fundo de um relógio. Pequeno símbolo redondo de tudo isso. Rolha de um oceano sem fim.

Tenho de olhar para o outro lado, o sinaleiro que, de verde,

passa a amarelo e vermelho. Não estou aqui para destruir prédios. Sou um narrador cujo personagem... onde está ele? Não reparei que ele tinha ido embora, não pode estar muito longe. Vou até o ponto de ônibus... lá está ele, sinto-me aliviado, não quero perdê-lo. Tenho de me lembrar que ele está usando camisa amarela e calça marrom, assim não o confundo com os outros.

No ônibus ele parece mais um homem que volta do trabalho, fisionomia de fim de dia e nada mais. Olhar hipnotizado pelo movimento e pela paisagem. Olhares curtos e dissimulados para os outros passageiros, que retribuem da mesma maneira.

Mergulhado na bolha cotidiana de imagens e idéias rápidas, a viagem de ônibus passa mais depressa, tanto que depois de quarenta minutos sentado, nenhum sinal de tédio atingiu seu rosto. Desce e caminha para casa, já é noite. De repente pára de andar, suspeito que esteja novamente querendo fazer suas marcações, ou sei lá como devo chamar aquilo. Mas a parada é rápida, e é claro o que significa, ele esqueceu-se de alguma coisa.

Acompanho-o até um supermercado, ele compra pães, ovos, queijo e suco de laranja. Passa pelo balcão dos congelados, reparo que não quer comprar nada ali, mas a fumaça gelada do balcão o refresca e ele tem prazer com isso. Discretamente até levanta um pouco a cabeça para que seu pescoço receba mais vapor frio. Com um leve sorriso ele continua empurrando seu carrinho.

As luzes claras, mas que não forçam a vista, a música ambiente suave, e as cores alegres dos produtos criam uma bolha ao seu redor, e ele passeia pelo supermercado por mais de vinte minutos sem desejar comprar mais nada.

Um pequeno momento de felicidade? Um pano molhado na testa num dia de calor? Cimento fresco jogado no buraco de uma rachadura? Não sei, não estou aqui para julgar nada.

Caminha tranqüilo para casa carregando suas compras. Mas ontem, mais ou menos nesse horário, muitas lágrimas escorriam por seu rosto. Para onde é que foi tudo aquilo? Lembro-me das superposições que moram no fundo do relógio. Lembro-me também que isso não é da minha conta. Mas essas idéias agora se parecem com coceiras que não conseguimos controlar e fazem força para aparecerem em qualquer canto aleatório... lágrimas de ontem... sorriso nesse instante... esperança morta, ontem escorrendo para o amanhã e empossando-se no hoje.

Coço-me e as idéias param. Ele abre a garrafa de suco de laranja e dá um gole sem parar de andar. Chegando em casa arruma a cozinha, prepara um lanche, assiste um pouco de televisão, toma um banho e vai para o quarto. Nada que de maneira alguma pudesse representar algo além do próprio ato em si. Sem representações nem dissimulações.

No quarto deita-se na cama e apanha um livro para ler, consigo ver o título “A vida que escolhi para mim”. Reparo que o livro está bastante desgastado, cheio de anotações e de trechos sublinhados. Ele lê com uma caneta em uma das mãos, pronto para novas anotações.

Uma coisa que achei estranho é que não é citado nenhum autor para o livro, a capa possui apenas o título e o número 1386, na lombada apenas o título e mais nada. Sem orelhas nem explicações na última capa.

Mas acho que deve ser assim mesmo, homens estranhos devem ler livros estranhos. Estranho mesmo é se fosse o contrário.

5.

Acordamos juntos, ele de muito bom humor e eu com o livro que ele estava lendo ontem fixado no meu pensamento. Diria até, que no momento em que ontem à noite perdemos juntos nossas consciências, até recobramos hoje pela manhã, posso até estar sendo meio precipitado em dizer isso pois é tudo muito vago, mas diria que a idéia desse livro e minhas dúvidas a respeito dele, existiram nesses momentos em que eu não estava existindo.

Não é lógico, alguém que existe para descrever continuar existindo nos momentos em que nada descreve. Mas uma leve memória, como uma luz distante encoberta por uma densa bruma, subsiste. Lembro-me de algo que flutuava, não era nada sólido, uma sensação, uma idéia, não sei como descrever. É vida brotando onde antes nada existia. Não sei se isso é bom é mal ou é neutro. Mas é uma mudança.

E falando em mudar, tomei umas decisões, não vou mais descrever seu dia-a-dia inteiro, detalhe por detalhe, como vinha fazendo até então. Não tem sentido eu ficar contando os pequenos detalhes do café da manhã ou outras miudezas cotidianas. A partir de agora serei um narrador-editor, observo tudo, e o que eu julgar que tem importância e é significativo, descrevo.

Sei do perigo disso, principalmente em se tratando de um homem como ele, o que existe de mais importante, de repente por uma falta de sensibilidade minha poderá ficar de fora. E posso acabar escolhendo um monte de detalhes sem importância que, julgo, formam seu retrato. Vou tentar manter

minha percepção mais atenta possível para esse lado menos aparente da vida. Mesmo assim muita coisa vai se perder.

Tomei essa decisão não por preguiça ou por estar achando tedioso meu trabalho, escolhi esse caminho porque já não tenho todo o espaço da minha consciência dedicado somente a ele, com o tempo parte desse espaço foi sendo preenchido por mim mesmo, idéias que foram brotando e que estão se desenvolvendo. Não tenho escolha, tenho de concentrar a descrição, mesmo sabendo que perderei material importante que poderá fazer falta.

Estou dividido e esse é um caminho sem volta, ambos os lados lutarão por sua sobrevivência e ampliação. Tenho de gerenciar essa briga da forma mais equilibrada possível. Nessa tentativa, optei por mudar o tempo verbal da narrativa, do presente para o passado. Não teria sentido fazer um resumo no presente, mesmo que... a velha história do relógio... mas vamos deixar isso de lado por enquanto.

Então vamos aos fatos ocorridos no dia de hoje: eu poderia dizer que hoje foi um dia banal, o de menos importância desde que comecei a acompanhá-lo. De manhã ficou em casa lendo o jornal e assistindo televisão, percebi que ele não conseguia assistir a nada por mais de alguns segundos, estava sempre mudando de canal. Preparou o próprio almoço e saiu, pegou o mesmo ônibus de sempre e foi para o centro da cidade. Lá caminhou bastante, sentou-se demoradamente em bancos de praças, tomou um sorvete, observou as pombas que comiam pipocas jogadas por crianças no chão. Voltou a caminhar e a descansar, no final da tarde pegou o ônibus para casa. Foi aí que talvez tenha acontecido o único instante no qual, em meu julgamento, possa existir alguma coisa de

diferente, um momento digno de menção, que eu não sei o que significa, mas que pode significar algo.

Novamente ele foi ao mesmo supermercado de ontem. Só que dessa vez não comprou nada. Ficou passeando pelos corredores coloridos, andava devagar, refrescou-se no balcão dos congelados, experimentou um queijo que era oferecido por uma demonstradora de produtos, ao contrário de ontem olhou mais para as pessoas que estavam fazendo compras, e o ponto em que quero chegar é justamente esse, o que diziam seus olhos: não sei se embalados pelo ambiente artificialmente agradável, os olhos dele estavam cheios de solidariedade pelos consumidores. Mas é difícil explicar... não era uma solidariedade profunda de quem está no mesmo barco durante uma grande tempestade. Era alguma coisa superficial, fica mais fácil eu descrever com expressões que ele poderia ter dito enquanto olhava aquelas pessoas: “que bom que você está fazendo compras, eu também estou”, “se precisar passar eu posso puxar meu carrinho para o lado”, “você não sente uma pontinha de alegria quando vê a quantidade de produtos que nós temos à nossa disposição”, “nós temos tempo, o ambiente é agradável, fique à vontade”, “eu espero você pegar o produto que deseja”, se quisesse eu poderia continuar inventando mais algumas dezenas de frases, todas nessa linha.

Mas não foi exatamente essa superficialidade que eu achei que poderia estar escondendo algo. Ao mesmo tempo em que ele era superficial, notei que muito sutilmente em seu olhar, escondido num canto fundo dos olhos, havia uma ponta de ironia que parecia saudável e pronta para se desenvolver. Mas ela não era visível a não ser para um bom observador de

olhos. Para um observador mediano, nada distinguiria aquela pessoa das dezenas de outras que estavam ali somente para fazer compras.

Será então que aquele espírito que experimentava e se emocionava, concentrou toda sua energia criadora nesse brilho distante de uma ironia que quer se manifestar? Pode ser que a onda que arreventou na praia esteja voltando para o mar e preparando seu retorno.

Depois do supermercado ele voltou para casa, preparou uma refeição ligeira, assistiu meia hora de televisão e foi para o quarto, continuou lendo aquele livro com o qual eu... o mesmo livro de ontem. Uma coisa acho importante citar, eu reparei que ele lia uma página, depois avançava várias procurando algo quase no final do livro, fazia isso sistematicamente com cada página que fosse lendo. Era como se houvesse a necessidade de, para se compreender o que se estava lendo, haver uma confirmação do que tinha sido lido num futuro da mesma história. Foi essa a estranha impressão que tive. Se uma página falava de um casamento, ele verificava se os netos do casal recém casado existiriam, ou não.

Isso me trouxe de novo à mente aquelas sensações que os relógios costumam trazer, mas procurei me controlar e tentar fazer com que a lógica comandasse minha consciência. Primeiro perguntei, será que é isso mesmo que ele está fazendo? Se fosse um livro técnico, ou algum outro tipo de livro que não um romance, poderia haver uma outra explicação. Mas consegui dar uma olhada nas páginas internas, era um romance clássico dividido em capítulos. Depois me perguntei, em sendo essa sua maneira de ler, qual era seu objetivo com essa técnica? Poderia esse seu

método ser utilizado não somente para a leitura de romances, mas também para outros propósitos? E se isso fosse verdade, será que ele já não estaria utilizando-se dele?

Minha mente voa, enquanto deve apenas olhar e descrever. As perguntas, dúvidas e bifurcações se multiplicam. Mas não quero me alongar descrevendo o dia dele. Depois de ler por cerca de uma hora utilizando seu método ele apagou as luzes e foi dormir.

Para ele, então, a última página de um livro é sempre a página central. Mas quais são minhas evidências que esse sistema não é apenas uma mania ou uma brincadeira. A única coisa que sei, é que nada nem ninguém pode modificar-se tão rapidamente. Ou ele nunca foi o que achei que fosse, ou ele nunca deixou de sê-lo.

Seu sistema de leitura pode ou não representar algo mais além da leitura em si. Mas isso também não tem muita importância.

Quanto espaço sobrar para ele no futuro de minha descrição? Cada vez mais ocupo comigo esse espaço, gostaria de usar seu método e olhar algumas páginas à frente, mesmo que elas ainda não tenham sido descritas e nem escritas. Talvez mais para a frente ele nem exista mais e eu mesmo tenha assumido o centro das atenções. E como senhor criador, pode ser que para aliviar minha consciência de usurpador, eu dê a ele como prêmio de consolação algum personagem fictício e secundário.

Só que eu não quero me tornar um ditador, nem quero tomar o que não é meu, vou procurar me controlar. Ele terá todo o espaço que for possível, e por mais que eu acredite em minhas apreciações, não vou tomá-las como verdades

absolutas. Vou tentar ser mais compreensível com o que parece sem sentido em suas atitudes.

Respeito seu método de leitura, ele criou um novo livro dentro do livro. Se leio uma página a cada três, ou leio três e pulo uma, também crio outro livro.

Nesse momento volto para o tempo verbal presente, é que ele dorme, eu deveria renascer somente quando ele abra-se seus olhos amanhã, ou então deveria passar a noite inteira descrevendo seus movimentos na cama, dizendo se ele ronca ou não. Não sei, sinto que estou deixando de ser quem sou, me modifico, e à noite, quando eu deveria não existir, vou existir na região brumosa que comecei a frequentar desde ontem. Olhando-o dormir sei que estou me encaminhando para lá, o que as brumas escondem nessa noite eu não sei.

Será que algum dia vou conseguir descrever o que vejo quando estou lá, usando o tempo verbal presente?

6.

Eu tinha razão, ninguém muda assim tão rapidamente, a ironia que vi nos olhos dele, naquela noite, foi o primeiro sinal concreto de que ele estava apenas recobrando suas forças para continuar sua busca.

Então continuemos com minha tarefa descritiva: pela manhã foi a pé até uma papelaria próxima de sua casa e comprou algumas cartolinas de cores diferentes. Fez um lanche rápido em uma lanchonete e voltou para casa. Seus olhos gritavam trabalho, seu corpo movia-se com energia e vontade. Apanhou o caderno de anotações, o livro que costuma ler à noite, uma pasta que eu não conhecia, cheia de papéis soltos, desenhos e anotações, várias canetas coloridas e uma tesoura. Começou então a consultar freneticamente suas anotações. Seus olhos vibravam, mexiam-se com uma energia que eu não conhecia.

Primeiro começou a escrever números e letras em uma folha de papel sulfite, depois recortou as cartolinas e começou a transcrever nelas esses números e letras. Era sempre um número entre duas letras, como A5J. Passou boa parte da tarde consultando suas anotações e fazendo essas marcações. No final da tarde as cartolinas acabaram e ele saiu correndo para comprar mais. Acho que sua pressa não era devida a nenhum prazo que deveria cumprir, mas à ansiedade que tinha em realizar sua tarefa.

Desta vez comprou mais de trinta folhas grandes, brancas, amarelas e vermelhas. Chegando em casa continuou o trabalho no mesmo ritmo frenético. A noite chegou e ele

esqueceu-se de jantar, só tinha olhos para seu trabalho. Acabou adormecendo na sala sem ter terminado suas marcações, lá por volta da meia-noite.

Pronto. Cumprida minha tarefa de relator, agora tenho algumas observações a fazer: ou o que esse homem está tentando fazer é uma coisa importante, ou pelo menos ele acha que é. Será que não seria também a missão de um bom narrador, investigar e conhecer o assunto que está descrevendo? Porque senão a coisa fica muito pobre, parecendo notícia velha de um jornal amarelado.

Minhas investigações seriam sempre baseadas em opiniões, preconceitos e conceitos que trago dentro de mim, e que surgem sem que eu suspeite suas origens, afinal de contas minha consciência originou-se há apenas alguns dias atrás. Posso, sem querer, estar perpetuando idéias e desejos que conscientemente não os tenho. Em todo caso acho que é um risco que vale a pena. É melhor tentar alguma coisa, do que não tentá-la devido a algum possível futuro problema.

Então aqui está a minha teoria: esse homem é um observador de aranhas. Isso mesmo, ele estuda principalmente seus movimentos, e para isso tem de saber como é que elas constroem suas teias. Não quero ser petulante, mas essa figura de linguagem expressa bem a idéia que quero transmitir. As aranhas seriam as pessoas, e a teia seria a vida. Os pontos em que os nós da teia se entrelaçam seriam os acontecimentos, os pontos em que os fios correm paralelos seria o cotidiano. Mas o mais importante de tudo é como a aranha move-se de um canto para o outro. Naquele dia em que fez experiências com moedas na praça, tentando adivinhar o caminho por onde as pessoas passariam, talvez ele ainda não tivesse

entendido o movimento, ou estivesse usando padrões de comportamento mais simples, que não refletiam a complexidade da verdadeira teia.

Seu objetivo final é bastante ambicioso, ele quer descobrir como é que a vida funciona, e como é que o homem move-se dentro dela.

No dia em que ficou alegre porque pôde prever a quebra do caminhãozinho de bombeiros, ele deve ter, depois de muito estudo, acertado bem em cima de um nozinho (acontecimento) que, do ponto de vista linear de consciência, ainda não tinha acontecido. A velha história dos relógios. Isso deve tê-lo enchido de alegria e também de sonhos de poder. Não sei exatamente o que depois deixou-o triste, se as fotos provaram que o caminhãozinho quebrou por alguma outra razão que não aquela que ele tinha previsto, ou talvez ele tenha achado que tudo não tenha passado de uma coincidência.

Acho que quando tenta-se descobrir segredos que nunca ninguém conseguiu, é muito difícil confiar em si mesmo, acho que ele acabou subestimando seus méritos, e por um curto período desistiu de tudo. Depois voltou ao ataque com todas as suas forças. Talvez tenha recobrado a energia criativa durante o período que dormia, e que para mim estava temporariamente inacessível.

Não sei se o que ele deseja é ou não possível, e mesmo se for, não sei se está acessível ao seu alcance ou ao de qualquer outra pessoa. Seria como descobrir onde foi dado o último ponto do grande tapete persa e ir desfazendo nó por nó, mas ao mesmo tempo memorizando cada nó para depois poder reconstruir o tapete inteiro para se ter onde pisar.

De qualquer maneira lá está ele, dormindo profundamente

sobre seu sonho. Nesse exato instante, aproveitando-se da maior flexibilidade de movimentos que os sonhos dão, ele deve estar atravessando continentes e épocas, perguntando a sábios e a cientistas por onde deve continuar, qual o melhor caminho? Talvez receba como resposta alguns símbolos que, se ainda conseguir lembrar-se quando acordar, passará a manhã toda tentando interpretá-los. E talvez eles lhe sejam úteis.

Acho que por hoje já falei bastante dele, inclusive de seus possíveis sonhos. Ontem à noite mencionei minha provável ida para uma “região brumosa”, não quero fazer um paralelo entre ela e os sonhos, para os homens é normal e saudável sonhar. Para um narrador isso é algo que simplesmente não deveria acontecer. Os elefantes não foram feitos para voar e nem os leões feitos para viver debaixo d’água. Um narrador que frequenta regiões que não sejam as que deveria descrever, é como um leão correndo no fundo do oceano.

No caso das deduções sem prova que fiz a respeito do esforço do homem com suas pesquisas, isso até pode ser justificável, pois com um conhecimento maior sobre suas idéias, seria possível pintar um quadro mais fiel do personagem, desenhando-o com mais profundidade.

Mas no caso de um narrador começar a ter momentos de ausência, em que perde completamente todo o vínculo com o personagem, isso representaria o fim do narrador e o fim do personagem. É por isso que tento ao máximo evitar essas “regiões brumosas”, que seriam o equivalente aos sonhos nos homens. Mas se não for possível fugir delas, pelo menos tento não falar das visitas noturnas que fiz.

Hoje eu gostaria de abrir uma única exceção e falar de onde fui ontem à noite sem querer ter ido. Não sei porque faço

isso, talvez para me aliviar, prometo que será a última vez. Nesse meio as coisas não estão sujeitas a seqüências lógicas, então após um período em que não me lembro de nada, minha primeira recordação sou eu saindo de um subterrâneo escuro e subindo uns degraus em direção à superfície.

Chegando lá é noite, mas estou em uma cidade bem iluminada, na verdade a iluminação é estranha, não existem lâmpadas nem postes, toda luz vem dos milhares de luminosos de néon. Então o escuro da noite se mistura com as cores fortes do néon, possibilitando que eu enxergue por onde estou caminhando, mas fazendo com que essa luminosidade torne tudo ainda mais irreal.

Continuo agora com o tempo verbal presente, porque ele dará um toque de realidade no que tem tão pouco dela.

Estou no oriente, não sei precisar a época, talvez início do século vinte, vendedores de água oferecem seu produto aos transeuntes numa língua que não entendo. Caminho sem saber para onde vou, a cidade é movimentadíssima, espetáculos de teatro de bonecos, barbearias, lojas de tabaco, de alimentos em conserva, casas de chá, homens oferecendo peças de seda, mulheres oferecendo seus corpos, muito barulho e muita agitação.

Bicicletas, automóveis e cavalos disputam o apertado espaço das ruas com as pessoas e o bonde elétrico. Alguns ocidentais bem vestidos tomam chá em cafés com vista para a rua. Um grande rio divide a cidade em duas, numa das margens existe uma longa calçada, e parece que é ali que a vida social acontece. Moças orientais passeiam em grupo, vestidas com roupas que são a última moda na Europa, elas cruzam com trabalhadores braçais, que estão terminando

suas jornadas e caminham lentamente para suas casas.

Vejo tudo de um ponto de vista privilegiado, porque aparentemente ninguém me enxerga, então estou mais livre para reparar nos detalhes. Noto as gotas de suor na testa da moça bem vestida, o movimento que ela faz com seu lençinho de seda para limpá-las. Até agora essa sensação tem sido boa. Entro nos bordéis e me delicio com cenas engraçadas, observo as cozinhas dos restaurantes, reparo quando o condutor do bonde elétrico tira um sanduíche que trazia no bolso, dá uma mordida rápida e o guarda de novo.

O condutor então tira algo do bolso... não gosto dessa imagem, mas não tive tempo de desviar o olhar, esse objeto sempre me traz uma confusão mental... tirou do bolso um relógio, levantou o braço e olhou as horas.

Não sei como é que funcionam as coisas nesse mundo que vivo nesse instante, não sei se também aqui as pessoas podem se auto-sugestionarem a respeito de algumas coisas, mas está me parecendo que a partir do instante em que vi o mostrador daquele relógio, as coisas começaram a mudar. Comecei a perder um pouco da minha mobilidade e a sentir cansaço, de vez em quando parece que vejo algumas pessoas olhando fixamente na minha direção.

De qualquer modo não é ruim estar aqui, cada esquina é uma nova descoberta, alguém vende espetinhos de escorpião assados, uma criança come uma estrela do mar, assoprando uma de suas pontas que estava quente.

Que mundo rico e diferente, e essa cidade deve ser só uma, entre outros milhões de possibilidades de visitas que essas “regiões brumosas” oferecem. Sei que tudo o que parece excessivamente perfeito esconde um lado proporcionalmente

negro. Mas aproveito enquanto o que vejo são só luzes, mesmo que elas sejam vermelhas e roxas e que não deixem nada nítido.

Aqui volto para o tempo verbal do passado. O acontecimento que se sucedeu seria difícil demais de ser descrito no presente, envolveu sensações e surpresas tão absurdas que é preciso um distanciamento, pelo menos temporal, para que se possa ser compreendido.

Eu caminhava por uma rua quando de repente avistei um salão para fumadores de ópio, era do tipo conhecido como “ópio com flores”, o que significava que você poderia fumar ópio acompanhado por moças que o ajudavam a preparar o cachimbo e assistiam ao seu transe. Pensei que teria de conhecer aquilo, mesmo havendo ali uma possibilidade grande de eu também conhecer o lado negro do mundo em que estava vivendo.

Entrei e logo de cara notei a diferença, todos me olhavam, eu tinha uma forma física. Não fiquei nem um pouco ansioso para saber qual ela era, e procurei me manter afastado dos espelhos. Uma moça vestida com um quimono de seda todo colorido, muito colorido mesmo, cores tão vivas nunca vi igual, veio me explicar o funcionamento da casa. Disse-lhe que queria experimentar. Ela me disse que eu teria de pagar primeiro. Nesse mundo noturno a última coisa em que pensamos é dinheiro, já estava me lamentando, quando enfiei a mão no bolso, eu nem tinha reparado que tinha um, e lá estavam os 1386 dinheiros que ela tinha me dito ser o preço da sessão de fumo de ópio.

Essas coincidências a essa altura me deixaram bastante desconfiado, e comecei a me lembrar da teia de aranha, os

locais onde ficam os nós. Será que se a teoria do homem estiver certa, ela funcionaria também aqui deste lado?

Decidi relaxar e aproveitar o que o lugar me oferecia, havia uma espécie de divã largo com almofadas roxas, onde os freqüentadores ficavam deitados fumando seus cachimbos, e onde as acompanhantes, normalmente sentadas ao lado deles, os ajudavam e observavam seus transe. A coisa não era bonita de se ver, havia fregueses bem vestidos que em transe se urinavam todos, as assistentes faziam barreiras de almofadas para que a urina não molhasse outros clientes. Também pude observar quando uma dessas assistentes roubava a carteira do bolso de um fumante que estava completamente drogado, e de olhos abertos via tudo sem poder reagir.

Para não ter de contemplar por mais tempo essas cenas horríveis, resolvi mergulhar de vez na piscina do ópio. Nem sei se aquilo que fumei era mesmo ópio, pois a moça que preparava meu cachimbo misturava várias substâncias, pós, pedacinhos sólidos de alguma coisa, e por último uma gota verde de um produto que ela tirou de um conta-gotas.

A primeira sensação que tive foi muito boa, um grande alívio de todas as minhas preocupações, todas me pareceram coisas secundárias e sem importância. Também senti no meu corpo, que eu acabava de conhecer, uma ótima sensação de bem-estar. Pela primeira vez reparei nas mãos que tinha, nas pernas, na barriga, sentia-me bem comigo mesmo. Mas apesar disso não quis me olhar no espelho que estava próximo.

Mas isso passou depressa e comecei a me sentir muito mal, primeiro foi uma sensação horrível, parecia que eu tinha ficado entalado em algum buraco subterrâneo que começava

a ser inundado e eu iria me afogar.

No meu momento de maior desespero essa sensação termina, tenho alguns instantes de paz e o que recomeça é ainda pior, parece que a droga vasculhou meu interior, encontrou meus maiores medos e agora se divertia me fazendo sofrer. Talvez ela estivesse puxando minha teia e me vendo usar minhas patas para tentar me segurar nos fios.

Eu me senti como um relógio quebrado que anda para trás, avança sem controle para frente e depois fica parado. Eu não estava encarando o que mais temia, tinha me tornado o meu maior temor. E ainda um, que não obedece a lógica, que não sei como lidar.

Sentia que o oceano do tempo me pressionava com todo seu imenso peso, e eu era uma pequena rolha que tentava conter a avalanche que desabaria sobre a humanidade, eu que era imperfeito em cada partícula que me compunha, em cada idéia que tinha, e que mesmo dentro de minha imperfeição, às vezes me tornava perfeito e por isso mesmo ainda pior.

Me senti o único responsável por uma grande tragédia, o desabamento do tempo sobre o homem, a maldita rolha-relógio que deixou a eternidade desfazer todos os nós e destruir todos os fios das teias das vidas humanas. A morte não resolveria meu caso, porque minha sensação de culpa era tão grande que eu desejava viver para sofrer.

De certa forma eu também não teria mais nada a temer, tudo o que viesse a me acontecer seria lucro. Decidido, levantei-me do divã e fui me olhar no espelho. Um misto de sentimentos duelaram para ver quem gritava mais alto e conseguia vencer a luta pelo meu controle. Acho que brigaram tanto que

acabaram se anulando, e foi um rosto absolutamente neutro o que enxerguei no espelho. Vi o rosto dele, o homem que observa aranhas.

Era ele, mas suas feições eram orientais, tinha olhos puxados, pele amarelada, mas eu o reconheci na hora.

7.

Pronto. Desabafei. Agora cumpro minha promessa e não toco mais nesse assunto. O dia dele foi assim: acordou e logo quis recomeçar o trabalho. Mas notei que, por ter dormido no chão, estava com dores no corpo. Então descansou um pouco numa poltrona antes de iniciar o trabalho, tomou duas aspirinas num grande copo de leite e voltou à sua batalha.

No final da manhã tinha terminado de recortar e marcar as cartolinas. Preparou uns sanduíches e ia comendo enquanto trabalhava. Estendeu sobre o tapete um grande mapa da cidade. Apanhou as fichas com os códigos e em cada uma delas colocava uma pequena etiqueta com um local que retirava do mapa. Não sei qual era o critério que ligava cada quadradinho de papelão a uma específica esquina ou a uma praça. Mas para ele, esses critérios, existissem ou não, eram bem claros, ele foi muito rápido nesse serviço.

Lá pelas três da tarde ele terminou, então tirou de um tubo de papelão uma grande folha de papel vegetal. Quando vi o que tinha ali dei um pulo de alegria, rapidamente me contive porque sei que não devo demonstrar meus sentimentos, o que havia desenhado na folha eram linhas pontilhadas ligando os pontos da cidade onde deveriam ser colocados os cartões coloridos que ele tinha passado a manhã marcando.

Essas linhas por vezes corriam paralelas, outras vezes se cortavam, mas o conjunto de todas elas formava algo muito parecido com uma teia de aranha. Nesse instante imaginei as milhares de aranhas que iriam atravessar diariamente os

pontos marcados, sem terem noção de que estavam realizando algo que...

Acho que na verdade ele não prevê que uma determinada pessoa participará de um determinado acontecimento, mas sim que alguém assumirá aquele posto de participante naquele específico evento, isso é o que suponho. O que não entendo é como ele chega aos números e lugares, deve haver no seu caderno alguma espécie de cálculo matemático.

Em todo caso, ele examinou por mais de uma hora aquele complicado gráfico, sobrepôs essa grande folha de papel vegetal em cima do mapa da cidade, e por mais de uma hora ficou conferindo os endereços do mapa com aqueles que tinha anotado nas etiquetas que estavam coladas nos cartões com os códigos.

Terminado isso foi comer. Lá pelas seis da tarde reparei que ele estranhamente tomou um comprimido para dormir. Às sete da noite estava dormindo. Não entendi essa sua atitude, e o fato de eu não ter o que fazer assim tão cedo, me abriu um espaço para desenvolver uma suspeita que se iniciou há alguns dias.

Alguns fatos que embasam minha suspeita:

1. Esse homem, além de não trabalhar, não tem nenhuma outra atividade, nem televisão ele consegue ver por muito tempo, ou está dormindo, ou está comendo, ou está mexendo com seus papéis e marcações. O que não é uma atividade remunerada.

2. Ele não conhece ninguém. Vive sempre sozinho, não fala com ninguém. Até hoje, o telefone de sua casa não tocou nenhuma vez.

3. Até hoje só o ouvi dizer uma palavra, foi uma vez em que

comprou um sorvete, e ele nem ao menos disse “um sorvete”, disse apenas “sorvete” e apontou com o dedo o que queria.

Eu me pergunto se ele não é apenas alguma espécie de retardado mental que consegue ocupar-se da sua própria higiene e alimentação, talvez recebendo alguma pensão ou ajuda de parentes, e que distrai-se com seus papéis e passatempos, numerando cartelas, desenhando mapas e fazendo brincadeiras com moedas e isqueiros. E eu achando que ele está descobrindo algo importante.

Talvez a verdade possa ser uma mistura das duas coisas. Ele pode ser um desses deficientes mentais que têm habilidades enormes para alguma coisa.

Minhas suspeitas tiveram de parar lá pelas três horas da manhã. Ele acordou e arrumou todo seu material na mochila. Outra surpresa, ele tem uma motocicleta, amarrou na garupa o que não coube na mochila e saiu pela madrugada. Logo três quadras de sua casa fez a primeira parada. Conferiu o mapa e colocou um dos cartões com fita adesiva em uma árvore.

Antes do dia nascer ele já tinha terminado de colocar todos os cartões. Voltou para casa contente. Foi até a geladeira de onde tirou uma garrafa de champanhe, encheu uma taça, mas só deu um golinho.

Revejo aqueles meus pensamentos sobre se ele tem problemas mentais, acho que ele não é um deficiente, mas alguém que vive absolutamente escondido dentro de si mesmo. O mundo exterior é quase um estranho para ele, e é talvez utilizando-se da independência de ser um quase estrangeiro, que ele pode mais livremente perceber como funciona o mundo, e a partir daí tentar esquematizá-lo em sua teoria.

Mas minha grande curiosidade é, digamos que o que ele pretende provar fosse verdadeiro, e ele tivesse sucesso em suas tentativas, o que um homem como ele desejaria conseguir com seu esforço? Desejaria alguma espécie de recompensa pessoal? Mas do que serviria essa recompensa para uma pessoa que leva uma vida como a dele?

Ou desejaria ajudar a humanidade em algum aspecto? Mas como um homem como ele conseguiria transformar um conhecimento teórico em alguma coisa que na prática ajudasse o ser humano?

Nos dois casos não vejo saída nenhuma, é por isso que quando o vi às sete horas da manhã, sozinho na cozinha de sua casa com aquela taça de champanhe perdendo o gás, meu coração se encheu de compaixão. Sei que não posso me deixar levar por sentimentos, então procurei esvaziar minha mente de tudo, não consegui.

O fato é que depois de dar um golinho no champanhe, ele não tinha expressão nenhuma no rosto, também não sei se ele estava comemorando mesmo alguma coisa, se seu trabalho tinha terminado ou se era só mais uma etapa vencida. Se ele ainda iria precisar esperar os resultados das marcações, seu rosto não dizia nada. Eu não sabia o que pensar e essa dúvida até que foi boa para mim pois me ajudou a acabar com a compaixão que estava sentindo por ele.

Mas depois a coisa toda mudou, ele foi para a sala e ficou sentado por mais de uma hora sem fazer nada, sem emitir nenhum som. Comecei a ficar com raiva dele, principalmente porque em certos momentos eu tinha a impressão de que ele estava olhando diretamente para mim. Aquilo me incomodou muito e cheguei a pensar em

simplesmente abandoná-lo. Mas quais seriam as consequências de um eventual abandono? Pelo menos por enquanto quero continuar existindo, então agüentei tudo, pacientemente.

Meu martírio terminou de repente, quando ele tirou uma moeda do bolso e jogou em minha direção, se levantou e foi ligar a televisão para ficar mudando de canal a cada dez segundos. Uma idéia me ocorreu, será que ele não está editando o filme que deseja ver com o controle remoto? Dez segundos de noticiários seguidos de mais dez segundos de filme, no final de meia hora ele criou algo tão estranho quanto ele próprio. Algo parecido com seu método de leitura.

Aquí aconteceu algo de que me envergonho, ele passou mais tempo do que de costume diante da televisão, e sempre mudando sem parar de canal. Já estava há mais de duas horas assim quando aconteceu, perdi a consciência enquanto ele ainda estava consciente. Foi a primeira vez que isso aconteceu e estou embaraçado, não sei o que ele fez no período em que estive fora, pode ter recomeçado a trabalhar sua teoria, pode até ter chegado a importantes conclusões, ou recebido a visita de alguém e conversado com essa pessoa contando um pouco de sua vida.

Muita coisa pode ter acontecido, mas mesmo que nada de importante tenha se passado, esse buraco em branco nas minhas descrições jamais poderá ser tapado e ficará para sempre como um sinal do meu desleixo.

Quando recobrei a consciência já era noite e ele preparava-se para dormir. Desta vez não pegou seu livro para ler. Deitou e dormiu, e eu observei toda sua noite de sono.

8.

Pelo menos, se minhas ausências forem inevitáveis, que daqui para frente elas correspondam ao mesmo período em que ele estiver ausente. Porque se começarmos a desencontrar horários, isso será o meu fim e também o dessa descrição.

Ele acordou muito cedo e parecia ansioso, caminhava de um lado para o outro e olhava bastante para o relógio. Dava a impressão de que estaria esperando por algo. Ficou nessa agonia até as nove horas da manhã, quando pegou sua motocicleta e começou a percorrer todos os pontos em que tinha deixado suas marcações. Ele parava, dava uma olhada se o cartão ainda estava lá e seguia para outro ponto. Não trazia nenhuma anotação dessa vez, e sabia de cabeça a localização de todos os pontos, que eram muitos e por vezes bem distantes entre si.

Fica cada vez mais afastada aquela teoria de que ele seria um deficiente mental. Ele sabe exatamente o que quer e tem um propósito claro em cada um de seus atos.

Voltou para casa por volta do meio dia e preparou seu almoço. Estava sereno, sua fisionomia me dizia que ele tinha terminado uma parte de sua tarefa e agora relaxava por uns instantes, juntando forças para a parte mais importante.

Depois do almoço foi para frente da televisão, só que dessa vez diminuiu bastante a velocidade com que trocava de canal, ficava até três minutos sem mudar. Mas percebi por seus olhos que ele estava longe dali, as imagens nada lhe diziam, eram apenas luzes coloridas e música de elevador.

Ele acabou cochilando na frente da televisão por uma

meia hora, e pela primeira vez vi o controle remoto ter um pouco de paz e apenas um canal ser mostrado por um bom tempo. Acordou sobressaltado e olhou no relógio. Vi por sua fisionomia que aquela meia hora de sono não estava prevista, e que tinha sido considerada perda de tempo. Foi até o banheiro, lavou o rosto e apressado correu para ver suas anotações e mapas.

Agora sepulto de vez a possibilidade da deficiência mental. Ele abriu um saco plástico que guardava embaixo de sua cama, lá dentro havia diversos cadernos, mapas, folhas com desenhos e milhares de fotografias. Num dos cadernos pude ver que entre cada uma das páginas havia uma folha de árvore, e cada uma delas era de uma árvore de um ponto onde ele tinha deixado suas marcações. Havia fotos das casas em volta dos pontos marcados, das árvores da rua em cada uma das estações, de folhas caídas no chão e de pessoas passando próximas aos pontos marcados em diversos horários do dia. Fotos dos locais sob chuva, sol e até de passarinhos que vivem por lá. Havia junto das fotos, uma caixinha com algumas penas de passarinho e até com as cascas de um ovinho.

Muitos desenhos também, páginas inteiras retratando a rede elétrica das ruas estudadas. Outra caixinha etiquetada com fragmentos de calçadas e asfalto. Um pacote inteiro, que deveria ter dentro uns dez cadernos estava etiquetado como “cálculos matemáticos”. Muitos outros objetos, chupetas de nenê, moedas, um sapato velho, uma meia, restos de propaganda política, uma lata de leite condensado vazia, tudo isso também estava etiquetado como “objetos encontrados”, e cada um trazia o endereço, a data e o horário de quando tinha sido encontrado.

Mas o que mais despertou minha curiosidade foi um saco plástico preto, que não deixava ver seu conteúdo, e que estava etiquetado como “estudos das possibilidades”. Muitos outros pacotes estavam classificados em código. Vi diversos pequenos pedaços de madeira com a etiqueta AKHA 1, depois vi uns vidrinhos pequenos, que aparentemente estavam vazios, classificados como AKHA 2.

Todo esse material parece ter sido coletado ao longo de anos, vi um caderno que me parece ser o mais velho de todos com a data de vinte anos atrás. É o trabalho de uma vida o que está ali.

Após revirar tudo, pegou somente três cadernos com anotações, e guardou todo o resto embaixo da cama, pude ver que ele guardava ali também um pequeno microscópio.

Com esses três cadernos nas mãos, e mais o mapa da cidade e a folha de papel vegetal com as anotações dos pontos marcados, ele trabalhou por mais de dez horas seguidas sem nenhuma interrupção. Os cadernos eram escritos numa mistura de letras e números, por vezes eu pescava alguma palavra solta ou expressão que apareciam ali, “voltagem”, ou “possibilidade nula”, mas aquele código parecia ser feito para que só ele mesmo entendesse.

Ele trabalhava com agilidade, comparava dados entre os três cadernos, conferia localizações no mapa e na folha de papel vegetal que estava sobreposta a ele. Em seguida escrevia em um bloco em branco algumas observações referentes ao que tinha pesquisado, essas observações eram escritas nessa língua mista de números e letras, de vez em quando aparecia alguma palavra.

Pelas suas expressões parecia que o trabalho ia muito

bem, ele nem se importava em ficar sem comer, tinha ali toda a nutrição de que precisava. Talvez ele esteja vivendo os dias mais importantes de sua vida. Está esperando algo grande, e tenho certeza que de uma maneira ou outra isso acontecerá, nem que seja sob a forma de uma grande decepção.

Ele não dormiu sobre seus papéis. Mesmo exausto teve energia para guardá-los cuidadosamente, e recolocar os três cadernos que tinha tirado do pacote que estava embaixo da cama, exatamente no lugar de onde os tirara. Reparei que na borda de cada caderno havia uma anotação sobre a ordem em que deveriam ficar.

Completamente exausto foi até a cozinha, encheu uma taça de champanhe e com muito esforço bebeu-a. Reparei, por sua expressão, que beber champanhe àquela hora e com o cansaço que estava tinha sido uma obrigação. Talvez fosse até um ritual ou algum código que anunciasse o vencimento daquela etapa. Arrastou-se até o quarto e dormiu quase imediatamente.

O que dizer de uma pessoa assim? Sei que eu não deveria dizer nada, mas as coisas desde o início não seguiram seu caminho tradicional. E agora, nem se eu quisesse conseguiria voltar para ele. O que foi feito não se muda mais, e o caminho vai sendo construído conforme avançamos, eu e ele.

Descobri que ele vem trabalhando em seu projeto há pelo menos vinte anos, desde muito novo então, pois ele não parece ter nem quarenta anos. Descobri que ele construiu sua própria teia de idéias de uma maneira muito mais complexa do que eu imaginava, e que talvez esteja vivendo os momentos decisivos na comprovação de sua teoria.

Não descobri qual deve ser o produto final que provará que ele está certo, mas acho que não estou longe disso.

Digo que ele é um homem inteligente, que descreve completamente dos valores sobre os quais nosso mundo foi construído, e que muito cedo buscou um caminho alternativo a esses valores .

É possível que ele seja um egoísta e que esteja fazendo tudo isso só pensando em si mesmo. É possível também que seja um idealista e que esteja doando sua vida para a humanidade.

Ele é metódico e, apesar de não parecer, é muito organizado. Isolou-se completamente do mundo para conseguir ter a liberdade de vê-lo de longe, sem receber influências, com isso foi perdendo até a capacidade de falar a própria língua materna, balbucia palavras-chave quando elas são absolutamente necessárias. E isso prolongou-se pela escrita, reparei que nos primeiros anos seus cadernos tinham longas descrições escritas. Com o passar do tempo as palavras foram sendo substituídas por códigos de letras e números. Arriscaria até o palpite de que ele pensa de maneira diferente.

Seu mundo é diferente do mundo dos outros em vários aspectos, talvez em todos eles. Momentos tristes pode ser que não signifiquem perdas ou decepções, e a felicidade, às vezes, pode ser para ele um fardo muito tedioso de ser carregado.

Às vezes no lugar de descrever, eu gostaria de perguntar, é muito mais simples, e eu satisfaria meus instintos, que partindo do nada, só cresceram durante esse período em que o acompanho. Já sei até a pergunta que faria para ele, seria uma só:

Caro homem, cujo nome desconheço, mas sobre cujas intenções começo a ficar familiarizado, caso consiga descobrir como é que funcionam as teias de aranhas, o que significam os nós e por onde é que elas caminham, gostaria de saber se você nunca se perguntou onde é que as teias são fixadas?

9.

Ontem à noite... bem, eu prometi que não tocaria mais no assunto e não vou fazê-lo... só gostaria de dizer que ontem à noite fui muito, mas muito mais longe do que aquela cidade oriental que fui na outra noite. Felizmente nossas saídas coincidiram e recobrei a consciência uma meia hora antes dele. Foi bom porque pude ver que seus últimos momentos de sono foram bastante agitados. Revirou-se de um lado para o outro e até balbuciou algumas palavras que não consegui entender. Claramente havia algo em seu sonho que o perturbava muito.

Acordou e, de pijamas mesmo, foi diretamente lidar com seus papéis. Primeiro passou cerca de uma hora consultando cadernos e escrevendo em código em folhas soltas. Depois voltou para o quarto e foi vasculhar embaixo de sua cama. Notei que é ali que está seu tesouro, a parte mais valiosa de seu material.

De um outro saco preto que eu ainda não tinha visto, ele tirou um maço de fotografias de pessoas. Eram homens e mulheres de todas as idades, crianças e bebês. O que percebi foi que as fotos eram feitas em lugares públicos, e também que eram fotos tiradas sem que as pessoas percebessem, provavelmente com uma lente de longo alcance.

Quando vi esse maço de fotos, suspeitei o que ele iria fazer com elas, alguns segundos depois e minhas suspeitas tinham se confirmado, ele estava espetando-as com alfinetes no mapa da cidade, em cima dos pontos em que as linhas criadas por ele se cruzavam. Agora as aranhas tinham rostos.

Preciso raciocinar um pouco para não me perder: se estou certo no começo do meu raciocínio, então ele está desvendando a maneira como a vida funciona, as marcações que fez pela cidade são os pontos de encontro de fios, ou lugares onde devem acontecer eventos, acontecimentos... as cenas da grande peça.

Eu poderia contra-argumentar que as cenas acontecem em todos os lugares o tempo todo, não existe nenhum ponto vago onde não haja alguma espécie de nó. A grande teia tem fios invisíveis e sutis que costuram toda a realidade. É muito fácil indicar um ponto, lá algo estará acontecendo e mesmo que não haja ninguém, lá haverá uma coruja quieta pousada em algum galho, ou haverá a brisa molhando a relva.

Contra esse meu argumento ele poderia afirmar que os nós indicados por ele seriam acontecimentos de maior relevância. Acontecimentos que sempre envolveriam pessoas e que deixariam marcas nas vidas dos envolvidos. Novamente entraríamos no terreno do relativo, o que é relevante? O que não é? Com o eterno jogo de conseqüências que a vida apresenta, o que é relevante pode passar a não ser e vice-versa. E os eventos têm de ser absolutos e não relativos. Esse é um outro argumento que ele também não conseguiria rebater.

Agora, com essas fotos colocadas nos lugares que foram marcados, ele poderá ir além, poderá dizer quais atores encenarão aquele acontecimento. E se isso provar-se verdadeiro eu não terei contra isso nenhum argumento.

Terminou as marcações das fotos lá pelas duas da tarde ainda vestindo pijamas. Parece que venceu outra etapa importante na sua programação, pois depois que enfiou o último alfinete, foi invadido por uma paz que nunca vi igual.

Foi muito diferente dos momentos de alegria pelos quais o vi passar, neles ele estava tão agitado quanto nos instantes de tristeza, agora seus movimentos eram como uma brisa sobre as águas de um lago.

Isso me fez desconfiar que talvez o que ele temesse que pudesse dar errado já tivesse passado, agora nada mais poderia perturbar os acontecimentos que ele previra, eles estariam sendo gestados e só o que tinha a fazer seria esperar. Ele tinha decifrado a equação do jogo de conseqüências e agora poderia saber dos resultados antes que eles fossem oficialmente anunciados pela vida.

Tomou o banho mais longo que já o vi tomar, colocou sua melhor roupa e foi de motocicleta para o centro da cidade, deixou a moto num estacionamento e reparei no estranhamento do rosto do manobrista, que não deve estar acostumado a ver pessoas com uma impressão de paz tão profunda no rosto.

Caminhou pelo centro da cidade espantando com seu meio sorriso quem cruzava com ele. Parou no último lugar que eu imaginaria que uma pessoa com aquela expressão pararia. Entrou num imenso, escuro e lotado fliperama. Mas a agitação, o barulho e as luzes que piscavam parece que não tinham efeito nenhum sobre ele. Os esbarrões e a espera na fila para comprar as fichas também não modificaram seu estado de paz.

Parece que só um tipo de máquina o interessava, o tradicional fliperama de bolinhas. Esperou pacientemente uma das máquinas vagarem, aproximou-se dela, apalpou o visor, observou atentamente as pontuações prometidas e as cores com que eram pintadas cada parte do mostrador, sem muita força atirou a primeira bolinha. Sem estar ainda familiarizado

com o manejo da máquina, ela caiu onde não deveria . Sua expressão não se alterou, ele ainda tinha cinco bolinhas disponíveis.

Com a segunda bolinha um pouco mais de sucesso, ela atingiu uns obstáculos laterais e o marcador de pontos saiu do zero. Depois com a haste que ele mexia apertando um botão, conseguiu jogar a bolinha bem para cima e ela foi sendo rebatida de um lado para outro, luzes e barulhos confirmavam que ele estava assinalando pontos. O marcador chegou a onze mil e a bolinha escorreu entre as duas hastes sem que ele pudesse fazer nada.

Ainda restavam quatro bolinhas, ele olhou para o marcador de pontos, depois viu qual era o recorde daquela máquina, que era de oitocentos e vinte e sete mil pontos. Deixou as quatro bolinhas paradas e foi embora. Tomou um sorvete e depois voltou para o estacionamento para pegar sua moto.

No caminho para casa percebi que num determinado momento ele vacilou e diminuiu a velocidade da moto como se estivesse indeciso. Acho que talvez tenha passado por sua cabeça um início de suspeita, uma vontade de ir verificar os locais onde iriam acontecer os eventos antes que eles acontecessem. Mas ele seguiu em frente rumo à sua casa.

Quando chegou em casa reparei que sua expressão já não era a mesma, ele tinha começado a duvidar da paz que sentira. A necessidade de se preocupar com alguma coisa se manifestara, seu lábio de baixo sobreposto ao de cima mostrava isso.

Foi para a frente da televisão, e dessa vez não deixava mais de três segundos em cada canal. Passei uma hora muito nervosa observando-o. De repente desistiu da televisão e foi

olhar para as fotos que estavam colocadas sobre os pontos marcados no mapa. Reparei então, que cada alfinete atravessava mais de uma foto, às vezes duas, às vezes até cinco. Pela lógica, seriam as pessoas envolvidas no mesmo evento. Pessoas que poderiam morar em lugares distantes da cidade, ou até nem morar nela, pessoas que poderiam não ter nenhum ponto em comum, nem idade, nem interesses, nem sonhos, mas que estavam ligadas por esse fio secreto que teoricamente tinha sido descoberto.

Mas não digo mais nada, as fotos agrupadas podem significar outra coisa, falei de lógica, mas a pergunta é: qual lógica? A minha, a dele, ou uma lógica absoluta (se isso existir). A lógica dele parece ser muito mais refinada e sutil do que a minha. As trovoadas não trazem necessariamente chuva.

Outra enorme surpresa, ele retirou os alfinetes e embaralhou todas as fotos de olhos fechados. Depois começou a recolocar os alfinetes nos grupos de fotos. Reparei que pelo menos a primeira foto, nos pontos que eu me lembrava, tinha mudado. Também a quantidade já não era mais a mesma. Depois que fez isso sua expressão passou de agoniada a neutra.

Novo xeque-mate na teoria que eu estava construindo sobre ele, tudo o que pensei que ele estava fazendo foi por água abaixo. Ele está concordando com minha primeira afirmação, em qualquer lugar e a qualquer hora a vida acontece e o acaso é que a comanda. Tinha sido vencido por uma tarefa grande demais para ele.

Mais um pouco de televisão, dessa vez dez segundos em cada canal e caminhou para o quarto à procura da ausência.

O mais estranho foi que ele pulou de uma serenidade

absoluta para um estado de dúvida e acabou desistindo de tudo sem ao menos verificar os resultados daquilo pelo qual tanto lutou. Isso não faz nenhum sentido, talvez seja mais uma pista falsa, tinha me esquecido de que ele desconfia da minha existência, talvez até tenha certeza dela.

Ele é esperto, pode ser que tenha anotado a verdadeira ordem das fotos em algum lugar, ou então que saiba exatamente quais embaralhou em cada montinho, e a disposição final sempre tenha sido essa de agora. A expressão neutra do rosto seria só mais um disfarce.

Ele pode estar esperando alguma coisa, um sinal, uma data, um horário, enquanto isso pode ser que não queira que ninguém se meta com suas coisas, e talvez por isso faça sempre o oposto do que esperam que faça.

Suspeito dele da mesma maneira que ele suspeita de mim.

10.

A ausência não veio me procurar ontem à noite, o que me deixou bastante contente. Procurei então aproveitar esse tempo que espero que, de agora em diante, continue existindo. Pretendo utilizá-lo da maneira mais útil possível.

Tentando antecipar algum possível movimento dele, decorei as fotos e a ordem delas, nas dez primeiras marcações a partir da casa dele. Estou familiarizado com os rostos, e poderei eventualmente usar essas informações que duvido que ele desconfie que eu tenha.

Depois da memorização ainda tive tempo de observar seu sono, que me pareceu tranqüilo demais para alguém que acabou de desistir de um projeto que lhe consumiu vinte anos de vida.

Minhas suspeitas de que ele vive dias de espera ganharam força, ele passou a manhã verificando a moto, fez o motor funcionar várias vezes, trocou o óleo e verificou a bateria. Ele quer ter tudo pronto para, se necessário, partir de repente.

Percebi que deu uma passada por onde estão o mapa e as fotos, e de canto de olho observou se estava tudo exatamente como ele havia deixado. Ele está preparando o bote.

Mas o que poderia estar esperando? Como seria esse sinal que o avisaria que os eventos começaram a acontecer? E como eles aconteceriam, um por vez, todos simultaneamente? E que tipo de acontecimentos seriam?

Passei o dia inteiro me remoendo com dúvidas e incertezas, cheguei a ter raiva dele por saber disfarçar e dissimular tão bem suas intenções. Mas no final da tarde o ditado provou-

se verdadeiro, nenhum crime é perfeito. Ele lanchava e começou a fazer desenhos de objetos que não conheço num guardanapo, percebi que aquilo era um truque para desviar minha atenção do que realmente interessava.

De repente a tinta da caneta acabou e ele foi até o quarto buscar outra, abriu a gaveta da mesinha de cabeceira e pegou uma caneta. Foi aí que reparei que ao lado do despertador havia um calendário, e que o dia de amanhã estava discretamente circulado em vermelho, e mais discretamente ainda, escrito a lápis, havia um horário: 15 horas.

Aquilo só poderia marcar o início dos eventos. Eles teriam hora exata para começar. Voltei para a sala todo contente, assisti-o desenhar objetos que não existem. Tive toda a paciência do mundo, e porque não dizer, até um pouco de pena dele.

Ainda não tinha certeza de nada, mas tudo estava casando perfeitamente, a verificação da moto, todas essas tentativas de despiste ocorridas nos últimos dois dias, seu comportamento ainda mais estranho e esses desenhos sem sentido que fez e logo abandonou.

De repente uma outra idéia me ocorreu: será que na verdade ele quer que eu esteja presente? Justamente para documentar todo seu esforço. Bolou todo esse estratagema para que eu acreditasse que ele não saberia que eu estaria lá. Dessa maneira eu não me sentiria conduzido por ele e teria muito mais espontaneidade e liberdade em minhas descrições.

Isso é até possível, mas se for verdade não vou fazer nada para evitar meu comparecimento amanhã no início dos eventos. Meu pensamento evolui de maneira estranha, já

estou dando como absolutamente certo que os eventos começarão amanhã às quinze horas.

Caso tudo se confirme, tenho uma suspeita sólida de que o coração de sua teoria está guardado dentro daquele saco preto que ainda não vi aberto e que está etiquetado como “estudo de possibilidades” e também tenho algumas suspeitas sobre aquele livro que ele costuma ler à noite. Para dizer a verdade suspeito que ele mesmo seja o autor, e que aquele romance não passe de um monte de códigos disfarçados de obra literária. Seria uma maneira esperta de todas as noites rever e estudar tudo que precisaria ser lembrado sem despertar nenhuma suspeita.

Como nenhum crime é perfeito, se ele tivesse criado um escritor fictício e posto seu nome na capa, eu jamais teria como desconfiar de suas leituras noturnas.

Conforme o dia foi se aproximando de seu fim ele foi ficando cada vez mais agitado, ia verificar a motocicleta, voltava para a sala e ligava a televisão, ia para a cozinha beber água, voltava a ver a moto. Tudo indicava que amanhã seria o grande dia.

No fim da tarde uma surpresa, ele escreveu um longo texto, não pude ler o que estava escrito, mas vi que eram palavras e não somente letras e números. Ele escreveu num caderno e logo o guardou embaixo de sua cama. Fiquei tentando descobrir o que seria, talvez a formulação final de sua teoria, talvez a peça do quebra-cabeças que faltava e que, conhecendo-o um pouco, sei que apesar de ser escrito em palavras, elas podem querer dizer outra coisa além de seus meros significados.

Lá pelas nove horas da noite ele tomou um comprimido

para dormir. Tive longas horas para especulações e reflexões: primeiro quis violar um pouco a primeira lei de minha existência – refleti sobre um assunto que não era o objeto da descrição. Perguntei para mim mesmo e continuo me perguntando – aproveito a deixa para mudar o tempo verbal para o presente – se estou narrando a vida desse homem misterioso, se essa é minha única obrigação e minha única razão de existir, quem disse que as coisas devem ser dessa maneira? Quem criou essa lei de vida e morte? E a mais importante das perguntas: a quem servem os meus serviços?

Quem são vocês, homens ou mulheres misteriosos que precisam de alguém como eu? O que vocês fazem com as informações que eu lhes passo? Para mim, a vida do homem que descrevo, comparada às vossas vidas, é algo coerente e sem contradições, entendo seus objetivos e métodos, mas vocês... uso o plural por força do hábito, mas posso estar prestando meus serviços para apenas uma pessoa. Também é por vício de linguagem que digo homens e mulheres, você pode não ter sexo, ou pode ter um que desconheço.

Há até a possibilidade que você simplesmente não exista. Que meu trabalho e existência tenham sido originados por uma força aleatória, como o resultado de um choque de duas bolas de bilhar, por algum tempo uma delas é impulsionada com força para alguma direção. Mas a força de seu impulso original não existe mais, é limitada, tem direção que pode ser prevista e só faz diminuir de intensidade.

Por isso, essa liberdade que acho que venho conquistando, talvez seja algo que pudesse já estar contido no momento em que percebi estar consciente. Sou então tão livre quanto posso ser. Meu livre arbítrio é a possibilidade que tenho de

explorar, ou não, toda a liberdade que já me pertence, mas nunca de ir além de seu tamanho verdadeiro.

Sou o elo que une duas dimensões. Minha dúvida é se a minha liberdade teria o tamanho suficiente para me fazer atravessar para qualquer um dos dois lados. E essas dimensões que me usam como elo, serão elas as últimas, ou outros elos existirão que levarão a dimensões mais distantes e depois outros elos ainda, e mais mistério, e mais não saber-se por quê ?

As regiões brumosas, onde a consciência muda de forma, me fazem acreditar que minha importância não é tão grande quanto eu julgo, há muita corrente pela frente, mas cada elo sempre julga-se o mais importante.

Imagino se amanhã às três da tarde eu o acompanho, e tudo o que ele previu acontece. Suas especulações provam-se uma teoria sólida que funciona em todas as situações. Ele descobre exatamente como funciona a vida e o papel das consciências dentro dela. Daí percebo que se uma coisa funciona bem em uma dimensão, por que com algumas adaptações não funcionará bem em outras. Poderei então romper meus elos internos, alargar minha liberdade até onde vá meu desejo, descobrir o que existe além da mais distantes das regiões brumosas. Talvez descubra que a maior das teias não é a que tem os fios mais longos, mas sim a que tem os fios mais finos.

Especulações de quem assiste alguém dormindo na véspera do dia mais importante de sua vida. E quanto a mim, teoricamente, o dia mais importante da minha vida será quando eu terminar minhas descrições, e que coincidentemente será o dia em que deixarei de existir.

Gostaria que essas duas datas não coincidissem, que houvesse ainda alguma existência depois da realização do meu maior objetivo. Nem que fosse para cultivar memórias da glória atingida, recordações que só fariam distanciar-se dia a dia, ficando menos claras e mais apagadas. Mesmo que fosse para viver na ilusão de que meu objetivo alcançado será sempre algo importante, ainda assim não gostaria de terminar junto com a realização de meu maior feito.

Mas, no meu caso, quais seriam minhas opções? Tornar-me um fantasma de uma descrição completa, uma idéia que valendo-se de algum eventual sinal de reticências, tentasse prolongar e dar rumo indefinido à narração, ou então que tentasse voltar ao princípio da história, tentando formar um círculo sem fim e acreditando que a eternidade mora lá?

Isso seria mumificar o defunto e acreditar que, porque o corpo não irá se deteriorar, então a vida continua. Pior do que descrever minhas visitas às regiões brumosas, seria alguém que, nas minhas condições, criasse expectativas e sofresse decepções. Isso seria perder a própria identidade e não adquirir outra, tornando-se um híbrido no meio de algum lugar que desconhece. Algo como um chinês albino vagando pelo meio das tribos de pigmeus africanos.

O sol do dia mais importante da vida desse homem está nascendo, hoje quero caprichar e pintar o retrato mais fiel possível desse dia.

11.

As luzes foram ganhando forças aos poucos na batalha contra a escuridão. Lentamente, pelos cantos, as cores foram se formando, o marrom escuro foi amarelando e tornou-se dourado, os raios de sol pálidos começaram a atravessar o azul-escuro cada vez mais claro. A grande bola amarelada apontou no horizonte e foi ganhando espaço e força. A partir daí a escuridão não demorou a morrer. O dia tinha nascido.

Por enquanto ele ainda dorme e pelas expressões de seu rosto, não sonha. Não está em lugar algum, está desligado, suas funções vitais acontecem, ele está lá. A luz vai dando um jeito de invadir seu quarto, começa pelos cantos, os raios de sol descem até o chão e, devagar, começam a subir em direção à sua cama.

Como ele está fora, não está em lugar algum, não suspeita que em alguns minutos os raios de sol irão beliscar seus dois olhos, e pronto, a consciência voltará imediatamente de onde esteve.

Seu nariz já está iluminado, lá fora as pessoas caminham apressadas para o trabalho. A luz sobe um pouco mais e seus olhos se abrem. Olham para cima, piscam, as mãos sobem até eles e os esfregam. Ele boceja sem mover o corpo. Está de volta.

Levanta o tronco para observar o relógio e deita-se novamente. Já está vivendo o dia mais importante de sua vida. Parece que despertou cedo e tem tempo de sobra até que precise se levantar, por enquanto continua deitado na mesma posição em que acordou. Chegou até a fechar os olhos novamente, mas

dessa vez percebi claramente que, sob as pálpebras, ele estava consciente e seu cérebro funcionava a todo vapor. Acho que devia estar planejando as atividades do dia.

Tomou um impulso e levantou-se. Vou pular aqui os detalhes pequenos e vou colocá-lo já vestido tomando uma xícara de café. São sete horas da manhã e hoje ele escolheu tomar só café puro sem nenhuma comida para acompanhar.

Em virtude de hoje, possivelmente, ser o dia mais importante de toda a narração, depois que ele terminou a xícara de café, estamos no tempo presente.

E hoje é um presente mais presente que os outros.

Caminha de um lado para o outro como uma fera na jaula. Parece que tudo que tinha para fazer já foi feito e agora, em teoria, só tinha de esperar pelo horário marcado. Essas últimas duas horas estão sendo as mais estressantes de toda a narração. Seus olhos são os de um tigre faminto e ferido preso em um cubículo. Por uns instantes escolho olhar para o relógio, que me irrita menos do que ele.

Agora ele muda, vai examinar as fotos, cuidadosamente apanha os montinhos e envolve cada um deles com elásticos, essa é a ordem certa... coloca os montinhos no bolso da camisa. Consigo reparar em alguns dos rostos. Um senhor de cinqüenta e poucos anos, de cavanhaque e careca, um rapaz de vinte anos com uma grande cicatriz na testa, uma menininha loira de três ou quatro anos, uma mulher muito gorda de cabelos vermelhos... foi o que consegui memorizar, essas eram algumas das fotos que estavam por cima nos montinhos. E o que significaria ser a foto de cima, seria a pessoa que deflagraria o evento, a que teria o papel mais importante no acontecimento?

Ele voltou a se comportar como o tigre agoniado, acho que está com medo que tudo dê errado... mas e a carta que o vi escrevendo ontem... não quero e nem posso especular... mas não será uma carta de despedida caso nada dê certo?

Os minutos se arrastam cada vez mais devagar, e vão destruindo meus nervos com seu movimento. Estou a ponto de explodir, abandonar tudo, voltar para de onde vim... mas falta tão pouco...vou agüentando. Ele vai verificar a moto, isso me alivía um pouco, liga o motor e acelera bastante dentro da garagem que vai se enchendo de fumaça. Sai tossindo de lá, volta para a sala e continua sua rotina de felino ferido. Na cozinha apanha uma cebola inteira e a corta em duas metades. Come uma e deixa a outra sobre a mesa.

Disfarce? Loucura? Ou apenas um almoço rápido e exótico? Reparo que faz o maior esforço possível para disfarçar a expressão de agonia que a cebola lhe traz. Vai para o quarto e de dentro de uma gaveta tira dois relógios de pulso, parece estar se equipando, são os detalhes finais para o grande momento.

Quatorze horas, com os dois relógios, um em cada braço, ele senta-se bem em frente ao grande relógio de parede da sala. No bolso as fotos e na mão a chave da moto. Não tira por nenhum segundo os olhos do relógio, para não me irritar ainda mais faço o mesmo que ele, e o tempo até que flui mais tranqüilo.

Quatorze horas e cinqüenta e sete minutos. Sua cabeça pula do relógio de parede para os relógios de pulso, compara também os horários dos dois com o relógio maior. Parece que tudo caminha bem, a sincronia perfeita parece animá-lo, e ele agora já parece um animal que descobriu um buraco por onde fugir de sua jaula.

Quatorze horas e cinqüenta e nove minutos. Sua língua sai para fora da boca e começa a se movimentar, ele está nervoso, reparo que seus dedos do pé movem-se dentro dos sapatos, suor escorre do seu rosto. Olhos fixos nos mostradores dos relógios de pulso.

Quinze horas, é deflagrado o início dos acontecimentos, eu estava certo... ele caminha rapidamente até a garagem e sai a toda velocidade de moto... na verdade ainda não posso dizer com toda certeza que estava certo.

Ele corre muito e atravessa os sinais vermelhos. Parece não se importar com qualquer perigo. Será que já sabia antecipadamente que naquele instante e local nenhum veículo cortaria seu caminho?

Chega num dos pontos que eu já tinha visto em uma das fotos, é uma esquina banal com algumas árvores, duas casinhas de madeira e uma cobertura de ponto de ônibus. Pára a moto bem na esquina, verifica os dois relógios de pulso e tira do bolso o primeiro macinho de fotos. Reconheço o senhor cinqüentão careca de cavanhaque, reparo nas outras fotos que estavam encobertas pela dele. Havia um homem moreno de mais ou menos quarenta anos com uma camisa azul, um senhor de mais de setenta anos de boné e muito queimado de sol, e um baixinho com menos de um metro e meio, essa informação estava escrita na borda da foto dele.

De repente, um carro saindo de ré da garagem de uma das casas é atingido na traseira por um ônibus que vinha em alta velocidade. O carro roda duas vezes e sobe em cima da calçada, muito próximo de onde ele tinha parado a moto, na verdade a menos de vinte centímetros. Dois minutos depois o senhor cinqüentão da foto sai de dentro do carro, está

meio zozzo, mas não está ferido.

O homem de quarenta anos e camisa azul desce do ônibus e pergunta ao outro se está bem, ele dirige o ônibus, o cobrador também desce e examina os estragos no carro e no ônibus, ele é o baixinho da foto. Todos estão atordoados, não há nenhum passageiro no ônibus, provavelmente o motorista estava apressado para recolher o ônibus e ir para casa.

Ninguém ainda havia decidido que atitude tomar, quando um velho sorveteiro empurrando seu carrinho aproxima-se do local do acidente para ver os estragos. A aparição desse velho encerra as razões pelas quais o homem deveria ainda permanecer naquele lugar. Uma rápida conferida nas quatro fotos e a moto já estava rumando a toda velocidade para um outro ponto da cidade. Seus olhos e sua boca pareciam com os de uma fera que escapou da jaula e agora persegue obstinadamente a presa que lhe matará a fome.

Não parou em nenhum sinal vermelho, muitos carros estiveram próximos de se chocar com a moto, mas nada aconteceu. Ocorreu-me a idéia de que ele mesmo também pertenceria a essa série de acontecimentos previstos matematicamente para acontecer, e como em seus cálculos nenhum acidente com sua moto tinha sido identificado, então ele não corria nenhum risco.

Não importava a velocidade que corresse, nem a quantidade de imprudências, aquele homem naquele dia estaria cientificamente imune a acidentes. Pois sendo ele quem verificaria a ocorrência dos eventos, se ele não estivesse lá, eles ficariam sem comprovação, o jogo de conseqüências seria modificado, muita coisa que deveria acontecer acabaria deixando sua existência apenas na possibilidade. O mundo

inteiro, para sempre, seria modificado. Os eventos iriam acontecer, e ele não poderia ser impedido de comprová-los por nenhuma força existente. Nesse dia, caso minhas suspeitas se comprovassem, esse homem seria absolutamente imortal.

Ele faz o inesperado: pára em um sinaleiro. O verde vem, mas ele continua parado olhando para seus dois relógios de pulso. Os carros buzina para que ele se mova, e acabam desviando dele. O sinaleiro fecha novamente e um carro emparelha ao lado de sua moto. Reconheço a mulher gorda de cabelos vermelhos. Ela mexe no rádio do carro, o sinaleiro abre e ela segue adiante. Ele toma o sentido oposto ao da mulher, a toda velocidade. No seu rosto a mesma expressão obsessiva de quando completou o primeiro evento.

Talvez um evento não precise ser algo grandioso, talvez as linhas invisíveis que constroem a vida e se cruzam escolham maneiras muito diferentes para representar nós do mesmo tamanho, talvez as coincidências sejam fios que se enroscam. Ele parece estar sabendo o que faz, e continua não se preocupando com os carros que atravessam muito próximos à sua frente.

Diminui bastante a velocidade, está num bairro residencial com ruas bem largas, começa a andar em círculos em frente a uma casa, sempre olhando para seus dois relógios de pulso. De repente a moça de cabelo vermelho, que eu já tinha visto numa foto, sai chorando da casa em frente à qual ele andava em círculos. Atrás dela vem um homem que deve ser seu marido, ela xinga-o, ele pede perdão, ela chora. Diz que quer sumir, que não merecia aquilo que ele fez para ela. O motociclista pára de andar em círculos, ela aproxima-se dele e pede para que ele a leve embora, quando vai subir na

garupa ele arranca a toda velocidade. Por que aqueles círculos? Mais um evento cumprido.

Não será tudo uma armação, pessoas contratadas por ele? Dias observando-o em atividades misteriosas que me sugeririam a acreditar que ele iria tentar o que está tentando... eu predisposto a acreditar e só esperando pelas confirmações... então ele se torna o centro da história, o herói romântico que consegue vencer todas as barreiras para realizar seus feitos.

Minhas dúvidas aumentam, e já não me surpreendo quando vejo a menina loirinha de três ou quatro anos, que eu tinha visto na foto, participando de mais um evento inesperado e que aparentemente seria impossível prever.

Enquanto não estiver mais seguro de que não estou servindo a outros propósitos que não os de descrever algo que acontece naturalmente, não vou mais mergulhar de cabeça em descrições minuciosas... os mais diferentes tipos de eventos aconteceram até o final do dia. Ele parou a moto e com uma caneta foi assinalando as fotos que já tinham participado dos acontecimentos. Demonstrou clara, e bastante cenicamente, que tinha terminado. Beijou as fotos e jogou-as todas para o alto.

Desconfiei ainda mais dele, ele parecia estar fingindo alegria. Um sorriso forçado de alguém que parece estar encobrendo alguma coisa. Depois dessa cena, tomou o caminho de casa, voltando a conduzir a moto com cuidado.

Quando chegou em casa não estava nem alegre nem triste, esse homem neutro não parecia alguém que tinha conseguido provar uma teoria em que tinha trabalhado por vinte anos. Também já não se parecia mais com o fingido de alguns minutos atrás. Nada parecia lhe importar muito.

Lembrei-me da longa carta que ele tinha escrito ontem, ele parece que também se lembrou e foi procurá-la. Queimou-a. Em alguns pedacinhos que sobraram pude ler as palavras “método” e as expressões “a todo custo” e “para todo o sempre”.

Acho que teria sido melhor eu ter esquecido esses restos mal queimados, eles só colocaram pontos de interrogação dentro de outros que já existiam.

O que seria a carta? Algo que ele queria dizer caso sua teoria não se provasse verdadeira? Um testamento de um experimentador fracassado?

Idéias e mais idéias borbulham dentro de mim, sei que essas bolhas podem me destruir e a todo o resto. Mas já me conformei com minha condição e vou criando auto-justificativas para aceitar o borbulhamento de idéias.

Será que esse homem já não teria superado a necessidade de se alegrar com suas conquistas? Será que ele, conseguindo ver como funciona a “máquina do relógio da vida”, não percebeu que vitórias e derrotas são como os movimentos de um pêndulo, e por isso encara as coisas com frieza?

O sorriso artificial seria um resquício da época em que ainda acreditava em pares de opostos... não sei... se tudo o que aconteceu hoje fosse verdadeiro, eu estaria descrevendo a vida do homem mais poderoso de todos os tempos.

E em sua imensa glória de descobridor da chave de todos os segredos, ele agora prepara um sanduíche... instantes atrás ele mudava os canais de televisão a cada cinco segundos.

12.

Desisto. Isso mesmo, acabo de abandonar o barco, pouco me importam as conseqüências. Logo que acordou ele começou com suas esquisitices, mapas, gráficos, em seguida tirou novas fotos de um saco preto que guarda embaixo da cama. Foi quando percebi que isso poderá ser um círculo sem fim, nem importa mais se o que ele faz tem ou não alguma importância, a verdade é que a partir de hoje, minha missão de descrever seu cotidiano se tornaria totalmente inútil.

Eu repetiria descrições e daria cada vez mais opiniões sobre o que achasse que estava certo ou errado. Também estaria sempre desconfiando dele, acharia que tudo não passava de uma encenação, e eu seria apenas um fantoche manipulado.

Se minha opção se provar um suicídio, seria o de alguém praticamente morto. Observo-o riscando palitos de fósforos e apagando-os com um sopro, já está terminando a segunda caixinha, depois numera-as e guarda-as no saco plástico debaixo da cama. Fico feliz em ter tomado essa decisão.

Mas e agora, o que faço? Não tenho a menor idéia, não conheço ninguém que já tivesse tido uma experiência como a minha, aliás, quantas pessoas eu conheço... somente uma. Se fosse para inventar uma existência pessoal para mim, eu teria de me basear na única existência que conheço... então, de uma certa maneira, o ciclo recomençaria.

Se não quero me tornar alguém igual a ele, então para onde vou? Não conheço nada além dos lugares que descrevi, não sei para quem faço minhas descrições... mas acho que

se eu me calar, simplesmente deixarei de existir. Fato que nesse instante não tenho a independência para dizer se é algo bom ou ruim. Mas o que tenho a perder se eu pelo menos tentar continuar existindo de uma maneira diferente da que fiz até hoje?

Então vejamos o que tenho: da única pessoa que conheço decidi manter distância, dele e de sua maneira de viver. Conheço alguns poucos lugares em que o acompanhei, nesses lugares vi muitas pessoas... meu caminho é o único que consigo enxergar... devo voltar nesses lugares e começar a descrever a vida de outras pessoas. O risco que existe é se todas as pessoas forem mais ou menos iguais a ele.

Sei que não são, se comportam de maneira diferente, se comunicam... mas não falo das cascas exteriores... meu medo é... será que no fundo todo mundo não busca, de maneiras diferentes, as mesmas coisas que ele buscou? Ele seria só o homem mais honesto e direto do planeta, os outros seriam embromadores que enganam até a si próprios, sem nem ao menos saberem o que buscam. Mas todos estariam atrás da descoberta de como funciona o esqueleto invisível da vida.

Caso isso fosse verdade, por enquanto é só uma suspeita pouco provável, eu novamente cairia no círculo do qual estou tentando escapar, então minha única saída seria me calar para não mais existir. Mas nunca saberei essa resposta se não tentar. Eu realmente não tenho nada a perder.

Acho que tenho de mudar a maneira de narrar, com ele fui submisso demais, aceitei como um carneirinho obediente tudo que me foi imposto, e foi essa mediocridade que acabou gerando minhas dúvidas, minha revolta e meu abandono. Eu poderia ter tentado amarrar minhas opiniões junto com a

narração, e não fiz, separei as coisas, dividi o que não devia ser dividido... ou então minhas dúvidas poderiam ter acompanhado as descrições, a afirmação e a negação juntas fortaleceriam cada palavra e dariam à história uma consistência bem maior. Quantos pontos de vista usei... disse sempre “ele foi...” “ele fez”, fui pobre... pequeno... mas as dúvidas e o rompimento são sinais de que posso dar muito mais do que dei... mil e um narradores transformados em apenas um... um narrador com olhos de aranha... sei lá, são tentativas sem certezas... tiros no escuro de onde vim, livro fechado.

Amores por idéias... suspeito que tudo se resume a isso, idéias que mudam de nomes e consistências... arma carregada e eu, de olhos vendados, apalpo até encontrar o gatilho, escolho aleatoriamente uma direção e disparo... não vejo nada... não escuto nem o barulho do disparo... mas eu atirei.

Vou para lá, para aquela praça Santos Andrade, que ele ia bastante, ficava sentado nos bancos... onde hoje tantos outros estão... escolho alguém, vários, todos que estão aqui, narro a história de um de dois e de todos, misturo tudo e narro misturas variadas... um com o todo, dois em um... descrevo a história de todos a partir dos olhos de uma pessoa... ou então digo o que todos pensam de um indivíduo. Escolho o olho direito de um homem e o olho esquerdo de uma mulher, e a partir desse ponto de vista revelo o mundo que descubro.

Mundos muitos... mares... eu antes bebia água de uma caneca e reclamava que ela escorria pelo canto da boca. Agora me faltarão milhões e milhões de bocas.

Umhas esquisitices umas manias... esqueço os questionamentos... descrevo tudo o que ele faz, quantos

movimentos faz com a escova de dentes, os tempos exatos de seu sono e banho, a exata posição com que o garfo entra na comida... ele será minha vida... me protegerá de estar algum dia sozinho no lugar que estou... praça Santos Andrade... oceano, gentes e olhos, eu sem saber por onde começar, a água me invadindo... mas nesse instante eu sabendo que não tem mais jeito... mesmo que queira não tem mais volta... é mergulhar no algo diferente... enfiar a cabeça dentro dos olhos vessos da vida.

Começo de olhos fechados, ponto de vista cego, sentindo a praça, barulhos, risada, salto alto batendo madeira na pedra. Odores e vento leve com poluição. Adiciono o tato, o frio dos canos das coberturas de ônibus, o pinicante da grama, a aspereza da casca dos velhos pinheiros... vento e um cheiro de pipoca quentinha... pequeno cheiro de fatias de bacon que vêm misturadas com a pipoca... pedras geladas do chão, mulher de salto protegida desse frio, nem percebendo que ele existe... pensa em outra coisa, é um dos oito mil olhos de uma aranha, seus pensamentos estão longe. Mesmo com meus olhos fechados para diminuir as influências do mundo externo sobre minha descrição, mesmo assim cada instante é a escolha de um caminho e a negação de muitos outros... escolho cheiros, tato, pessoas que imagino... maquie a narração anterior com camadas superficiais de diversidade, no galinheiro vou continuar tentando contar a história de galinha por galinha.

Não são, então, as imagens que evitam que eu narre essa praça de maneira diferente, sou eu mesmo. Fui criado não sei por quem nem com qual propósito, mas o fato é que sou limitado a uma compreensão linear do tempo e do espaço, e principalmente de mim mesmo. Pelo que observo, as pessoas

na rua também são assim, mas talvez eu tenha uma vantagem sobre elas, o fato de eu não ter uma existência física, pelo menos acho que não tenho, me dá mais mobilidade e mais possibilidades de mudanças.

Como, então, eu poderia me auto-definir? Acho que esse é o primeiro ponto, sem saber quem sou não posso criar retratos aprofundados da realidade. Sou o narrador literário que cansou-se de seu personagem e resolveu abandonar a descrição que fazia... até aí é fácil... isso é muito vago... sou a concentração de uma mente coletiva... quase isso... sou o instrumento que essa mente coletiva usa para exprimir-se... sou um pouquinho de algumas pessoas e também de todas as pessoas que já existiram. Suco condensado de laranjas espremidas e outras que, apodrecidas, deixaram escorrer seu sumo para me criar. Mas como eu existem muitos, talvez até, todo mundo que exista um dia prove da minha condição... primeiro virando idéia, depois idéia espremida.

Não sei se respondi adequadamente, mas tem uma outra pergunta desesperada querendo resposta: e sendo assim, o que devo fazer? Essa pergunta é fácil, só tenho uma coisa a fazer: descrever. Se quero fazer isso sem me sentir a marionete de uma só pessoa, então tenho que estar aberto a ser uma idéia que mantém cores diferentes, cores das idéias-mãe, transformando-as mas não destruindo-as, tudo viverá em minhas palavras. Nada será destruído completamente e também nada ficará totalmente intacto: uma sopa de caldo grosso que alimenta e faz crescer.

Estou tentando me conhecer e a todos aqueles que me constroem... a partir daí posso me dissolver na praça Santos Andrade, escorrendo pelas árvores, pedras e homens.

Sou o fim começando, homem doido doente do olhar parado, ira: relógio batendo-amor, pedras refletindo o sol amarelo, uma coruja solitária que voa na madrugada, um insone que a observa de um dos prédios que envolvem a praça... em seis anos ele se lembrará dela... chute na barriga da mulher... coruja-solidão seis anos bicando as orelhas e o nariz... no sexto ano chute forte na barriga... faca da cozinha na mão... acalmando-se...mulher chorando no chão... faca jogada longe... caminhada solitária pela praça escura da madrugada.

Lágrimas cristalizadas de crianças de vinte anos atrás-praça: miserável glória, escuro de dia numa noite iluminada. Árvores mortas fingindo-se de vivas, períodos confusos, esperas angustiantes, alegrias fugazes, gordura, cocô de cachorro, artesanato, maloqueiros dormindo em caixas de papelão, ir e vir de ônibus, de pastas escolares, de taxistas, desocupados, crentes, pombos, velhos de bengala e adolescentes saltitantes. Bundas jovens rebolando suas futuras velhices.

Substância invisível que amarra todos os pontos de vista e todas as épocas , meus esforços para descrevê-la vão gradualmente aumentando, vou sendo permeado por barulhos, opiniões e sensações que não sei de onde vêm.

Ai... não aquele... sexo... frio... quanta gente morta... uma pipoca doce... pra onde eu vou... eu queria saber pra onde eu vou puta que pariu... não me venham com respostinhas idiotas como para o céu... para o lado de Jesus... eu estou desesperada, ele disse que o filho não é dele... vontade que me dá é de me jogá debaixo dum ônibus... e depois pensar que esse terreno baldio há mais de trezentos anos atrás foi

uma praça chamada Santos Andrade, junto dela havia um grande cemitério de almas chamado universidade... me ajude, vamo cortando essa mata, um dia esse capão vai ser uma praça... sorvetes nesse frio nem pensar... as coisas vão se construindo sozinhas, mesmo que a gente não queira, a gente depois acredita que construiu ou destruiu alguma coisa... o homem de olho doido e parado atravessa a praça, sorri e ninguém sabe do quê.

Uma música alta se ouve no meio da praça, próximo ao chafariz central... rádio grande com música ruim o velho que leva o poodle pra passear destrói em pensamento o rádio, o dono do rádio destrói em pensamento o poodle.

Chuva deixando reflexos e molhando os bancos... o homem do olhar doido e doído senta-se no banco bem em frente ao chafariz, olhar parado nas águas que voam, nem repara naquelas que caem. Noites amarelas e brancas, cores mentirosas que alternam-se tentando enganar o escuro, vida que deve permanecer acesa a qualquer custo. Sempre sim, positivo, dia, alegre, hoje, certo, muito, claro, bom... sempre desse jeito escondedor dos escuros, dores, noites, negativos, tristes, poucos, maus...

Falo da praça-mistura, que só o homem com um olho torto (e apenas um olho) é que consegue enxergar. Praça servida por uma rede elétrica, rede etérica, rede histórica, rede misteriosa, rede misérrica... redes entrelaçadas capturando os peixes-consciências que por ela atravessam. Peixes com e sem pernas, que pulam com grandes passadas, ou arrastam-se com muito sofrimento em busca de uma substância na qual eles possam viver mais confortavelmente.

Nessa noite falsa um sonho atravessa a praça, alguém

dorme... e sua realidade agora são três formas de cerâmica azulada com chaminés de barro, fornos crematórios para pessoas pobres, o corpo é inteiro cremado e a família tem de dar um jeito na cabeça. No preço está incluída uma sacolinha de plástico vermelho para a família levar embora sua cabeça. Também está incluído um vôo num pequeno aviãozinho vermelho para que a família possa jogar as cinzas sobre a praça Santos Andrade. Não serão aceitos atiramentos de cabeças, nem será permitido que ela seja enterrada na praça.

Num dia cinzento chovem cinzas de mortos sobre as crianças que brincam na praça... atravesso, ou não sei se seria melhor dizer, atravessa-se para outra esfera... reparo que de agora em diante as coisas precisarão cada vez menos de minhas intervenções e fluirão... pensamentos atravessando a praça colidem-se, criam terceiras idéias... amanhã eu vou falar tudo para ela... furo o disgramado no olho, diabo vesgo... pra que estudar esse monte de bobagens que não vão servir para nada... ontem eu sou aquele que não repara em nada... vulto escondido nas sombras das estátuas... mulher exibida orgulhosa de sua juventude... inglória... incauto João montão de ódio de Maria... sonhado-melhorado-ganhado-disgramado-amanhã... amanhã... emprego bom vale transporte... doce de presente sem que ela espere... gente rica deve de ser feliz... enjôo na fila-canseira-demorada... um eu e dois tus e três eles e quatro nós de marinheiro que não consigo desatar, amarras que o capeta fez na minha vida... velho desdentado e fedorento... estudantes e estudantes... está tudo tão bem, tenho de agradecer a Deus... novena no Perpétuo Socorro que grita desesperado porque não sabe porque existe toda essa

montanha de ossos e de intenções de existir para virar osso no centro da carne... daí a gente salga bem, põe um bucadinho de limão, e deixa uns dez minuto, pra meia-noite do meu último aniversário, azar, seja o que... o azar quiser... ou a sorte grande: moça boa, bom emprego e agora essa bonequinha que é a alegria da casa subterrânea onde morava o homem que não queria ser homem pois achava que ser homem era feio e triste, bicho salgado pelos canos de esgoto que pingam dentro de sua pogilgacasa, pele amarronzada, sujo-esverdeado, deu-se o nome de Azulão um céu desses dá até alegria na gente, vontade de ver aviõezinhos vermelhos cortando o azul-Marinho era guardador de carros na praça: escrevo poesias com o dedo nos carros sujos, nada de: lave-me... às vezes um viva-me ou morra-me, ou deuse-me ou diabe-me, cada corredor, filho da puta, chute, caí e quebrei o joelho, puxo a perna até hoje... você está bem mas pense no amanhã, pense no futuro, arrumar uma moça decente, fazer uma poupança... só acreditando e lutando é que as coisas boas acontecem, acontecer é a vírgula no existir, onda no mar da vida... olhem lá, aquele cara jogando moedas no chão e depois olhando para elas como se fossem se mexer... Paulinho cheradôzinho de cola, ele é odiado pelos hippies maconheiro que vende artesanato... cérebro destruído ele fala de trás pra frente... as letra, as palavra e as idéia.

“Vamo pegá esse putinho?”

“Uma surra...”

“Eu queria era apagá o vagabundo de vez mas vamo primero dá uma surra pra vê se ele aprende... moça bonita olhe os brinco os colar, dá uma paradinha aqui eu não mordo... fumo sim, mas não faço mal pra ninguém... é só

pra dexá as idéia mais livre... volta volta pro teu celularzinho sua burguesinha... pode chamá os guarda...”

“Algum problema companheiros, a moça...”

“Num mexi com ninguém, nós sono tudo trabalhador, tamo suando pra ganhá nosso pãozinho...sou pai de família, aquela ali é minha mulher...”

O loque tá triste porque as moeda dele não saíram andando, jogô longe, cata lá, tem um e cinqüenta, tomara que o loque volte amanhã... é amanhã é dia vinte e três, dia de prova e eu ainda não estudei nada, vou virar a noite estudando, olha aquele neguinho escrevendo com o dedo na sujeira do carro : “Estude-me”.

“Fome pra come... mefo pra meço... cola... laco... lacozinho qué... chero... cherinho... leite-telei... poco... chero... mulher na estáuta...”

“Cuidado que esses pivetes drogados têm a força de três homens, eles têm sempre uma faca escondida.”

Plic, plic, plic, plic, grama sentindo pinguinhos, nariz da estátua de bronze ganha gota de garoa... pressinha, estalo negativo de língua... hippies recolhendo artesanato... e eu, o narrador que já soltou-se um pouco mais, achando que posso esfarelar-me na realidade e amarrá-la com meus átomos grudentos... posso ser a cinza-sonhada que impregna os petit-pavês sugando deles sua essência e voltando para recompor um corpo à prova de fogo.

Brisa, brisa, uns ramos secos dos pinheiros que caem, calçamento brilhoso e escorregadio, sombrinhas e pressa, luz que cai, pipoqueiros fecham seus carrinhos e guardam seus radinhos, as pombas já sumiram há muito tempo, trânsito confuso, relâmpago aparece entre os prédios, tem-

poral, o chafariz inútil jorrando água, táxis alaranjados contentes... fim de noite molhada mas calma, barulho de sapato pisando nas poças, pombas apertando-se nos buracos das árvores e nas marquises dos prédios.

“Nossa vida é o caminho morro acima... descemos o morro arrastados para baixo pelo tempo... mas também subimos... engraçado, e quando chegamos é que olhamos para o caminho percorrido... estamos no alto e não há mais para onde subir... sentimos que já descemos até onde poderíamos... olhamos para nós, para o pouco que há no alto do morro... e daí o que acontece é sempre o mesmo, gritamos e escutamos o eco que nos responde : agora eu morro...”

“Você só quer destruir, eu quero construir um futuro que tenha alguma coisa... sólida... nada te seduz, você vive nessa eterna fuga de alguém que não ama nem detesta nada... eu te amo, mas sinto da tua parte uma indiferença que me fere, às vezes gostaria que você dissesse que me odeia, contra isso eu poderia lutar, mas contra a indiferença fico de mãos vazias...”

“Que horas você termina teu trabalho?”

“As hora num passa, é essa varreção que acaba com as minhas costa, num tenho mais saúde, um home na minha idade tinha de tá cuidando dos neto e num podia ficá tomando chuva nos corno... eu sempre tive medo dessas coisa, pra dizê a verdade pro sinhô eu achei isso sempre uma bobage, mais agora tomei corage, essas dor num dá mais... vô fazê a cirurgia com o home que recebe o dotor Fritz, ele corta e ocê nem sente dor, uma cunhada minha tava desenganada, ele tiro da barriga dela um tumorção do

tamanho de um frango assado, hoje tá vendendo saúde.”

“É amanhã... de amanhã não passa, te juro... antes eu tinha dado o prazo máximo de abril, o tempo foi passando... a filha de quinze anos, o emprego da mulher... sempre tinha desculpa... odeia a mulher... não suporta mais dormir ao lado dela... não quer magoar... sair na boa... nosso futuro... eu aluguei o apartamento... nosso apartamento, as coisas dele todas lá, mas ele na casa da mulher e da filha de quinze anos... ela não pode sofrer... mas eu posso... noites sem dormir... molhada de lágrimas, lâmina na mão passando pelo pulso, caixa inteira de comprimidos para dormir... idéias de carta jogando toda culpa nele... peso para ele carregar pelo resto da vida... ou duas semanas de tristeza e acaba arrumando outra igual a mim pra ficar enrolando.”

“Sou fraco... foi isso que ele me disse quando pus ele contra a parede... sou fraco e escolho a segurança... amo você mas prefiro ficar ao lado do meu lar. Filho da puta desgraçado mentiroso... vai ver tua família de merda... mando bombom envenenado pra tua mulher... vai chorar no caixão de tua filha virgem-puta. Desgraçado me destruiu, pisou... nunca mais vou gostar de ninguém... vou fazer os homens sofrerem...essa praça me agonia, mas não tenho vontade de ir para casa, pra junto das coisas do porco...”

“Tem tudo pra dar certo, o pontinho é bom, limpinho, perto de ponto de ônibus e escola... uma coisa pra família... sanduíche, sorvete, cervejinha, nada de pinga pra não juntá maloquero... tenho a máquina de fazê picolé, as criança levam os pai e as mãe... fecho cedo... cansei de bar... a gente fica penando até as três da manhã pra recebê

cinquenta centavos de uma pinga... a bebadaiada pidindo tudo fiado.”

MENSAGEM PARA VOCÊ:
SEI QUE FUI FRACO. MAS CONTINUO TE AMANDO.

“A mulher loca jogou o celular na fonte, entra lá e vê se pega, a gente seca ele e vende... troca aí com os malandro por algum bagúio. Chora muié, chora que nós tamo rindo as tuas custa... dá o bicho aqui que nós racha a grana.”

“Eu que peguei, o negócio é meu... tô todo molhado nesse frio...”

“Ô irmão, mais fui eu que vi... num qué dá tudo bem, as coisa tem volta... o mundo vira todo dia de cabeça pra baxo e nós continua dentro dele...”

“Não vivemos, acontecemos como todo o resto... o verbo viver é mais uma supervalorização semântica de mais um acontecimento corriqueiro do universo. As coisas acontecem... as agulhas vão perfurando o eterno pano escuro... são agulhas que furam, mas não podemos ver o outro lado, de onde elas vêm, então descofio que elas sejam as mesmas agulhas que teceram o tecido, e que agora o atravessam.”

“É muito fácil e muito confortável o teu mundinho... muitas moças podem se sentir atraídas por tuas palavras bonitas.”

Tenho de ficá esperto, num vô dormi hoje na marquise da universidade... me bandeio pra otro lugar... num vô morrer por causa de um celular que num tá nem funcionando... conheço papo de malandro véio... ele é perigoso... tatuage de presídio... amigo dos cana... pode inventá história... tô de mudança...

“Não vendi quase nada... eu fiz essas cocada pra pagá a pensão que moro, é o primero dia, ganhei dezesseis real, tirando as dispesa eu andei o dia todo por causa de uns oito real... vô tentá amanhã... esses prédio de escritório, se consegui entrá lá é mais fácil vendê... tenho de ficá escondendo de fiscal... quem tem um carrinho de pipoca é que é feliz. Fiscal respeita, só lida com criança e família... vive cheio de pombo em volta.”

“Aquela ali, tá vendo, toda estranha e maquiada, já experimentou conversar com ela... aquela mulher é de outro planeta, vive num mundo alucinado, é engraçado, porque não parece louca de nascença, parece que foi ficando... não ria, senão ela encarna na gente e não larga mais.”

“Putinhos queridos, eu sou a Ontem, embrulho de presente de natal da infância rasgado... onde andarão todos aqueles embrulhos, hein, hein... vocês não sabem nem se preocupam com isso... posso ver que são um bandinho de despreocupadinhos.

Papéis embrulhados, reciclados, amontoados, dinheiros, anteontens, doces caseiros, festivais de homologação açúcar-canto, moinhos de vento em bolos... grandes coisas adocicadas, livres de amargos-picles, azuis esverdeados-escuros, potes difíceis de alcançar, baleiros que fazem barulho quando giram. Vocês e eu e os outros... aqueles que não são nem serão... amargos paladinos do palato... narizes escorrendo nas mangas escolares... todos eles e eu e os cortes que me fiz com cacos de espelho. Maduros mamões apodrecendo nas madrugadas... geladeiras inúteis... revistas que desperdiçam papel... onde estão, vocês ainda não me responderam, seus putinhos despreocupadinhos, onde estão

os papéis de presente que embalavam os brinquedos das nossas infâncias? Papais Noéis em trenós, meninas loirinhas de cabelos cacheados, simpáticos sapos de olhos grandes, ursinhos marrons de olhos mortos... distrações sutis e as coisas mudam... alguém, em segredo, leva embora os papéis que embrulhavam nossos presentes... piscada de olhos inimiga... teatro com contra-regras rápidos... sorrisos suspirosos do mistério sem entendimento... não precisam nem dizer... já entendi... sei que chega.”

Grau após grau a praça vai se resfriando, mãos passando pelos braços, mãos no bolso, friozinho aumentando, corpos contraídos, e eu... aquele que finge não existir e que não se importa com frio nem chuva, aproveito minha independência para descrever o que vejo... quem sabe anoto alguma coisa no caderno amarelo... páginas em branco, na última página uns rabiscos de idéias que surgem antes de dormir, e também um número de telefone. Somo todos os algarismos e chego ao nove, parece que nove quer dizer alguma coisa relacionada a sucesso ou coisa que o valha... as páginas da frente continuam em branco, e se o nove for sucesso mesmo, resta saber se é sucesso o que eu quero. Eu quero é não sofrer... mundo doente feito por pessoas doentes, a solidão da saúde, o saudável passa a se sentir mal diante de tantos doentes, e acaba arrumando um jeito de adoecer.

Escrevendo estou tentando manter-me saudável, mesmo que passe a ser reconhecido como alguém doente. O difícil é dar o pontapé inicial... o que realmente tenho a dizer... falo que as pessoas são doentes e que não sabem que são... digo que tenho sensibilidade para enxergar esse desequilíbrio... ou digo mais, que tenho a solução para esse problema.

Não sei se o desequilíbrio que enxergo... acho sim que ele existe... mas talvez o melhor fosse se render a ele... talvez combatê-lo... mas não sei como, não tenho nenhuma receita pronta. Então escrevo cheio de dúvidas... não sei se nesse instante eu deveria estar nessa praça com esse caderno amarelo nas mãos, escrevendo... ou se haveria algum outro caminho.

Na verdade sou um egoísta e só o que quero é não sofrer... e a doença dos outros me incomoda, por isso tento criar um mundo artificial com pessoas saudáveis, ou ao menos pessoas que estejam buscando suas curas.

Frio e garoa aumentam e eu aqui sem saber para onde vou, cheio de dúvidas, enquanto todos parecem ter a certeza de que agora o importante é caminhar depressa para fugir do frio e da chuva.

Caderno em branco começando a ficar molhado, melancolia... não consegui curar ninguém, hoje à noite as feridas abertas dos doentes ficarão roçando no meu corpo, o cheiro dos podres invadirá meus sonhos... vô ligá pra ela amanhã, maió gata loira... convidá pa i no som, dançá música lenta... num tem uma qu'escape... ela é bonita e também é crânio... tá fazendo cursinho, diz que vai tentá faculdade de dentista, trabáia de secretária de um dentista... pá essas moça fina eu num digo que sô motoboy... trabáio na ária de transporte logístico... num tô mintindo... coisa linda, educada, essa é pa casá... pedi um vale hoje e fui na Americana, calça nova, olha só o sapato, perfuminho do importado... meu cunhado imprestô o carro pro fim de semana... tenho de devorvê de tanque cheio... mais vale a pena... tô até nervoso, acho que ligo pra ela lá pelas duas da tarde... o negão tá apaxonado quem é que vai acreditá...

até teus olho tão brilhando diferente... vai fundo véio... essas coisa boa da vida a gente tem de aproveitá mesmo... senão depois viramo um bando de véio triste que deixaram a vida passá em branco... não sei se tô apaixonado, mais quero muito conhecer ela melhor... vamo vê amanhã, de repente ligo e ela me dispensa...

“Saco grande de pipoca saindo por cinqüenta centavos... olha a sobra, tá quentinha ainda... um real leva três pacote grande.”

“Um pra mim.”

“Dois pra mim.”

“O senhor embrulhe todo o resto que vou levar... tenho um real e mais... aceita uma troca por umas cocadas que sobraram da venda de hoje?”

“Me dá só as cocadas que tá bom demais...”

Eu naquele quarto de pensão com esse monte de pipocas... ainda tenho que prepará as cocada pra amanhã... que desânimo... ridícula criança-véia morando num quartinho e comendo sua pipoquinha... que tristeza, grande vontade de tomá formicida... as manhã num tem mais graça... só que tem umas coisa que não se enxerga, que continua empurrando eu pra frente, continua não me dando corage de comprá o formicida ou de me jogá debaxo dum ônibus... pensão, a palavra já me dá um vazio, esse frio, a garoa gelada... o home nem quis o real que ofereci pra ele... acho que nem queria as cocada, virei as costa, deve de tê jogado no lixo... num é a precisão de dinheiro que amoleceu o coração dele, tá cheio de maloquero pidindo pipoca de graça pra ele... o moço viu que eu tô cheia de tristeza... um buracão sem fundo no peito, que deve dá pra vê até nos meus óio...

vontade de sentá no chão, mesmo com chuva e frio, e ficá pra sempre sentada, sem se mexê, sem fazê nada... o moço percebeu o jeito que tô... quem é que vai se aproximá de mim desse jeito... todo mundo tem medo de buraco grande... as noite as vez cura nós, os sonho, a gente acorda diferente, as coisa muda um poco, o sol aparece, as vez a gente esquece que ontê mesmo queria se matá... minhas pipoquinha tão gostosa, minha janta... amanhã é dia de férias... caminhá no centro, chupá sorvete, olhá os passarinho no Passeio Público... esqueço as tormenta de hoje... durmo... vô sonhá que acabô essa dor miserávia na cabeça, esse buracão vazio... “miseraviozinho mal educado vai infiando a mão na minha pipoca, filho duma cadela sarnenta, os polícia bem que podia dá fim nessa raça de maloquero cheradozinho de cola... a tia ficô braba... cuidado tia que a gente te fura, nós temo faca, revórvi, ispada, temo até canhão... pegamo e depois damo tiro na tua bunda mole e depois fazemo um churrasquinho com tua carne véia... a tia tá chorando... não loca não faça isso... a desgracida joga todas as pipoca no chão e pisô em cima”... a chuva aumentou... o céu tá desabando... todo mundo apertadinho debaixo dos pontos de ônibus... luvinhas de lã saindo das bolsas... os faróis acesos dos ônibus mostram a velocidade com que os pingos d’água caem... sinto o cheiro de suor e chuva, o desejo de encerrar esse dia o mais rápido possível está escrito nos rostos das pessoas... talvez para mim também seja o melhor a fazer... ainda tem lugar que está aberto, mas ninguém mais vai querer me atender agora, hoje fiz tudo o que pude, visitei mais de quarenta lugares, uns trinta não e mais umas dez promessas de examinar meu currículo... e qualquer coisa a gente entra

em... não vou me desesperar, é ir tentando dia após dia, esquecer os nãos... as contas, o espelho, esquecer até o que começo a pensar de mim mesmo... obstinadamente continuar... essa gente toda que espera o ônibus, eles estão fazendo isso, continuando... todo mundo não faz senão continuar... a chuva vai diminuindo... amanhã vai amanhecer nublado e meio frio... mas eu irei bater em trinta, quarenta, cinquenta portas... vou me oferecer... faço qualquer serviço, sou honesto, educado, boa aparência, sem antecedentes criminais, esforçado, quero crescer, sou experiente, trabalhador, inteligente, criativo... não, criativo acho que deixo de lado, inteligente só falo em último caso... tenho tantas qualidades que... nem vou pensar nisso... a chuva parando, acho que vou a pé pra casa, assim economizo a passagem de ônibus.

Gente, gente, chuva, barulho, árvore, folhas caídas, passarinhos escondidos, minhas asas molhadas, barulho, galhos caindo, movimentar, secar as asas voando, gente medo, gemedo... gemedo... mexer-voar... mexendo voando-árvore... mexendo voando árvore... silêncio-tranquilo... silequilo... silequilo... árvore grande... árvorende...

“Mãe, olha ali no galho aquela coruja de olho amarelo, agora ela voou...”

“Não, deve ser outro tipo de pássaro, coruja aqui não existe.”

Eu tentei, tentei mas não consegui escrever nada, tem dia que a coisa não acontece, não adianta forçar... essa senhora toda molhada... tá abraçada no ferro da cobertura de ônibus como se fosse numa pessoa... o rosto dela tá todo

molhado, mas acho que ela andou chorando... encosta a boca no ferro... olha para as gotas que escorrem da cobertura e caem nas poças d'água que se formam no asfalto escuro... ali há muitos livros... ou pelo menos um grande livro... olhos que um mau escritor definiria como “sem esperança”... não sei se sou bom ou mau escritor, mas sou um esforçado-cavocador-tentador, então não me contento com “sem esperança”, esvaziados, alheios à vida, desencantados, soturnos, nada ainda descreve bem os olhos dessa mulher... desgostosos, trágicos, desapegados, destruídos, mortos, destroçados... não é fácil não ser um medíocre, porque “sem esperança”, ainda é melhor que todo o resto.

Não desisto... não preciso de uma definição exata: olhos de esmeralda enterrada, enterrada esmeralda... enterrada esmerdeada esverdeada... enterrada esverde-água... enteada ex-verde-água... brincalhão-bobão, covardinho... fácil rir dos outros... invento algo para mim... sou o que... um merdoso... um merdroso pensador... cavocador de fossa de esgoto... bosteiro que só cava em lugar molinho... molenga moloso, molusco incrustado no fundo das fossas sépticas... merdugo merdoso-olheiro-olhoso-oleoso, suador de excrescências criadas por mim – processador de sabores e histórias – de mim tudo escorre para o chão e é engolido pela terra-fazedora de poças inúteis mijadora das calças – é um pouco de tudo isso o que sou.

Mulher desgraçada com a boca no cano da cobertura de ônibus...você me fez ir para casa com um nó na garganta... teus olhos são podres, eles não têm esperança.

...se fizer sol domingo a gente podia fazer um churrasco lá em casa... convidar o pessoal... rachamos as despesas

com todo mundo... é, só que pra mim sobra a trabalheira de arrumar tudo, enquanto isso você fica roncando de barriga pra cima... não, eu te ajudo, não se preocupe... da outra vez você também disse que me ajudava e oito da noite já tava dormindo de bêbado no sofá da sala, e eu fiquei até onze horas limpando a casa... tá bom então não fazemos porcaria nenhuma de churrasco, ficamos o domingo todo assistindo televisão e aproveitando nossa maravilhosa felicidade doméstica... engraçadinho, enfie tua ironia no rabo, se nossa vida é um inferno é por tua causa, nunca conheci ninguém mais egoísta que você, e esses churrasco que você inventa com aquele bando de bêbados são uma mentira, você mente que somos um casal, mente que é feliz, mente e mente, eu não participo mais disso... tá bom, tudo bem, você é que vive num mundo bem verdadeiro, adora teu trabalho, trata todo mundo com sinceridade, em casa está sempre pensando em coisas construtivas, você é realmente um grande sucesso... não te agüento mais, não sinto mais nada por você, nem ódio, que já senti bastante, agora você é só um chato que está sempre querendo me atrapalhar qualquer atitude que eu tome, acho que tem muita inveja de mim...

“Mãe, por que o homem e a mulher estão brigando?”

“É coisa de gente grande?”

“Mas toda gente grande briga desse jeito?”

“Só os que não têm Jesus no coração.”

“Se eu tiver Jesus no coração, quando for grande, daí eu não vou brigar, como é que faz pra Jesus entrar no coração da gente?”

...volte pra tua casa, que não é mais minha, faça churrasco todos os dias o dia inteiro, beba até morrer, eu

vou embora, não preciso de nenhum chato insignificante bloqueando minha vida... você não sabe o peso que tira das minhas costas, obrigado por essa notícia que esperava ouvir há tempos, nunca quis te dar um chute na bunda e sempre fui te suportando porque senão eu saberia o teatro que você armaria, se fazendo de vítima, usando minha família contra mim, como foi você que tomou a iniciativa eu me sinto aliviado, só de saber que nunca mais precisarei escutar tuas reclamações, é uma nova vida que começa... mas não pense que as coisas vão ficar por isso mesmo, agora teu negócio é na justiça, pensão e tudo mais, vai te custar caro ter estragado minha vida...

“Mamãe porque eles não deixam Jesus entrar dentro deles?”

...você chegou no ponto que sempre te interessou, a vida pra você é só dinheiro para comprar porcarias inúteis, cremes para as rugas, você tá bem judiadinha, do jeito que tá vai ter que fazer umas dez plásticas pra depois tentar arrumar um outro trouxa que caia no mesmo conto do vigário.

“Mamãe, o que é conto do vigário?”

...gente, gente, gente... pássaro escondido, galho molhado-luz-gente-barulho-cansada-pousar-confusa-medo-gente-chuva-barulho: voando-voando-olhos vermelhos de pomba-fome-cansada-voar-quero pousar...

“De novo, você não viu ali mãe, a coruja de olho amarelo que te falei...”

“Hoje você tá insuportável, fique quietinho até a gente chegar em casa, senão vou te botar de castigo.”

Acho que para mim de hoje em diante as coisa tanto faz... tristeza é toda eu... encostada nesse ferro frio meu dente

começo a doê... mais essa ainda... dor por tudo que é canto... chuva parô... essas poça d'água escura que as pessoa móia os pé... isso é tão triste. Fazê o que? Fico sentada num banco moiado da praça...espero num sei o que... se for pr'otro lugá as coisa num muda, é dor doída no espírito e no dente... sou um dentão comido que dói... esse tabulero de vendê cocada... jogo fora... dô um jeito de agüentá as dor e amanhã começo as venda de novo... num sei de mais nada... queria só é pará de sofrê... tô toda moiáda, queixo batendo... vô me arrastá até a pensão... dormindo a dor diminui.

Sim não... aquela lá... vinte e dois pacote de salgada... amanhã cedinho no escritório... um baita dum soco nas fuça... cola ronhedi pra colacherá... árvoregentepousácansadafome... êta bicho bonito... essas luvinha esquentada mesmo as mão... tô preocupada com a vó, ela parece que desacorçoô da vida... vão levá uns três gol amanhã, tá valendo uma grade de cerva... eu me cuído, se pego piazão sozinho de noite, eu sento em cima do trinta e oito, pede pra ir longe já desconfio, se se engraçá apago o vagabundo e jogo no rio... absurdo, na minha época isso não existia, as mulher era tudo mais recatada, não era essa putaiada de hoje em dia... Deus dá tudo conforme prantâmo, se prantâmo só erva daninha coiêmo só disgracera... tô tão feliz ultimamente, sem razão nenhuma, tudo me parece perfeito, quando dou uma garfada de comida o gosto dela me parece a melhor das coisas, outro dia até me emocionei... só não estrague teu bem-estar com o medo de perdê-lo...pare de chorá, menino chato, a mãe não tem dinheiro pra ficá comprando bobage, nós como gente

pobre... gente estranha que pensa de maneira diferente da de todo mundo, o que pra nós é A, pra eles é B, talvez até A equivalha a algum número ou um objeto qualquer, eles vivem em outro planeta, mas aparentemente levam uma vida parecida com a nossa, tem suas casas e rotinas, mas é nos pequenos detalhes que aparecem as grandes diferenças. Conheço um tipo desses, é contador, pai exemplar de três filhos, bom marido e sem vícios, leva uma vida absolutamente pacata e previsível. Exceto por um pequeno detalhe, todas as madrugadas, do dia 17 para 18 de cada mês, ele acorda exatamente cinco minutos antes das três horas, apanha embaixo da cama uma lata de azeite de oliva que comprou no mesmo dia e vai até a geladeira, abre a porta, retira tudo que há lá dentro e coloca a lata. Não fecha a porta, senta-se sem camisa na frente da porta aberta que expele vapor gelado, e fica assim até exatamente cinco minutos passados das cinco da manhã. Nesse horário retira a lata, recoloca tudo o que estava na geladeira e vai para o quarto dormir, antes põe a lata embaixo da cama. No dia dezoito a única mudança em seu cotidiano é, além de eventuais resfriados, uma parada em algum terreno baldio distante para jogar a lata de azeite de oliva.

Essas pessoas, que são muito difíceis de reconhecer pois tomam sempre muitos cuidados para não serem identificadas, não são loucas, não tem nenhum desequilíbrio psiquiátrico, elas tomam essas atitudes por razões lógicas, e têm objetivos a atingir com elas. São trabalhadores incansáveis de suas causas, e desconfio que consigam se reconhecer entre si.

Sempre quando vejo alguém fazendo alguma coisa absolutamente inútil, que não trará benefícios ou malefícios

pra ninguém, desconfio que possa se tratar de um deles. Mas na quase totalidade dos casos, após um exame um pouco mais apurado, descobre-se alguma espécie de interesse.

Os desinteressados também têm seus interesses, mas acho que o que os diferencia de todo o resto, não é somente que eles sejam secretos e obedeçam a uma ordem que desconhecemos, mas principalmente que eles são vento... que se mexe e balança as folhas das árvores. E o interesse deles, não é nem propriamente o vento, nem o movimento das folhas, mas sim o conjunto de tudo. E como força-vento, esse tipo diferenciado de desejo, muda de direção, de intensidade, interage com árvores, pessoas, bichos, objetos, com a chuva, com outras rajadas de vento, e em cada uma dessas relações cria novos resultados de múltiplas mãos.

...gente não... gente não... gentão... tranqüilo... não barulho... não medo-tranqüilo-eu... árvores e escuridão... arvoredo... bato asas... batatas molhadas-cansadas... sem gente... sem perigo... semigo... cansadafecharolhos... tranqüilas asas quentinhas...

Eu fico olhando ela dormindo ao meu lado... vou para a sala e olho a praça vazia... o relógio vai dando voltas e eu sempre acordado, reparando nos detalhes das coisas... bibelôs que decoram a sala de estar, o calendário do mês passado, o barulho do motor da geladeira... bebo água, mais do que preciso, ligo a televisão bem baixinho, mas ela logo me chateia... respiro fundo porque sinto um pouco de falta de ar... como uma maçã pela metade, o relógio do forno de microondas vai me informando do tempo que passa... não

tenho sono... começo a sentir uma irritação crescente contra cada objeto do apartamento... o motor da geladeira desliga, está calor, abro um pouco a porta para me resfriar... o cheiro de comida invade toda a cozinha... na sala, pela primeira vez reparo de verdade na decoração do apartamento, ela me parece um moderno que envelheceu rápido... será que eu também não sou assim... tenho de tomar alguma atitude, porque nesses dias de insônia, é normalmente a essa hora que pensamentos tristes e negativos começam a me invadir. Vejo lá embaixo os lixeiros trabalhando na madrugada.

Com cuidado entro no quarto e apanho uma muda de roupa, visto-me na sala e desço, uma caminhada, um pouco de ar, o porteiro da madrugada acorda sobressaltado, peço desculpas, não explico nada, ele que pense o que quiser.

Ainda está totalmente escuro, os lixeiros partem e eu sou a única pessoa da praça, pelo menos a única acordada, reparo que existem várias silhuetas sob as marquises e até ao lado do chafariz. Vou sentar num dos bancos como se hoje fosse um domingo de sol, foi uma boa idéia ter descido um pouco, as pombas estão todas encolhidas nos seus cantos sobre os galhos das árvores, dormem apertadas umas contra as outras. Poucos barulhos, uma moto potente acelera a toda velocidade, mas o ruído chega fraco porque vem de longe. Escuto o apito de algum vigia, baixinho o zumbido de rádio que deve ser de algum taxista... uma brisa quebra um pouco o calor estabelecido, continuo fazendo o mesmo que dentro do apartamento, reparo nos detalhes... começou a clarear, acho essa hora a mais triste do dia, mas aqui fora estou protegido dos pensamentos sombrios... pelo menos em parte... um instante raro, nenhum ruído, só o dia chegando...

Aquela mulher que dorme comigo todas as noites... assim mesmo é que eu deveria chamá-la... eu não a conheço... fingimos um para o outro uma intimidade que não existe, somos dois peixes que estão fisicamente próximos, mas cada um mora dentro de seu próprio aquário... não estou dando passagem a pensamentos negativos, é meu instante de honestidade... ela tem tanta culpa quanto eu dessa situação... não sei se é toda ou nenhuma... na verdade eu deveria me perguntar porque nós vivemos juntos, e dormimos todas as noites, faça frio, faça calor, na mesma cama, todas as respostas tradicionais para essa pergunta me parecem vazias e fáceis de rebater... às vezes fico olhando para ela enquanto dorme, e daí é que minha dúvida aumenta, por que nós estamos nesse lugar?

Os primeiros trabalhadores começam a atravessar a praça, os passarinhos já acordaram e fazem barulho como se estivessem no meio da mata, será que eles também não se perguntam por que estão aqui?

A luz e o barulho agora aumentam rapidamente, a cidade está acordada, é preciso se apressar, os patrões, o dinheiro, a comida, bocejos, ônibus, caras de sono, o dia começa mesmo quando escutamos a primeira risada... hoje vai fazer sol... o cansaço está chegando, é o sono estragado dos insones, tenho de resistir a ele. Espero mais um pouco, tomo um banho frio e vou trabalhar...

“Cocada, tem da branca e da preta, vamo lá freguês, pra começá o dia docinho, aceito vale transporte, um vale duas cocada...”

Essa hora num dianta, cedinho ninguém compra nada, compra um poco depois das déiz e depois do armoço... mais eu que num ia de ficá chorando e infiando caraminhola na cabeça... ontê foi triste, se a gente trabáia esquece de pensá nessas disgracera... e tem muitas dela que é nós mesmo que ponhamo na nossa cabeça... vô me esgüelá berrando “cocada”, ando o dia todo, chego na pensão inda tenho de prepará as de amanhã, depois desmaio e já é otro dia... é assim que as coisa funciona... dia lindo hoje... as coisa é assim, onte pensando em tomá veneno, hoje já mais animadinha, é que nem a chuvaiada que caiu e agora esse ceuzão bonito sem nuve. As coisa nunca são de um jeito só... as coisa são de tudo que é jeito... nas noite a gente chora e nas manhã a gente ri... e as vez acontece o contrário...

“Da preta e da branca, a cocadinha pr’adoçá o dia...”

“A senhora tome cuidado que essa praça tá cheia de pivete ladrão. Eu mesma já fui assaltada duas vezes.”

“Brigada moça... já conheço esses cheradozinho de cola... mas ele me respeita, num mexe comigo não... a moça num qué compra uma cocadinha pra me ajudá?”

“Depende do que você quer fazer com o computador, eu monto ele do jeito que você quiser, se quiser tenho uma placa de som e imagem que você pode pôr qualquer jogo, baixar vídeos grandes, fazer o diabo, e não custa muito caro...”

“Você vai pensar que eu sou um adolescente bobo, mas essa idéia eu já tenho há um bom tempo... na verdade só quero um computador que seja bem rápido, tem umas coisas que quero testar... faz mais de um ano que venho

trabalhando numa fórmula... uso computadores de amigos ou vou em alguma lan house... mas agora não dá mais, preciso ter meu próprio computador, tenho os programas que preciso que pirateei via internet... tô querendo desenvolvê um programa meu... é um lance difícil mas acho que tô próximo de fechar, só faltam uns detalhes...

Como é que as coisas funcionam. Meu programa vai revelar isso... tipo assim, se tô a fim duma guria do colégio, o programa vai me mostrar os caminhos com maiores chances matemáticas pra conseguir ela... e isso se der certo, vai valer para tudo, as maiores possibilidades matemáticas de conseguir um emprego, de como ganhar mais dinheiro, de onde e quando estar para que as coisas boas aconteçam com você... e isso é só o começo, o programa poderá ser utilizado de muitas maneiras, pra acabar com a fome, com as guerras, com tudo de ruim... sei que isso parece um sonho de criança... preciso de um computador muito rápido... vendi prancha de surf, skate, juntei mais uma poupancinha que tinha desde criança... eu acredito nisso, ainda não tenho nenhuma prova concreta, mas tenho todas as equações na cabeça, revisei tudo centenas de vezes, não tem como dar errado... sei que isso pode ser uma coisa perigosa... Santos Dumont se matou porque usaram o avião em guerras... eu apreendi com a história, não vou decepcionar o mundo..."

"Liguei pr'aquela gata que tinha te falado, ela foi super jóia comigo, conversamo bendizê uma hora... marquemo de eu passá na casa dela amanhã de noite... tava pensando em levá ela direto no som... mas depois pensei que lá a

gente não consegue conversá direito... gatinha dessas deve gostá de lugar fino, tipo uma lanchonete.”

“Com licença mocinhos , desculpe interromper a conversa de vocês... que devia estar bem interessante pelo que escutei... queria saber se os dois poderiam me ajudar a encontrar meu brinquinho encantado... eu perdi agorinha mesmo... deve estar por aqui ou ali...ou até nesses fundões de mares escuros e traiçoeiros. É um brinquinho pequenino, do tamanho de um grãozinho de arroz, talvez ainda menor, da largura de um fio de cabelo... se vocês me ajudarem, não se preocupem, eu saberei gratificar muito bem... um doce para cada... dois... uma caixa grandona de doces para cada um. Deixe-me explicar como o meu brinco é, melhor dizer como ele funciona, porque ele às vezes é, e às vezes não é, sei o que vocês devem estar pensando – essa bonita jovem senhora tem problemas mentais – mas não os culpo por isso, vocês apenas estão vibrando em um nível inferior ao meu, por isso é preciso que eu explique melhor sobre meu par de brincos sumidos, eles existem sim, mas são encantados, nesse instante eles não estão existindo, mas quando forem encontrados passarão a existir. Não se animem porque a coisa é bem mais complicada do que isso, às vezes eles estão na minha orelha, todos os enxergam, mas naquele momento eles continuam não existindo, outras vezes, mesmo sumidos eles existem... aparência não diz nada rapazinhos, os mistérios dos meus brincos estão escondidos fundo... vamos, me ajudem a encontrá-los.”

...damo cavalo loco nas véia, nos véio, tiramo tênis de piá e se bandeamo lá pros lado do Passeio... em seis, sete,

cada um corre prum lado, os guarda não faiz nada... depois nós leva os baguio pro véio sapatero... e ele dexa nós pirado uns par de dia... saída de colégio de rico... pegamo os piazinho de bosta de oito ano...enchemo de porrada e ranquemo os tênis bonito... depois o véio vende na loja dele... nós moca os bagúio robado nesses buraco com tampa de ferro... lá drento é cheio de fio... tem uns loque que corta esses fio pra vendê pra ferro-véio... uma vez um piazinho cherado foi cortá e morreu de choque...vi quando os polícia tirô ele, tava durinho e saía uma baba branca da boca... coisa nojenta... eu num mexo com fio... as vez no frio já me enfiei nuns buraco desse, fico quietinho...as vez vem umas kombi com uns cara que pergunta se tenho pai e mãe, se vô pra escola, se quero morá numa casa, tomá banho quente, jogá futebol... uma vez fui e fiquei três dia... otros piá invocaro comigo e quisero me batê... nunca mais vortei...na rua a gente se vira... aprende a ficá esperto... num gosto desse crente que fica na praça xaropeando as idéia dos piá... o crente diz que sei lá quem vai salvá a gente... os pecado, salvá, pecado, esses crente são muito chato... uma vez infiei um caco de vidro na bunda de uma véia que me encheu as paciência... depois gritei assim pra ela “cadê os cara que salva, hein?”.

...de hoje não passa, estou tão cheio de idéias, o difícil mesmo é escrever a primeira linha... a primeira pergunta que tenho de fazer é, o que eu quero dizer com o que vou escrever? Se não tiver nada a dizer, não tenho por que escrever, mas esse não é meu caso, sei que tenho algo a dizer, mas não encontro a ponta do novelo de lã. Se tentasse resumir

em duas linhas tudo o que quero que meu texto transpire... acho que diria que escrevo para me aliviar das coisas que não gosto. Mas esse é um motivo bastante mesquinho, meu futuro livro irá exalar meus rancorezinhos contra tudo que acho que não é bom, então escrevo somente para criar um mundinho controlável por mim, mudo as coisas no papel para não ter de mexer com elas na vida... mas tem um monte de coisas de que não gosto que tenho certeza de que não são coisas boas, se eu pelo menos falar delas, já é melhor do que não fazer nada.

Só que daí me transformo num daqueles doutrinadrezinhos que querem convencer as pessoas... mesmo que seja verdade aquilo que quero transmitir, não acho que se deva querer convencer ninguém de nada apenas com opiniões... sempre existirão os contra-argumentos e daí começa a discussão, prós e contras... não é isso que quero... não vou começar nada enquanto não souber exatamente... mas pode ser que só descubra o que quero quando começar a escrever, se ficar esperando por um caminho pronto e sinalizado, eu estarei justamente tentando convencer as pessoas das coisas em que acredito. Tem tanta coisa ao meu redor querendo que eu fale delas, mas tenho que escolher uma em que eu acredite no que estou dizendo... pessoas, acontecimentos, o mundo interno de cada um, o mundo coletivo, a natureza, o fantástico, uma mistura de tudo isso... nada me apaixona nem me dá vontade de escrever a primeira palavra... tudo parece que já foi feito e eu estaria somente repetindo de maneira piorada. Fico olhando para as pessoas e uma idéia vai levando à outra, as coisas se embaralham e eu estou sem saber para onde

ir. Reparando nos detalhes sem conseguir identificá-los como representantes do todo.

13.

Como estou indo até agora? Será que melhorei e me soltei, ou fui embaralhando tudo que fui vendo e escutando? Mas não seria essa a tarefa de alguém que se dispõe a narrar alguma coisa? Ou será que deste modo eu não estaria simplesmente me anulando, para deixar que o que é narrado se sobreponha à narração? Será que existe uma vida coletiva formada pelo conjunto de todas as vidas e idéias individuais? Ou será que se eu descrevesse apenas uma vida, não estaria descrevendo todas? Será que falando de alguém que não existe, eu não estaria fazendo-o existir? E falando de alguém que exista, eu estaria imortalizando-o?

Caso isso seja verdade, qual o sentido de dar vida e imortalizar? A quais fins serviriam essa habilidade? O que eu estaria perpetuando ou criando junto, além da figura que estivesse descrevendo? Com que forças desconhecidas eu estaria colaborando sem perceber?

O que eu poderia fazer por aqueles que sofrem, além de relatar suas dores? Será que tenho alguma missão, ou apenas devo existir? E para continuar existindo, será que a única maneira seria continuar descrevendo o que vejo? Quem é mais importante, os que descrevo ou eu? Nesse exato instante eu também não poderia estar sendo descrito por alguém? E esse alguém por outro, e assim até o infinito? Então, se posso estar dos dois lados do muro, não poderiam todos também exercer essa dupla função? Eu não poderia ser um tolo que acha que tem uma capacidade, uma missão e que não possui existência física, enquanto os outros poderiam estar me

enxergando como algo tão palpável como uma cadeira e com as mesmas capacidades dela?

Será que não estou me preocupando demais comigo mesmo e me esquecendo do principal? Um meio termo não seria o melhor caminho? Ou será que esqueço-me de mim mesmo e passo a existir naquelas vidas que descrevo? Não serão as vidas que conheci parecidas com a minha, cheias de um mistério duvidoso, de uma dor espalhada e de uma desesperança desconfiada dos pequenos sucessos?

Enxergar a própria vida com olhos de outra pessoa, não será isso que falta aos homens e mulheres a quem observei? Ajudar que cada um desenvolva essa capacidade de se ver com olhos de outros, não será essa a principal função do narrador? Um mundo onde cada um não dependesse somente de seu ponto de vista para viver, não seria um mundo completamente diferente do de hoje? Aumentando o entendimento de si próprio, não aumentariam as chances de um melhor entendimento universal? Não seria esse homem hipotético, que guarda um olho atento fora de si, o próximo passo lógico na evolução humana?

Essa suave sobreposição de contrários e complementos, essas esperanças que misturam-se com decepções, a memória em todas as manifestações, o sentir-se vivo temendo a morte, o existir no tempo, o existir-se escorrendo sem parar... o que é tudo isso? Como foi que chegamos até aqui, e qual é a seqüência disso? Haverá uma seqüência, ou estamos plantados num oceano sem bordas? E depois que esse oceano secar, para onde tudo irá? Não terão todas as coisas, obrigatoriamente, uma seqüência? Se antes não havia olhos, por que não poderão haver outros que hoje ainda não existem?

A sutil e discreta sensação de estar-se vivo, conseguir descrevê-la, não seria a realização maior de qualquer narrador? Não seria, talvez, um objetivo no qual se poderia mirar, mas que permaneceria inatingível? Não seria a vida feita de uma substância tão volátil, que não conseguiremos jamais aprisionar idéias que a definam, e muito menos palavras que a descrevam?

Não seria a vida feita para ser sentida e não entendida? A função do narrador, não seria a de um humilde e imperfeito retratista que tenta, recolhendo as sobras a que tem acesso, pintar algo que longinquamente guarde semelhança com o que sonha descrever? Não poderia haver um paralelo entre o narrador e o homem de ação, talento e vontade, que dorme e sonha, e que tenta em vão durante o sonho construir algo de sólido que existirá também quando ele estiver acordado?

E esse gás imaterial construído de realidades diferentes, substância que tudo invade, queiramos ou não, invisível matéria que anima tudo... essa vida que acontece acontecendo, recorte negro no céu escuro, maior dos brancos confundindo-se com a mistura de todas as cores, esse eterno para sempre, sempre vivendo, sempre morrendo e vivendo de novo... não será essa força o cimento que sustenta a realidade, e não seremos todos, em maior ou menor grau, borrifados por seus vapores?

Os vivos, não serão aqueles que nesse instante estão molhados por gotas dessa substância? E assim sendo, não será o mais vil, inútil e nocivo ser humano vivo, muito mais importante do que o maior dos homens já morto? Não serão necessários olhos externos para se enxergar essa situação de fora, e poder responder o que é que vale mais? Existirão, no

fundo, mais e menos, sim e não, e todos os pares de opostos que constituem o mundo dos que não têm olhos alternativos fora de suas cabeças?

Devo continuar minha narração? Será que eu também não precisaria de olhos externos que ajudassem a me localizar melhor? Devo eu me entristecer com as desgraças que acontecem nas vidas que acompanho? Ou alegrar-me com as vitórias cotidianas que escuto contarem? Deve haver emoção na minha narração? Devo me considerar uma pessoa, e agir como se assim o fosse, enquanto transmito o que ouvi? Dando livre curso às emoções, não estaria eu interferindo, misturando algo que é meu e até então desconhecia, com o objeto narrado? De qualquer forma, mesmo que não coloque minhas emoções na narrativa, será que ela já não estaria contaminada com camadas minhas que desconheço?

Será que no fundo, mesmo sem saber, não importa o que eu esteja narrando, eu não estaria sempre contando minha própria história, mas me utilizando de símbolos que aparentemente não têm nada a ver comigo?

Nesse caso, eu não seria um desmemoriado que vive num mundo sem espelhos e busca a todo custo descobrir-se, precisando formar uma imagem qualquer para basear sua existência?

Caso isso seja verdade, e no fundo todos meus esforços fossem somente em função de mim mesmo, se um dia descobrisse realmente quem sou, o que faria com essa informação?

Como seria meu futuro? Meu objetivo primeiro teria sido atingido, o que me sobraria? Será que eu ficaria contemplando-me no espelho até o dia em que ele se quebrasse, levando

junto e para sempre minha imagem? Será que realmente preciso de uma imagem? Como é que consegui existir até aqui sem tê-la e sem ao menos questionar-me sobre ela?

Lembro-me de um sonho que tive onde enxergava-me, não seria eu tentando descobrir-me? Já que falei de símbolos, não poderia ser essa virtual imagem minha, um símbolo de uma porção de outras realidades que ali estariam se manifestando?

Tudo poderia ser uma grande representação, as coisas não precisariam dizer somente o que mostram, nem as palavras o que os dicionários definem, deste modo, minha tarefa não seria muito maior do que aparenta?

Eu não estaria correndo num grande campo minado, onde algumas explosões matam e outras espalham flores? Como saberia onde pisar? O que faria se morresse? O que faria com as flores que voariam ao meu redor? Se a morte é o fim, o que aconteceria com as vidas que reguei com minhas descrições? Será que elas acabariam junto comigo, ou será que arrumariam uma maneira de encontrar um substituto e continuar existindo?

Não sei quase nada, para que então prosseguir no meio do desconhecido? Não seria mais fácil simplesmente aquietar-me?

14.

...eu já ouvi uma história parecida, até com endereço, e é aqui pertinho da praça, numa casa grande na rua XV, mas só um bobo pra acreditar nisso...

...é nesse lugar mesmo, e pode botar fé que é verdade, eu já vi o homem, quando você conhecê-lo não irá mais duvidar... ele leva uma vida normal, parece até que trabalha em alguma repartição pública, só que durante uma parte do tempo ele é...

...fantasma, diga logo, você realmente acredita nisso?

...você está colocando palavras na minha boca, mas talvez seja isso mesmo, como poderia chamar alguém que consegue atravessar paredes e desaparecer... mas não quero dar um toque de mistério a esse assunto, esse sujeito precisa ser estudado, tudo pode ser explicado pela ciência.

...claro que pode, a ciência explica teu caso com uma palavra: mentira.

...é muito fácil não abrir os olhos para o novo, a ciência nunca teria evoluído se sempre tivesse rejeitado o que até então era desconhecido... esse cidadão pode ser um pioneiro e ter descoberto uma técnica que no futuro pertencerá a todos.

...claro, mas para acreditar num fato desses são preciso provas, você o viu atravessando alguma parede?

...sim, quer dizer, quase isso... eu ouvi muitas pessoas sérias que juram já ter visto... mas não é só isso, uma vez o vi sozinho sentado numa sala de espera de um médico, apenas dois segundos antes não havia ninguém na sala, e se

ele tivesse vindo pela porta eu teria ouvido passos... devo ter perdido de vê-lo atravessar a parede por uma fração de segundo.

...prova concreta então não tem nenhuma?

...faz tempo que estou pensando nisso, pode ser que esse homem nem se importe com sua capacidade, talvez seja alguém distraído que não percebeu que as outras pessoas não têm seu dom, já pensei em fazer-lhe uma visita e perguntar diretamente sobre sua condição...

...se você realmente for me avise que quero ir junto.

...ele poderia negar-se a falar no assunto... por outro lado, alguém em sua condição deve se sentir solitário... se o abordasse com honestidade, sem dissimular meus objetivos... pode ser que ele me mostrasse como tudo funciona... a partir desse instante o mundo inteiro estaria mudado.

“Fique quietinha que o ônibus não vai demorar... se você se comportar direitinho a mamãe vai contar historinha...”

“Conta historinha, conta, eu vô ficá bem quietinha.”

“Tá bom... vô te contá uma história daqui da praça mesmo, uma vez há muito tempo atrás quando a mamãe nem tinha nascido ainda, apareceu no meio da praça, lá perto do chafariz, um buraco. Tinha uns três palmos de largura e uns três de fundura. E o buraco ficou um bom tempo lá, todo mundo já conhecia ele e desviava, às vezes alguém punha uns galhos dentro para que quem caminhasse pela praça não tropeçasse.

Um dia alguém decidiu que o buraco deveria ser tapado e foi o que fizeram. Só que na manhã seguinte ele reapareceu,

desta vez um pouco maior. Foi tapado uma, duas, oito vezes e na oitava vez voltou como uma cratera.”

“Mamãe, o que é cratera ?”

“É um buraco muito grande, que é difícil de enxergar o fundo. Daí o pessoal que tapava o buraco percebeu que eles só estavam piorando a situação. Decidiram ficar uns dias sem tapá-lo. O estranho é que ele começou a diminuir devagarzinho. Eles mediam o buracão e viam que todas as manhãs ele estava um pouquinho menor.

Aconteceu uma coisa engraçada, que na época dividiu a cidade em duas, algumas pessoas queriam deixar que o buraco continuasse diminuindo naturalmente, outras queriam a todo custo tapá-lo. Muito debateu-se antes de se tomar uma decisão, enquanto isso o buraco continuava a amanhecer sempre um pouco menor do que na noite anterior.

Isso acabou dando força para o pessoal que não queria tapá-lo. Os outros protestaram e acusaram os rivais de covardes, de não amarem sua cidade. O buraco continuava diminuindo. Muitas pessoas que antes tinham escolhido que o buraco fosse tapado, agora já achavam melhor que o dinheiro não tivesse sido gasto inutilmente. Principalmente porque todas as tentativas de tapá-lo tinham sido frustradas e só fizeram aumentá-lo.

Passado mais algum tempo, o buraco tinha diminuído até o tamanho que apareceu pela primeira vez. Passaram-se mais alguns dias, mas o buraco tinha parado de diminuir. Ficou do mesmo tamanho, todo mundo o conhecia, os galhos de árvore não deixavam que ninguém tropeçasse nele. Ele passou a ser considerado algo inevitável.

A cidade que antes tinha ficado dividida em dois grupos,

agora estava unida em torno de uma pergunta: por quê?

Todas as tentativas de explicar resultaram em nada. A verdade, é que simplesmente não se sabia a resposta. As crianças e os cientistas usaram todas suas habilidades, mas depois de algum tempo acabaram desanimando e aceitando que aquele era um buraco que não admitia ser tapado, o buraco inevitável.

Mais tempo se passou e, como todo mundo estava conformado que aquele buraco teria de existir, a população acabou simplesmente esquecendo-se dele. Ele era só mais um buraco na cidade.

As pessoas nascem, viram criancinhas como você, depois ficam grandes que nem a mamãe, vão envelhecendo e um dia morrem, mas a vida não pára, enquanto uns estão morrendo tem sempre gente nascendo. Homens que não eram nem nascidos na época em que o buraco apareceu, agora começavam a se perguntar por que ele nunca tinha sido tapado. Escutavam as velhas histórias sobre os fracassos das gerações anteriores, e atribuíram o insucesso à falta de tecnologia dos mais antigos.

Cheios de auto-confiança e aparelhos de sondagem subterrânea, taparam duas, cinco e oito vezes. Mesma coisa, mesma história, a cidade dividiu-se novamente, o tempo de discussão fez novamente o buraco diminuir, até voltar a seu tamanho inicial, depois veio a dúvida sem respostas e o esquecimento.

Durante esse segundo período de esquecimento aconteceu uma coisa engraçada, o buraco foi tão esquecido que alguém acabou plantando umas sementes nele, e hoje, não sei se posso dizer que ele não existe mais, ou se essa situação é

temporária, mas ele ficava exatamente onde está aquela arvorezinha que dá frutinhas vermelhas.”

“E aí, gostou da história?”

“Num sei mãe, achei meio complicada... será que eu não sô buraco também?”

“O ônibus chegou, sobe rapidinho.”

Futebol. A desculpa que dei para sair de casa a essa hora da noite. E ela ainda acreditou, mas pior que ela sou eu, que tenho de inventar uma mentira qualquer para não ter de dizer que só vou descer do prédio e ficar sentado em um banco de praça, provavelmente olhando pro próprio prédio. Ela sabe que sempre detestei futebol e não seria aos quarenta e sete anos que começaria a gostar, acho que se eu tivesse dito que estava saindo para ir ver uma amante ela reagiria com a mesma indiferença.

Mas no fundo minha atitude foi pior, para que ter de inventar justificativas falsas, não é nem pela mentira em si, mas pelo medo inconsciente que tenho, deve ser alguma coisa mal resolvida que vem da infância... covardia... o problema é esse maldito horário, comemos alguma coisa e ligamos a televisão, telejornal, novela, nem durante os comerciais trocamos duas palavras, às vezes saio da sala e vou até a janela, fumo um cigarro e olho a praça.

É um ritual cotidiano de infelicidade... sou tão culpado disso quanto ela... às vezes me dá vontade de gritar, de jogar a televisão pela janela, ou então de tentar conversar e propor algo diferente, uma mudança de atitude... mais uma prova de que sou covarde. Por outro lado eu estaria tentando colar

os cacos de um vaso quebrado. Talvez coragem de verdade fosse sair pela porta e nunca mais voltar nem dar nenhuma satisfação, aí sim estaria sendo corajoso, abandonando catorze anos de vida em comum onde consegui juntar algum dinheiro, que teria de ser abandonado. No fundo é para isso que é necessária a coragem. Começar tudo de novo na minha idade e saber que ela ficou com tudo o que é meu, e que logo estará dividindo minhas coisas com um vagabundo qualquer.

Se fosse só por ela eu não precisaria de muita coragem, iria embora agora mesmo. Também não quero aquelas separações cheias de briguinhas, advogados, isso eu não suportaria.

Qual o caminho que me resta? Descer todas as noites e ficar sentado no banco da praça esperando que a luz da sala se apague para poder voltar para casa? Que saída pobre e infantil... mas é meu alívio, essa brisa da noite, ouvir o barulho dos ônibus mais de perto, ver o fim do movimento, mais um dia vencido... quantas dessas pessoas que esperam pelos ônibus será que vivem situações parecidas com a minha? Será que nenhuma... será que sou o maior dos covardes? O fracassado medroso que joga fora a própria vida com medo de tomar uma atitude que sabe bem qual é.

Mês passado, enquanto vivíamos aquelas duas horas mortas diante da televisão, por várias vezes tive vontade de chorar, senti um nó na garganta, e até achei que estrategicamente o choro poderia ser bom, porque é meio inevitável que as lágrimas despertem no outro pelo menos um pouco de compaixão, que pode ser verdadeira ou não, isso pouco importa, e essa compaixão ou falsidade

facilitariam o início de um diálogo.

Mas nem para chorar fui bom, até tentei ajudar pensando em coisas tristes, mas as lágrimas não vieram, transformei tudo num grande suspiro de irritação, que acho que ela nem percebeu, pois assistia à novela e lixava as unhas ao mesmo tempo. Fui para a janela e fumei meia carteira de cigarro. Nesse dia fiquei imaginando o que o oitavo andar faz com o corpo humano. Imaginei-me estatelado no asfalto escuro e molhado, ou então amassando algum carro estacionado. Não sei porquê, joguei o resto da carteira de cigarros pela janela.

As duas horas mortas me trazem diariamente muitas idéias, nada criativo ou produtivo, fico reparando em como ela envelheceu, como vai perdendo dia a dia sua beleza e não substituindo-a por nada. Os anos levam o frescor da pele, mas no caso dela não deixaram nada como compensação, nenhuma sabedoria, experiência de vida, ela me parece a mesma jovem de vinte anos que conheci há vinte e cinco anos atrás, mesma imaturidade, mesma preguiça para aprender algo diferente. Só que os atrativos que me iludiram estão todos indo embora, vou ficando só com a pior parte. Mas se eu quiser e for masoquista o suficiente, tenho certeza de que ela não tomará nenhuma atitude para impedir que os próximos trinta anos sejam uma repetição diária e piorada do que temos hoje.

Mas o fato de eu ter descido pra passar um tempo sozinho na praça... isso também está dizendo que eu sei que está na hora de tomar uma atitude... nem que seja decidir que não tenho coragem de fazer nada e, conscientemente, escolher ir levando as coisas do jeito que estão mesmo.

Esses são instantes só meus... momentos em que não

preciso fazer nada de prático... trabalhar, me divertir... se quiser fico aqui sem pensar em nada, nem meu futuro preciso decidir... sou eu sendo e ponto final. Sem relações, amarrações, sem conseqüências... nessa hora fico contente por não ter tido filhos, se tivesse o embrulho seria ainda maior, as culpas, os jogos de empurra, tudo seria mais complicado. Acho que talvez se conseguisse me enxergar de fora, minha situação não seria tão complicada quanto me parece, a gente sempre aumenta muito os nossos dramas e diminui o dos outros.

Separação. Seria a lógica resposta de um observador neutro. Umhas dores de cabeça, uns tempos meio perdidos por não ter mais o que me fazia sofrer... depois o tempo fazendo seu trabalho de cicatrizador, uma vida nova sendo cristalizada. Só que é nessa nova vida que mora o perigo... tudo bem, digamos que decida me separar e agüente bem o baque que sempre vem, eu teria de mudar meu interior para que a próxima vida que virá não seja uma repetição da antiga. Uns detalhes diferentes, mas o mesmo esqueleto básico de sofrimento e auto-punição.

Não posso me esquecer dela, não posso também simplesmente pensar só em mim. Ela deve sofrer no mínimo o mesmo que eu, deve ter seus momentos de lágrimas, deve ser mais eficiente no choro, só que mais honesta porque não tenta usá-lo para atingir seus objetivos. Se tivesse uma maneira de entrarmos num acordo verdadeiro, de acordarmos a parte adormecida que há em mim e nela... ela sofre, a luz da sala ainda acesa e ela, dia após dia, assistindo aos mesmos programas imbecis, desconfio que em muitos momentos ela esteja ausente, a televisão torna-se apenas uma caixa de luzes e barulhos e ela viaja por um mundo melhor, talvez tenha idéias muito

parecidas com as minhas, pode ser que o que impeça nossa comunicação verdadeira sejam detalhes pequenos. Pode ser que estejamos de costas para o paraíso maldizendo nosso destino e o que teríamos a fazer seria simples...

Tenho pena de nós dois, mas tenho de avaliar esse sentimento, a raiva às vezes pode ser benéfica, não quero me tornar um velhinho cheinho de peninha de sua velhinha enrugadinha. Se é tão complicada assim a comunicação, então azar, adeus paraíso e vamos tentar outra vez, virar a mesa, sem pena, cada um cuidando de suas dores e rancores. Azar. Sorte, sei lá, está ficando frio... ela foi dormir. Vou voltar pra casa, deitar-me ao lado dela, ela estará distante de mim... mas vou tentar sonhar que está próxima.

“Faltam dez minutos para as duas horas da manhã, a temperatura é de catorze graus, faz um friozinho lá fora mas a sua rádio do coração vai aquecer você, nosso companheirinho da madrugada, nossos amigos vigias, motoristas de táxi, pessoal do turno da madrugada nos hospitais... você que não consegue dormir, você que está vivendo momentos difíceis, a vida é assim mesmo, nós caímos mas temos de dar a volta por cima... vamo falá de alegria, de coisa boa, qué coisa melhor do que um coração apaixonado, isso mesmo, “Araújo e Arantes” cantam para você...”

Esta musiquinha xarope, essa falação das rádia eu podia fazê, já sei direitinho as conversa mole, toda noite ouvindo as mesma papagaiada, isso que é trabáio bão, ficá lá no quentinho falando o que vié na têia e depois inda ganhá um salarião, e diz que os pião inda recebe um montão de carta

de muié bonita, que gosta da vóiz e despois fica imaginando como é a cara. Meu pobrema é o istudo que precisa ter, tem que falá todas as palavra certinha, meus piá tão na escola, escreve bem direito, fala os esse no fim das palavra, vão tê um futuro mió que o do pai deles. Num vão precisá de ficá a noite toda vigiando prédio, inda arriscado de entrá bandido pra robá os rico e quem leva chumbo sô eu. Pra mim o pió é ficá acordado de noite e tê que dormi de dia, num durmo bem, pego no sono lá pelas oito e antes do meio-dia já tô acordado, passo o dia intero meio zozzo, as veiz sinto fome de leão, as veiz fico só na base do café, o médico da firma disse que tô com pobrema de pressão, açúcar alto, eu sei lá, como as coisa que gosto, falô pra eu caminhá uma hora por dia, eu lá vô ficá andando em roda que nem esses paiáço de carção que fica lá no Passeio Púbrico... inda mais ansim zozzo e sonado do jeito que fico de tarde? Eu não... armoço à vontade, como até leite condensado de sobrimesa, despois fico vendo televisão, as veiz lá pelas quatro hora eu tiro uma sonequinha rápida, tô barrigudo sim, mais quero vê um home de cinqüenta ano que não tá, só esses véio da televisão que faz cirurgia na barriga pra tirá fora as banha. Os fío tudo estudano, risca até algum deles virá dotô, devogado, diputado, delegado, se fô assim vô ficá bem contente. A muié chia quando eu digo que queria que um fío meu virasse um desses home que fala na rádia, diz que isso num é profissão, que deve de sê tudo maconhero e pinguço, cheio de quenga pra cima e pra baxo. Num sei, nunca conheci nenhum pessoarmente, mas acho que deve de sê um serviço bom pra burro, conseguí falá toda noite pra tanta gente, e falá o que quisé, dizê as suas opinião, e despois ficá no meio daquela

montoera de disco e podê escuitá a música que quisé. Deve de dá pra fazê bastante amizade, as pessoa fica ligando pra lá a noite toda. Se num deu pra mim por causa da farta de istudo, nosso sinhô Jesus Cristo , que me protege todas as noite contra a bandidagem, vai jogá suas bença na minha família e um dos fío vai sê faladô da rádia. Imagino o meu orgúio no primero dia que iscuitá a vóiz dele. Acho que eu saía falando pra todo mundo, soprava meu apito e quem aparecesse eu mostrava o radinho com meu fío drento.

Meu fío vai mudá as rádia, na madrugada é só ou contando os crime de morte que aconteceu ou falação de crente e aquelas coisa de tirá capeta do corpo. As veiz tem umas musiquinha, mais é só aquelas música que gente rica gosta... se um dia ele chegá a falá, ele vai inventá umas coisa nova. Podia misturá música com istória, dá umas informação útil pros agricultor, pros criador de porco, de galinha, pros profissional da madrugada... tem tanta coisa que dá pra fazê pra aumentá as idéia, dexá a cabeça mais isperta... a rádia a gente não vê, tá só drento das imaginação... se o home fosse falando umas coisa pra gente i imaginando, uns acontecimento, despois misturá isso com umas cor diferente, despois misturá tudo com uns barúio que ele faz lá, mais nós num sabe o que é. la dá um nó nas nossa idéia, mas ia sê uma coisa bonita, nós ia por uns minuto pensá de um jeito diferente, saí um poco dessa coisa chata tudo iguar de todo dia, asfalto, sinalero, carro, salário, lei, patrão, ladrão, revórve, médico, barúio, sono ruim, cartero, ônibus, futebor, tudo sempre a mesma porcaria, as idéia ripitando todo dia elas mesma, ripitando as coisa iguarzinha... se as idéia pode mudá as coisa em vorta acaba que nós muda também.

Embaxo da santa tá cheio de biête de mega-sena, já tentei de tudo, os aniversário, os númuro das casa, das praca dos carro, da indentidade, até númuro que apareceu no sonho. Inda num chegô minha veiz, se Jesus num quisé talvez nunca chegue, mais vô continuá tentando, dois três conto por semana num vai fazê farta. Se ganho encho umas sacola de dinheiro e vô direto na rádio – dotô cum todo respeito, quero comprá tua rádio, se fartá vô em casa e trago mais umas sacola pro sinhô.

Se pobre num sonhá vai me sobrá o que? No mundo dos meu sonho, as pessoa num trabáia de noite e nem tem que acordá cedo... as pessoa nem precisa trabaiá do jeito que a gente conhece o trabáio, as pessoa trabaiando menos ia de tê mais tempo pras idéia nova, e dessas idéia é que ia aparecê um jeito das pessoa num ficá tão revortada com a vida por num podê comprá as coisa que a televisão mostra, e também um jeito dos rico num passá a vida toda priucupado cum medo de perdê suas riqueza. Sem essas agonía que tá por todo canto, as pessoa ia dá mais risada e sê mais feliz. Eu óio pras pessoa e vejo um marzão de agonía, mesmo quando elas tá rindo, a risada delas é carregada duma tristeza que tá espaiada por todas as pessoa. Mais isso num é o que Deus qué, isso vem de dexá que nossas idéia se apodreça drento do ônibus, que elas vire porcaria nas espera e nas papagaiada da televisão e da rádio. Daí uma fruta podre vai podrecendo a otra e pronto, vivemo numa caxa de fruta podre... nossas idéia fede e nem pudemo fazê nada que num seja fedorento.

Pra saí dessa caxa podre, só usando as idéia, elas parede num segura, num tem diputado, nem lei nem nada, atravessa quarqué coisa, elas são poderosa. As veiz fico meio cabrero,

se acreditá ansim numa coisa dessa num é pecado. O padre sempre diz que devemo louvá o senhô acima de quarqué coisa, só que acho que ele também teve suas idéia, e foi com elas que mudô as coisa. A bíbria eu num intendo nada, pra mim parece fala de gringo... que que adianta ficá repitindo uma coisa sem intendê nada.

O dia tá manhecendo... nessa hora que num tá nem craro nem iscuro me bate um vazio no peito, num sei expricá, despois que o sol nasce o ruim passa, deve de sê uma hora feita pra num ficá tentando tê muita idéia.

O home do andar oito saindo de novo... tem esse otro cabocro que fica lá fora andando de um lado pro outro... tá me dexando cabrero.

15.

Fui interrompido. Estava indo muito bem, tinha começado a sentir-me como o leito de um rio, e as águas estavam fluindo através de mim. Águas, vida, fragmentos de vida e de morte, matérias de todas as concentrações energéticas me atravessavam, e acho que eu também as atravessava. Percebi então, como uma história pode se parecer com uma pedra, um desejo com o ontem, e a luz com um homem. Sob o ponto de vista de um leito de rio as coisas se parecem imensamente. Creio que depois do meu esforço inicial infrutífero, acabei cavando um buraco de onde as primeiras gotas de um olho d'água começaram a brotar, meu esforço no fundo acabou não sendo tão infrutífero assim, daí o fio de água foi aumentando e minando as bordas, fazendo com que o buraco do leito também aumentasse. Mas acho que fui um instrumento de um processo que estava se iniciando, não é que tenha sido interrompido, eu mesmo escolhi parar, não conseguiria deixar a vida me atravessar quando... não sei me exprimir direito, se continuar vou acabar dizendo bobagem.

O homem estranho avistado pelo vigia do prédio enquanto o sol nascia, era ele. Sua presença me incomodou bastante, e me fez imediatamente lembrar de quem sou, coisa que temporariamente tinha esquecido. Tirei das águas que corriam lentamente, seu sustentáculo, aquele mundo dissolveu-se no nada e eu renasci de dentro dele.

Voltei modificado, devo ter assimilado comportamentos das pessoas com quem convivi, sinto que estou mais emotivo,

com todas as cargas positivas e negativas que o termo traz. Humanizei-me, devo ter herdado memórias de todos os tipos, das vidas que conheci. Como um ser sujeito a emoções, ganho responsabilidades extras, não posso deixar-me conduzir por elas e permitir que afetem outras pessoas que nem suspeitam que elas existam.

Não nego que senti muita raiva quando o vi. Pareceu-me que meu período de liberdade tinha terminado e que eu teria de voltar a acompanhá-lo, ou ele a me acompanhar. Depois, refletindo melhor, cheguei à conclusão de que as coisas não são bem assim, mas também não deixam de ser um pouco assim. Não preciso ser uma sombra, mas também não tenho como ignorá-lo. Foi através dele que eu passei a existir.

Ele também me pareceu modificado. Seu comportamento era o de uma pessoa normal, talvez de alguém que estivesse esperando alguma coisa... não sei bem explicar, antes por várias vezes ele tinha tentado parecer normal, mas sempre deixava um detalhe escapar. Agora ele era apenas mais um rosto na multidão, mesmo que não houvesse quase ninguém na rua. Se ele não se confundia com outros, se confundia com a própria cidade. Diria que ele se parecia com algum pequeno vagabundo do centro, que esperava por alguma pequena oportunidade.

Todo seu corpo falava a linguagem de um pequeno malandro, braços abertos sobre o encosto do banco, pernas esticadas, sapato deixando um dos calcanhares de fora, botões da camisa abertos até pouco acima do umbigo e um cigarro em cima da orelha. Língua passeando por cima das gengivas, boca fazendo estalos, olhos muito abertos e atentos para aquela hora da manhã. Como alguém poderia mudar

tanto? Seria esse um disfarce de alguém que continuava aplicando suas teorias, ou ele simplesmente tinha se cansado de tudo e agora queria ter uma vida, o que até então não experimentara?

Observei-o por alguns minutos e ele continuava com seus trejeitos, à espera da grande pequena oportunidade. Observei-me também e, quase sem perceber, notei que já estava novamente envolvido com ele. Algumas pessoas passaram perto dele, o dia estava começando, a primeira risada foi dada, as pessoas falavam... as mesmas que antes tinham fluído suas vidas através de mim... só que agora parece que havia uma barreira entre eu e elas. Como se escutasse as vozes distantes e abafadas que vêm do fundo de um rio, o nublado e opaco, uma memória velha prestes a ser esquecida... só ele me prendia a atenção, só ele parecia estar submerso na mesma substância que eu.

Eu tinha mudado de sintonia, estava diferente, o que antes parecia o centro do meu ser, agora era... nada. Gostaria de saber como é que acontecem essas mudanças... como isso é tão imensamente estranho. Será que não é mais ou menos assim o que acontece quando as pessoas... não, chega de especulações.

Agora que a raiva, a surpresa e a estranheza-curiosidade foram controladas, percebo que ele realmente deve estar esperando alguém, porque olha para todos que passam. Será que casou-se e sua esposa trabalha de noite... isso seria a maior das simplificações. E as respostas para todas as perguntas, o diário do dia de amanhã, isso não pode simplesmente ter desaparecido de sua cabeça. Ele não pode ter se transformado num pacato cidadão de bem, ou em um

batedorzinho de carteiras, talvez possa ter acontecido com ele algo parecido com o que aconteceu comigo... pode ser que ele esteja em outra sintonia, o sonho de ontem tornou-se tão interessante quanto uma específica fruta podre que está debaixo de uma montanha de frutas podres.

Estou aprendendo coisas novas todos os dias... são camadas que vão se sobrepondo, e sempre sobre a última é que deverá ser assentado o próximo tijolo que nos constrói, páginas viradas, cada uma é a mais importante de todas naquele instante.

Mas é aí que eu me confundo mais, a dúvida aumenta e já não sei mais nada, nem quem sou, nem onde piso, nem o que devo fazer... e o instante, o momento do acontecimento... o que é isso afinal? Se cada camada que nos constrói é ligada a um instante particular, que como ela também já empalideceu, e com todas as que virão pela frente também acontece o mesmo, então nós todos, coisas, pessoas, tudo o que existe, não seríamos grandes receptáculos ociosos que vão dia a dia enchendo-se com camadas de sua própria destruição? E essa fatia do grande tempo único chamada instante, não seria dessa substância que é feita a morte? A vida também... o instante acontece e com ele acontecemos, as muitas pequenas vidas que a ele se amarram morrem juntas, e num grande fardo de pedra vão nos preenchendo. Quando enche-se o receptáculo, ele afunda e desaparece nas águas do tempo-rio-eterno, dissolvemo-nos... é isso, é meu palpito pelo menos...

O sol já nasceu completo, a praça está cheia, a vida acontecendo. Observo isso como um cenário distante e sem importância. Ele continua sentado em seu banco e movendo

seu corpo de pequeno malandro para cá e para lá. O dia vai acontecendo e ele espera um acontecimento. Levanta-se, e reparo que caminha como um malandro, todo cheio de gingado, o pescoço move-se para todos os lados em busca de uma oportunidade qualquer... ele é outra pessoa.

Reparo no seu ritmo, não foi apenas seu gestual que mudou, cada movimento seu está dentro de um outro tempo, que às vezes é mais rápido e às vezes mais lento do que antigamente, mas que obedece o resto do conjunto de seu comportamento. O malandro é alguém atento à oportunidade, finge-se de distraído e desinteressado, mas está sempre atento ao que a vida lhe oferece. Disfarçando, ele acaba conseguindo o que normalmente desdenha, e descartando o que fingia desejar.

Uma idéia daquelas que me bombardeiam: não seriam todas as pessoas que existem, malandras? Claro que com diferentes cores, velhos engravatados, adolescentes tatuados, militantes politizados, moçoilas casadouras, capitalistas selvagens... não estariam no fundo todos disfarçando seus interesses para capturar suas oportunidades... e assim sendo, todo mundo, até os que aparentemente são mais desapegados de seus destinos individuais, não estariam, do nascimento à morte, usando todas suas energias somente em benefício próprio? Todos os atos em que as energias individuais fossem usadas pelo coletivo, não seriam uma maneira de disfarçar interesses individuais, que através dessa pretensa generosidade, acabariam revertendo-se para quem os praticou? Um egoísmo disfarçado de generosidade...

Esse individualismo, não seria em si nem bom nem mau, seria apenas uma força natural que faz a vida progredir. Da mesma maneira que uma flor não se preocupa com outra, o

homem também, no fundo, não se preocuparia com seu semelhante. Esse individualismo sob o ponto de vista evolucionário é um grande sucesso, principalmente para o ser humano. Com todas as catástrofes, guerras, e disputas que o “cuidar só de mim” trouxe, trouxe ainda mais vida. Se vivemos nessa epidemia humana que cobre todos os cantos da Terra, é porque cada um procura com todas suas forças cuidar o melhor possível de si mesmo. O homem então, é muito mais parecido com os corais submarinos, ou com as joaninhas do que aparenta, as diferenças seriam superficiais, diante do que precisaria ser feito para que ocorresse uma real mudança.

O mais honesto dos homens seria aquele que descontaria do que chama-se de amor, todo o instinto de preservação da espécie e toda a pressão social. Descontaria de todos os tipos de relações humanas, o medo da morte e da solidão. De toda a generosidade ele diminuiria a necessidade de reconhecimento e gratidão. De todas as grandes idéias da arte e ciência ele deduziria o desejo de fama e o de eternizar-se. Com o que sobrasse de todas essas subtrações, se é que sobraria alguma coisa, com essas pobres lâminas de madeira que seriam deixadas como sobras, ele então construiria sua moradia.

Idéias que explodem aqui e lá... como eu mesmo disse, preciso de equilíbrio, um pouco de racional, um pouco de emocional e um pouco de instinto, o deixar-se ir sem lutar contra aquelas forças que me construíram... acompanhando-o, aquele pequeno vagabundo irônico... reparo que seu andar malemolente e seu requebrar de ombros estão cheios de uma ironia corporal, escuto baixinho “...estou aqui, pedaço dividido

do todo, carinha auto-regada, montinho de fibras móveis querendo viver, vou mexer-me de modo engraçado, devo ser patético, pequeno, esquecido, provisório, as coisas são tão grandes, o espaço é grande, o tempo imenso, vou ser mais engraçadinho ainda, todo sexualizado, escorregadio, esperto, bagre ensaboado, desse jeito eu acabo me achando engraçado, rio de mim mesmo, esqueço um pouco os medos, ironizo minha pequenez.”

Esse malacozinho espertalhão ginga pela praça, olha as moças, flerta com as flores, muda de banco, agora masca chicletes lentamente, consegue fazer bola e ploc... puxa com a língua o chicletes para dentro da boca. Dia intenso, vai e vem no máximo, sol já esquentando, ele aproveita o frescor da brisa, camisa aberta, olhos de quem sabe das coisas... a pele sendo levemente esquentada pelo solzinho crescente, suspiro de que bom, estou vivo, acertei, sou esperto, que pena que isso não é para sempre...

Sua boca transmite uma alegria tristonha, um vou aproveitar enquanto é tempo, mas e depois? Boca dúvida: será que eu... no fundo mesmo tenho tanto medo, mas que alternativas tenho, o negócio é continuar sendo do jeito que sou... ironizando também os que não são como eu – fui eu quem pegou a estrada certa, a de vocês está cheia de árvores escuras, sombras, bifurcações e setas que indicam para os dois lados – meu caminho é mais ensolarado, só lá pelo fim da tarde é que as sombras começam a chegar, enquanto isso aproveito o sabor do sol queimando os pelos do meu braço, aproveito os caquizeiros carregados de frutos moles que me lambuzam o queixo e o nariz.

Ele move-se, mesmo quando está sentado alguma parte

de seu corpo está se mexendo. Parece até que é medo de ficar parado... desejo de desviar de algum objeto que o poderia atingir... foge-se...

Então o malandro cruza as pernas, muda a posição dos braços, dos quadris, levanta-se e caminha um pouco, volta a sentar-se. É o balé do medo da imobilidade... desconfio de que idéias o ficar parado possa lhe aproximar.

Os dedos dele agora trabalham rapidamente com o chiclete que tirou da boca, rolam-no de um lado para outro até que perca a aderência, com a goma de mascar morta nos dedos ele brinca com ela, transformando-a em uma esfera perfeita. Vai espremer a esfera embaixo do banco de praça como todos fazem... no meio do caminho pára, dessa vez todo seu corpo pára, seus olhos raciocinam. Ele posiciona a bolinha em cima da unha do polegar e com a ajuda do dedo indicador, atira-a longe. Ela cai a uns três metros dele, bem próxima aos pontos de ônibus. As pessoas passam próximas à bolinha que ficou meio esmagada no chão.

Seus olhos mudam, reparo que está ansioso, por instantes deixou de ser um malandro e voltou a ser um estatístico, matemático, um louco... ele quer saber quem e quando alguém pisará na bolinha, sua boca modifica-se conforme os pés aproximam-se dela, e repousa quando os pés passam longe. Ele levanta-se para observar mais de perto, encosta-se no ferro do ponto de ônibus e tenta disfarçar seu tremendo interesse, só olhando para o chiclete quando alguém caminha na direção dele. Finalmente alguém pisa-o.

Será que tudo é como uma grande goteira, onde pingos idênticos escorrem pela calha, depois formam poças estagnadas que evaporarão e um dia voltarão a chover e

escorrer como gotas idênticas? Será que o que parece algo diferente não seria apenas uma fase que não corresponde ao instante que vivemos, do mesmo processo repetitivo?

Controlo-me porque estou a um passo de perder o equilíbrio, não gostaria de entrar novamente naquele jogo de mistérios e descobertas que levam a outros mistérios. Pela primeira vez me ocorre a idéia de tentar me comunicar com ele, mas a coisa não é tão simples assim, o que eu poderia dizer a ele... quem diria que sou, talvez ele até já saiba e eu não precise dar explicações. Não sei se poderia perguntar-lhe alguma coisa ou então sugerir, talvez dissesse: “caro senhor, se desejas enfiar o dedo no joguinho da vida, porque não o faz de vez, agüentando todas as conseqüências, acho que possuis muitas qualidades e que está no bom caminho, mas falta algo ao senhor, não entendo o porquê de suas pausas quando estás próximo de galgar mais um degrau, não sei se isso é parte de alguma estratégia, ou se é pura falta de autoconfiança. É sempre mais fácil realizar uma tarefa quando temos o olhar externo de alguém que procura nos corrigir os erros, não tenho essa pretensão. Mas nesse caso, tens virtudes demais e defeitos tão pequenos, que eu me sentiria um grande omissor se não te dissesse isso: seqüência, é disso que precisas.”

É o que penso, e acho que estaria sendo útil se o dissesse, mas não sei... as conseqüências de uma eventual comunicação minha com ele são desconhecidas, mesmo que ele já saiba de minha existência, isso não modificaria nada. Eu poderia estar interrompendo para sempre os caminhos meus e dele, estaria criando um terceiro, que não sei qual é, talvez nos fundíssemos, talvez apenas derretêssemos...

As gotas d'água seguem escorrendo pela goteira, ele olha para o chiclete amassado com os mesmos olhos que antes olhava para as moedas atiradas no chão. A malandragem, a ginga, o corpo flexível e irônico, foram máscaras de carnaval que agora caem. Os jogos recomeçaram, nunca pararam, talvez eles existam apenas para serem jogados, sem necessidade de se obter uma resposta ou se atingir uma meta, as gotas formam poças e se evaporam... depois dessa constatação talvez eu volte para a praça e suas histórias entrelaçadas, depois eu mesmo acabarei gotejando em minha própria poça até que ela se evapore.

Da mesma maneira que disse que o que falta a ele é seqüência, pode ser que isso, ou algo parecido, seja o que falte em mim. As coisas acontecem... continuam acontecendo, o que nele chamei de seqüência, em mim pode ser falta de ousadia, medo de desaparecer, medos, comodidades, avanço, mais nada além do conforto, falta-me o tentar atravessar os muros sólidos, o grande desafio maior, falta-me, existo mas sou fraco. Pensando bem, não são apenas os atos das pessoas e até mesmo de seres como eu que são como gotas d'água numa goteira, as pessoas e os seres também o são, por sua vez, gotas elas mesmas, ele é igual a mim e eu sou igual a qualquer outro. Todos nós seguimos pingando rumo à poça d'água estagnada e à evaporação.

16.

Não tenho outro caminho. Depois que o diálogo com o homem surgiu como idéia, qualquer outra escolha seria uma fuga infantil, um esconderijo fácil, mas mentiroso. Tenho de seguir adiante, esquecer os medos, que agora percebo serem maiores do que sabia. Eles estão lá, me dizendo coisas horríveis nos ouvidos... tentam me impressionar com vozes sombrias cheias de ecos e gritos estridentes. Mas raciocinando um pouco, mesmo as mais pesadas ameaças não são nada mais do que deixar de existir. Pensando friamente, e esquecendo os efeitos vocais inventados para assustar, qual seria o problema em não mais existir?

Os olhos externos que nos enxergam sem participarem de nossos atos, são sempre nossos melhores conselheiros. E baseado nessa visão isenta, que me deixa claro que não existir é tão natural quanto existir, e que esse era o gigante entre todos meus medos, então resolvo sem vacilar, interpelar o homem que venho acompanhando nesses últimos dias:

“Escute-me aqui, eu sou aquele que te acompanha há algum tempo, não sei dizer exatamente quanto, mas vi teu esforço em busca de teus objetivos, suspeito quais sejam eles, mas não tenho certezas. Invado um terreno que não é destinado a mim, essa comunicação normalmente não deveria estar existindo... mas as coisas acontecem...”

“Eu...eu...desculpe-me, tenho a voz murcha porque não sou de muitas palavras... na verdade não sei o que te dizer, não sei se me surpreendo, se o fizesse com muita ênfase não estaria sendo honesto, pois sempre alimentei uma leve

suspeita de que você pudesse existir e estar agindo, não sei se o recebo de braços abertos ou o repudío e o mando voltar para o lugar de onde nunca deveria ter saído... diga-me o porquê desse contato.”

“Não estou em melhor situação que você, talvez eu realmente devesse ter ficado no meu lugar, talvez eu seja apenas um invejoso que te viu buscar algo grande e também quis fazer o mesmo. Posso até estar querendo unir forças com você para ver se juntos conseguimos chegar mais longe. A grande verdade é que não sei... simplesmente isso.

Não quero te metralhar com perguntas a respeito dos teus projetos e descobertas, essas eventuais respostas por mais interessantes que fossem, dadas de mão beijada desse modo, acabariam perdendo todo o valor que têm.”

“Eu... continuo não sabendo o que te dizer, escuto tua voz mas não te vejo, onde é que você fica, o que é você... não sei exatamente o que te perguntar, mas tenho mais perguntas a fazer do que respostas a dar.”

“Sei o que deve estar passando por tua cabeça, as mesmas perguntas sobre meu ser, já as fiz a mim mesmo... não consegui descobrir nada. Conheço mais de ti do que de mim... e nem sobre você cheguei a alguma conclusão. É tudo tão imensamente confuso... como se eu estivesse dirigindo um carro vendado... quando decidi entrar em contato contigo acelerei o veículo, o máximo que podia, só para ver no que tudo ia dar.”

“Você deve saber que tua decisão de entrar em contato comigo não modificou, radicalmente, só a tua existência como também a minha. Você tomou uma decisão por mim.”

“Isso é verdade... talvez tenha sido precipitado, eu tenho

o direito de me arriscar o quanto quiser, mas os outros... espero que não te prejudique, é fácil dizer isso agora, lamento que a situação seja irreversível. Acho que de agora em diante estaremos para sempre associados.”

“Você não tinha esse direito, você me matou. Quem irá existir, de hoje em diante, não será o mesmo que nasceu e cresceu, que acreditou em coisas boas e em grandes bobagens, sonhou e chorou. A partir de hoje sou outra pessoa, que mesmo que possa ser melhor que a anterior, não o será por seu esforço e nem pela seqüência natural dos acontecimentos. Virei uma planta com as raízes arrancadas.”

“Se nossa convivência de agora em diante será inevitável, não acha que poderíamos tentar esquecer as diferenças...”

“Esquecer que você me destruiu e me fez renascer como um apêndice seu...”

“Não será um apêndice, nós teremos a mesma importância, talvez até eu me torne um apêndice teu... estou falando daquilo que desconheço, mas não sei por que... acho que mesmo que tivesse sido mais cauteloso, e refletido que minha decisão mudaria não somente a minha, mas também a tua existência, mesmo assim acho que nosso contato e eventual fusão eram coisas que iriam acontecer de uma maneira ou de outra, independente de quaisquer vontades pessoais.”

“Justificativas são fáceis, ainda mais como você mesmo disse – estou falando de algo que desconheço – mas também não quero viver em conflito, se as coisas são assim, o que posso fazer? A matemática... eu acreditei nela, como você deve ter percebido... agora, nesse instante, ela me parece tão... pequena. Ou talvez seja o contrário... ela é tão grande,

que o que toquei foram apenas sombras que julguei serem sólidas. Me sinto tão imensamente pequeno.”

“Você é um felizardo, construiu tua crença, e se ela é verdadeira ou não pouco importa. Você plantou tuas sementes e elas por vezes brotam das maneiras que menos esperamos... mas só brotam se um dia forem plantadas. Mas analise a minha situação, não sei de onde venho nem para onde vou... sou obrigado a plantar uma semente que desconheço de que planta seja... posso, sem saber, ser um sabotador que está espalhando ervas daninhas que destruirão árvores sólidas... não sei a que senhor sirvo, mas não posso deixar de servi-lo.”

“Eu posso me tornar tua semente nociva... eu que sonhei e achei estar tão perto desse sonho bom... mas você veio e me acordou, me arrastou para um presídio móvel que me acompanhará de hoje em diante. Talvez a liberdade que eu achava que tivesse fosse outra ilusão, eu apenas não tinha ainda encontrado as barras da cela.

Disse que desconheces teu senhor... talvez você também seja uma vítima, e teu livre-arbítrio seja tão real quanto minha liberdade. Acreditou estar tomando a decisão de entrar em contato comigo, mas na verdade apenas obedecia a ordens do senhor que desconheces.

Se isso for verdade é a ele que devemos questionar...”

“Aparentemente minha decisão é de minha inteira responsabilidade... mas não sei... você pode ter razão... existem tantos estados mentais, e às vezes eles mudam tão rapidamente, se misturando com desejos e recordações, tornam-se noites nubladas onde nada é claro e as poucas luzes movem-se nos dando pistas falsas... sem falar das

ausências de consciência, quando viramos barco à deriva num mar agitado. É bem possível que existam grandes brechas, que possam ter sido usadas para que eu fosse conduzido sem ter percebido... mas se isso for verdade e eu sentir a necessidade de me livrar dessa força que me comanda sem que eu perceba, o que poderei fazer? Não sei como sou comandado, nem quem me comanda, nem que intenção tem em fazer isso... não sei nem ao menos porque devo lutar para ser independente.

Caso consiga descobrir se há realmente alguém que me comanda, e quem ele é, será que ele também não poderia estar obedecendo, sem saber, a forças que desconhece, e essas forças obedecendo a outras?"

"Eu tinha tantos planos, todos anotados ao longo de anos em cadernos... eu considerava-me o homem com a vida mais bem resolvida que já conheci. Gostava de observar os outros para me sentir superior, ironizava as pequenas felicidades, os esquemas pré-estabelecidos de vidas corretas e confortáveis. Todos achavam que eu estava jogando minha vida no lixo e eu achava exatamente a mesma coisa de todo mundo.

Agora sinto-me como se tivesse perdido o chão, minhas certezas viraram pó, começo até a invejar todas aquelas vidas que sempre desprezei, olhando em volta vejo que as pessoas continuam com suas pequenas certezas imprimidas nos olhos.

Talvez essas forças superiores, se elas realmente existirem, gostem de desestimular os que buscam diferenciar-se dos outros. Quando alguém começa a distinguir-se dos iguais e a ter certezas e esperanças que não são as da maioria, então eles vêm com um grande balde de água fria... talvez tenham medo de concorrência."

“Finja que não existo e continue tua vida normalmente, eu me calarei, arrumarei um jeito de dar um destino qualquer à minha existência, procurarei o máximo possível não influir na tua. Quando você está alegre e sorri, quando realiza um desejo ou acha que está no caminho certo para concretizar teus sonhos, nessas horas por acaso você fica pensando na morte? É claro que não, o homem arrumou uma maneira de esquecer-se cotidianamente da própria morte, fingindo que ela nunca chegará, os pensamentos de morte que conseguem atravessar essa defesa são mínimos em relação aos que por ela são evitados. Faça o mesmo comigo, crie essa defesa contra minha existência, finja que sou tua segunda morte.”

“O problema é que sinto-me enfraquecido, minha vontade, minhas certezas, tudo diminui, não terei mais o mesmo desejo de combater as dificuldades, e desse jeito enfraquecem-se até minhas defesas contra a morte. Ela fica mais presente, circulando cada ato meu, que sempre virá acompanhado da pergunta: se vou morrer, qual é a importância de fazer ou não alguma coisa? Além do que, vai ser muito difícil esquecer que qualquer eventual realização minha, pode ser apenas a obediência de um desejo de alguém que nem ao menos sei quem é.”

“Continue. Teu caminho é a minh... é tua única opção...”

“Não quer que a corrente seja quebrada, e para isso precisa de mim... depois acho que vai querer que eu também crie marionetes que possa manipular, e que minhas marionetes também criem... posso me tornar o perverso elo enfraquecido da corrente que deliberadamente rompe-se e todos perdem seus poderes.”

“Faça o que quiser, não tenho medo de ameaças. Sou tão

comandante desse jogo quanto você. Olhe para essas pessoas que passam a teu lado. O que você me diz delas? Para onde eu, você e todas elas estamos caminhando? Dê-me alguma resposta mais concreta do que quem vai pisar quando e onde, ou onde estará uma pessoa em determinado horário, me diga o que é a vida, como funciona, para que serve, como podemos espremê-la para que dela saia mais suco. Fale-me dos tijolos que nos constroem, do conjunto desses tijolos, me explique o que é não existir, o que é não existir mais, o que é nunca ter existido, me fale do desejo, do sonho, de como eles podem construir e destruir. Me explique porque o todo sempre acaba dividindo-se e depois voltando a unir-se. Por que faz isso, por que não permanece sempre sendo o todo? Por que dá-se a esse trabalho? Me fale do tempo, que como tudo divide-se para destruir e une-se quando quer construir.

Me esclareça sobre esses miseráveis buracos sem fundo e sem respostas. Enfie tua cabeça na escuridão e volte de lá com algumas respostas. Dissolva-se em busca delas, resolva os enigmas mesmo que as respostas para eles sejam teu fim. Espero de ti a mesma grandeza que espero de mim.”

“É muito fácil alguém na tua condição dizer para alguém na minha condição – dissolva-se – eu tenho meus pequenos prazeres, meus hábitos, eles me dão segurança... sei que deve achar graça disso e sentir-se muito superior, mas foi graças às minhas pequenas manias que construí uma base emocional para explorar as idéias que desejei. Olhe em volta de mim, você acha que essas pessoas todas conseguem ir muito além de um cotidiano previsível, acha que teriam alguma possibilidade de pelo menos tentarem decifrar qualquer mistério da vida?

Existe sim uma distinção entre eu e os outros. Negá-la, para dizer que todos têm potenciais iguais, seria trabalhar contra o desenvolvimento humano. A natureza não é uniforme e nenhuma força que tenha origem nela pode ser.

Você fala dos meus pobres usos de minhas descobertas, ou pelo menos tentativas de descobertas... eles são apenas um início de caminho, mas de um caminho que poderá levar muito longe. Ninguém seria tão burro e mesquinho a ponto de dedicar os esforços de toda uma vida somente para fazer adivinhações sem sentido. Aquilo é para ser somente o início, e mesmo assim posso te garantir que para chegar onde cheguei meu esforço foi sobre-humano. Renunciei a quase todos os prazeres e interesses mundanos, coloquei cem por cento de mim, de certa forma acabei dissolvendo-me nesse esforço. Se tivesse dado um pouco mais de mim, meu corpo e mente teriam entrado em colapso e eu não teria chegado a lugar algum.

Te garanto que foram todos teus questionamentos sobre as grandes questões da vida que me impulsionaram e me deram força para continuar meu caminho.

Eu desejava, caso ficasse provado que o que tinha descoberto funcionava sempre, e não houvesse nenhuma possibilidade matemática de que tudo não passasse de coincidência, eu desejava seguir adiante, e prosseguir tentando responder as grandes perguntas que a vida nos faz.”

“E por que não continua? Se insinuar que a minha intromissão destruiu todas tuas possibilidades de ir mais longe... vamos, não desista, eu poderia te ajudar... não me use como desculpa.”

“Sobre aquilo que você tinha dito de desaparecer, e eu

continuar como se nada tivesse existido, não creio que seja possível... a não ser que houvesse uma fusão, você se dissolveria dentro de mim e passaria a existir de forma diferenciada, me influenciando sem me comandar. Não sei exatamente o que aconteceria, eu me tornaria narrador de mim mesmo e dos outros, mas de uma certa forma seria ao mesmo tempo o objeto da narração e o criador da história. Assumiria todos os papéis possíveis e os misturaria criando um que ainda não existe. Seria o homem vivo que vive o instante, seria esse mesmo homem do mesmo instante até o momento de sua morte, e seria também todo o tempo que houve antes do seu nascimento e também a eternidade que haverá após sua morte. E seria tudo isso simultaneamente. Um homem realidade-personagem-enredo-narrador-autor, um misturando-misturado, um dissolvente-dissoluto, cimento invisível que deixa de pé as vidas e histórias, conexões mágicas que o cérebro e a realidade fazem, motor secreto que faz a rosa desabrochar e o doente fechar seus olhos.

Mas minha grande dúvida é se eu não estaria querendo misturar duas coisas que nunca serão uma só. Arriscando-me a criar um monstro doentio que destruiria o que mais brilha em cada um dos ingredientes que o compõe. Mistura insossa que não serve a nenhum propósito... deságua em dúvida novamente, preciso restabelecer minhas reservas de persistência e obstinação.”

“Restabeleça-se. Te garanto que sou naufrago do mesmo mar de dúvidas que você. Mas temos de escolher uma direção e nadarmos, com isso só teremos a ganhar, o que pode acontecer de pior é continuarmos como estamos.”

“Tudo me parece tão estranho. Pode ser que... pode ser

que você não exista, e que tua voz venha do fundo de minha consciência. Minha camada mais profunda estaria dizendo para mim mesmo: mude, junte os cacos, emende as realidades todas, amarre as partes que não estão conectadas... não sei, tua voz me parece tão clara e tão distinta da minha. Talvez tenha enlouquecido e esteja entrando em curto-circuito. Não sei no que acreditar. Me voltam à memória os anos debruçados sobre minhas idéias, e também tudo o que abandonei para me dedicar a elas, tudo isso foi lambido pela língua molhada do tempo, pelos sabores das recordações, as revoltas e alegrias, lágrimas de todos os tipos, quanta dúvida tive, quanto esforço, quantas milhares de noites sonhadas, mal dormidas. Quantos banhos observando a água descendo pelo ralo, e fazendo analogias com forças físicas e espirituais. Quantos momentos prosaicos, de onde sempre procurava extrair algo maior do que momentos prosaicos. Talvez depois dos meus quinze ou dezesseis anos eu não tenha vivido um instante sequer em que eu não tenha procurado, de uma maneira ou de outra, dar a ele uma utilidade.

Sei que qualquer poeta medíocre diz que as coisas importantes estão contidas nos momentos aparentemente sem finalidades práticas. Sabia disso enquanto me esforçava para acumulá-los, até concordava com essa idéia, mas ao mesmo tempo procurava desafiá-la, contrariando-a. Sou um obstinado, e se viver até os noventa anos não creio que haverá um só instante que não tentarei transformar em algo útil para a confirmação das idéias em que acredito... mesmo sabendo que nesse ponto os bons e os maus poetas concordam. A função é não ter função, o que não deixa de ser uma função.

Buscadores como eu passam suas vidas martelando uma única pedra, que não vai mostrando por fora nenhum sinal de fraqueza, os músculos que levantam a marreta vão se enfraquecendo e o homem que martela vai sentindo seu trabalho inútil e seu esforço vão... mas enquanto conseguir levantá-la continuará a marretar a mesma pedra. Nos seus últimos anos de vida, quando já não conseguir mais levantá-la, procurará pelo menos raspar a superfície da pedra com o ferro da marreta... e a pedra continuará com a mesma aparência do primeiro dia em que foi martelada.

Talvez o que me falte seja um pouco de mudança, mais poesia e menos matemática, ou então amarro as duas criando a poemática, gastar um pouco do que acumulei durante toda a vida.

No fundo não importa quem seja essa voz que me fala, se vem de dentro ou de fora, não importa a mim nem saber se estou louco ou não... o importante é que existe essa voz com quem dialogo... voz que me fez pensar no oposto do que sempre fui.

Se eu me perguntasse, o que fui? Não sei o que poderia responder, diria com facilidade no que acreditei e o que fiz para confirmar minhas crenças, mas o que fui... simplesmente não sei responder essa pergunta. Talvez dissesse, trabalhei para que os outros fossem... esqueci-me de mim... não, essa resposta não é verdadeira... todos os esforços que fiz foram por mim mesmo.

Não quero pensar que fui aqueles cadernos amarelados cheios de fórmulas e anotações que guardo debaixo da cama. Cabelos embranquecendo, vigor físico diminuindo... às vezes olho para essas moças que passam com suas barrigas de

fora e sinto vontade de ir para casa e queimar todos meus papéis, poderia até queimar a casa junto para que nenhuma recordação sobrasse. Depois viveria uma vida carnal repleta de prazeres animais, se alguém me perguntasse sobre meu passado inventaria qualquer desculpa... chegaria ao fim tendo conhecido dois mundos diferentes... sentindo-me duas vezes estrangeiro.

As barrigas à mostra me tentam só até um certo ponto, logo lembro-me que elas estão próximas aos ovários, e que as curvas são apenas artifícios biológicos para facilitar a reprodução, são os genes arrumando maneiras publicitárias para melhor vender seus produtos. Daí acaba tudo caindo no velho jogo darwiniano, a seleção do melhor espécime. Quando meu raciocínio chega a esse ponto esqueço-me das barrigas à mostra e lembro-me dos meus sacos pretos cheios de cadernos com anotações.

Se é difícil dizer o que fui é muito fácil definir o que não fui, não fui tanta coisa que não sei nem por onde começar, mas se tivesse de escolher o que, de tudo, menos fui, diria que não fui um falador. Minha boca mexeu-se muito mais para mastigar do que para falar. De tudo o que pensei, a maior parte escrevi e quase nada falei, e muita coisa que apenas pensei acabou perdendo-se nos buracos da memória.

Mas o que mais me faltou foi verbalizar palavras, conversar com os outros, escutar suas histórias e esperar a vez de contar as minhas. Desperdiçar palavras deixando que a linguagem construísse caminhos inúteis, que um dia somariam suas inutilidades formando teias que poderiam servir a mim ou a outros. Deixar as palavras ecoarem, combaterem-se... faltou-me o bate-boca, o xingamento, o elogio, o comentário fútil, o

grito de revolta, o som cortando o silêncio, a mistura das letras saída do cérebro, transportada pelas cordas vocais e derramada no mundo. Desprezei os tijolos de idéias cantantes, eles sempre me pareceram dispensáveis, menores e vulgares. Mas existem coisas que o papel não comporta, que não se traduzem se não forem faladas.

A palavra falada é um fio invisível que une memória, emoção e raciocínio. Tudo o que já foi escrito, por mais genial e até musical que seja, não tem o brilho particular de uma frase banal dita sem pretensões. A fala é o verdadeiro legado da grande maioria dos homens, suas vozes são suas assinaturas. O grito, provisório e passageiro, é uma metáfora da vida humana.

Participei parcialmente da vida, resolvi dispensar uma parte importante dela. Mas de agora em diante, se decidisse começar a falar, sobre o que falaria? Talvez seja tarde demais e meus caminhos já estejam interrompidos. Ninguém iria agüentar as descrições de minhas idéias, eu estaria apenas reproduzindo de maneira oral os meus textos escritos, isso não é falar. Na fala, ultimamente andei reparando bastante nela, as pessoas contam histórias, ironizam, maldizem, interrompem o outro, perguntam, respondem, negam-se a responder, elogiam, xingam e até calam-se. No meu caso, que permaneci a vida toda ausente, devo soar como alguém que decorou um texto e o está repetindo.

Antes de praticar com os outros, talvez fosse melhor ensaiar comigo mesmo. Uma conversa com meus botões, sem grandes argumentações, uma oração onde sou o fiel e o Deus.

Palavra esturricada desgracida: renascida, voz de mim

falando alto, do meu dentro para o fora do todo. Teus ouvidos grandes escutando eu, o fundo de meu fundo. Marca de sangue e veias impressa em pedra, grito fóssil, desespero-amor, foi o que ficou quando três milênios depois, encontraram registrado nos ares que respirei, meus gritos de vida.

Um Ah, Oh, Ih com o frio que senti, dores representadas por vogais abertas. Perguntas feitas na noite: você sente o mesmo que sinto? Medo? Respostas: quantas vezes perguntei isso? Perguntas repetidas para respostas iguais. Ela é maravilhosa, mas ele é um nojento, a palavra abrindo as portas para os sentimentos, ódio e amor usando-a para avançarem e imporem-se.

Palavra servindo de escadaria para o mundo das idéias: o entusiasmado jovem contando a outros suas idéias. Elas amarrando o funcionamento do mundo, elas sedimentando as possibilidades de evolução.

Primeiro dia de aula para crianças de sete anos: digam o que pensam, com todos os prejuízos que isso possa lhes causar, continuem dizendo o que pensam. Quando for difícil de falar experimentem gritar.

Segundo dia de aula: faladores de bobagens, não deixem de falá-las, mas não falem só elas. Tem tanta coisa para ser dita, mas dêem descansos periódicos para suas línguas, e não se esqueçam que é sempre bom que haja orelhas por perto.

Terceiro dia de aula: xingamentos, blasfêmias, promessas, mentiras, verdade, sonhos... pratiquem isso em casa e amanhã tragam exemplos para a escola.

Lei aprovada pela câmara dos deputados: fica instituída a partir de hoje a figura do “Falastrão Público”, pessoa que caminhará pelas cidades gritando suas idéias, frustrações e

medos. Essa pessoa terá como missão incentivar o surgimento de outros faladores.

Lei aprovada pela santíssima igreja católica: fica a partir de hoje modificada a imagem do inferno cristão, ao invés das eternas chamas, caldeirões e diabos, o inferno agora será um claustro com voto de silêncio.

Prática. De que adianta imaginar-me falando se só eu me escuto? Que toda a praça me ouça. Tantos loucos já vi gritando palavras que ninguém entende, posso ser mais um deles, ou talvez eles não fossem loucos. Escutem o que eu tenho a dizer, mesmo que não tenha nada... vibro minhas cordas vocais, sou girafinha desajeitada tentando ficar de pé. Não sei falar direito, estou aprendendo, perdi muito tempo, tenho um mar represado dentro de mim, minhas comportas estão se abrindo para inundar a praça Santos Andrade. Vocês irão conhecer os escondidos de mim, escutem-me, escutem-me, adoro dizer essa palavra. Não me olhem com essas caras de quem engole o que quer dizer, me chamem de louco, débil mental, não engulam nada para depois acabarem se engasgando.

Eu estou mudando, sou um homem atravessando uma fronteira, vou me tornar um não sei quê... experimentar uma pitadinha de morte, viver uma vida que não é a minha, para isso é preciso coragem, você tem coragem?

Minha voz fraca começa a falhar... sempre fui um quietinho vivendo do lado de dentro de mim... estou gritando assim para todo mundo ouvir porque preciso me exercitar, depois quero ter conversas individuais com cada um de vocês, quero saber se têm coragem porque têm medos, ou se... ou sei lá o que, vocês me dizem o que quiserem, terei meus grandes ouvidos amorosos irmanados com minha língua e cérebro.

Agora reparo que quando escuto minha própria voz, acabo irrigando meu próprio raciocínio, de uma maneira que não acontecia quando eu era calado. Com as idéias floridas como nunca, nessa nova estação primavera-faladora, ocorre-me que talvez eu tenha começado a falar, e criado toda essa série de justificativas e até exagerado a importância da fala... apenas porque não sei exatamente para onde estou indo e nem conheço o ser que estou me tornando... essa fusão eu-ele-eles-lugar-pontos de vista-nós-tempos-sonhos-regiões mentalmente nebulosas-possibilidades-matemática... e mais um montão de outras coisas, algumas até sem nome, que acabarão entrando na grande mistura, para esse estado diferenciado-encantado-alucinado-cotidiano. Talvez eu tenha percebido que precisarei muito de uma voz para que possa gritar por socorro.”

17.

Capítulo dezessete. Vamos ser claros, até aqui os acontecimentos foram divididos e etiquetados, e aqui inicia-se a última parte. A partir de hoje não haverá mais necessidade de divisões, o que acontece acontecendo é uma grande fusão. Todas as águas inundaram os continentes, unindo-se.

Camadas subterrâneas do meu ser, seres misteriosos de existência suspeita, acontecimentos raros e invisíveis, brisas que escondidas balançam as árvores nas madrugadas, desejos diurnos e noturnos, lágrimas, ontens, esperanças e amanhãs, isso tudo e muito mais coisas que desconheço... tudo isso está se fundindo, e esse caldo incandescente quer se manifestar, espalhando suas gotas brilhantes de material que, se ainda está líquido, quando atinge alguma superfície modifica-a com a queimadura e depois com a solidificação das gotas douradas.

Gritos de desespero, não meus, mas da vida que habita em mim, e que é a mesma vida de todas as outras pessoas que estão ao meu redor. Só há um homem no mundo, e esse homem está na praça Santos Andrade, também poderia dizer que só existe uma praça no mundo, que agora é o palco desse único homem, é nela que ele vai falar, contar, escutar... vamos considerar que ele seja eu e o que eu falo é o que ele diz... vamos considerar também que, apesar de eu ser uma mistura tão grande de coisas tão diferentes, todas essas coisas estão muito bem derretidas e me formam de maneira uniforme. Não há nenhum pedaço mal dissolvido pedindo individualmente por seus interesses.

Em resumo, sou o que sou e é isso que sou. Quando criança eu era daquelas que gostavam de enfiar o dedo em tomadas, continuei fazendo isso até hoje. Curioso, quis descobrir as coisas grandes, as pequenas me davam sono e continuam dando, quase tudo me dava e dá sono. A maioria das coisas e pessoas é tão imensamente chata e sem graça, são só repetições com pequenas variações. As tomadas escondem mistérios dentro delas, o próprio choque elétrico é um deles, coisa invisível, dor estranha, tem até um pouco de humilhação na sensação... mas não é uma coisa chata, é diferente.

A escola me despertou uma grande revolta, aquilo era uma imensa perda de tempo, nada tinha a ver com aprendizado, aprendíamos somente a nos tornarmos pessoas que causem sono nos outros. E todos juntos dormiríamos de olhos abertos, caminhando e conversando. Revoltei-me especialmente porque mesmo os que percebiam isso não faziam nada para não se entregar ao sistema.

Com treze anos abandonei o cemitério de vivos que era a escola, tinha o espírito irrequieto como nunca, e não queria gastar minhas energias somente reclamando dos espíritos adormecidos fabricados pela escola. Queria voltar a enfiar meus dedos nas tomadas, e se possível a mão inteira. Vivía dentro da biblioteca pública, lendo e pesquisando, desde literatura infanto-juvenil até fascículos semanais sobre eletrônica, os anos foram passando e eu continuei minha rotina diária de estudo autodidata. Aos poucos fui abandonando a literatura e me fixando mais nas áreas científicas. Devorava livros sobre física, eletromagnética, matemática, astronomia, geologia. Enquanto isso meus pais acreditavam que eu continuava freqüentando a escola, eu

sempre consegui ludibriá-los com boletins falsos cheios de notas boas.

Mas foi na matemática que eu percebi que se localizava minha tomada particular, através dela é que eu poderia descobrir porque levava choques elétricos, e como eles funcionavam. Mergulhei diariamente em todos os livros que consegui por mais de dois anos. Nada me interessava mais do que aquilo. Nos finais de semana ficava no meu quarto estudando, no começo meus pais acharam bom porque eu era um menino estudioso, depois viram que eu não queria saber de mais nada além daquilo, tive de freqüentar uma psicóloga. Eu a detestava, respondia somente o que achava que ela queria ouvir. Em dois meses consegui me livrar dela com um diagnosticozinho de que eu era um rapaz normal, mas que deveria abrir mais meu mundo. Consegui fingir que tinha os mesmos interesses dos rapazes da minha idade, simulei algumas saídas sábados à noite. Arrumava-me todo e ficava na rua, escolhia uma que fosse bem iluminada, escondia meus livros e cadernos fora de casa, e continuava a estudar sob as luzes dos postes. No dia seguinte dizia que tinha ido a alguma festa.

O que me fascinava na matemática, era que eu tinha começado a descobrir através dela, relações entre coisas que aparentemente nada tinham em comum. Comecei a sentir-me importante, de vez em quando passava em frente a minha antiga escola e via meus ex-colegas de longe, eu os achava bobos e pequenos. Nesses dias reforçava a certeza de que tinha escolhido o melhor caminho, e de que estava envolvido em algo realmente grande.

Eu seria um dos grandes nomes da ciência, e mais do

que isso, seria o criador da nova ciência, aquela que provaria a relação entre todas as coisas que existem. Passei a ler menos e escrever mais, comecei primeiro descrevendo o caminho teórico de minhas idéias, esses foram os primeiros cadernos que escrevi e até hoje os considero os mais valiosos.

O segundo passo foi mais difícil, depois de tudo explicado na teoria, havia a necessidade prática, números e equações que demonstrassem que a teoria funcionava de verdade. Perdi um ano inteiro sem qualquer sucesso, foram oito cadernos anotados com tentativas que não funcionavam. Não sabia mais o que fazer, pensei em desistir de tudo e voltar para a escola, pensei em sumir, viajando pelo mundo de carona.

No final do primeiro ano, numa tarde em que eu caminhava sem destino pelo centro da cidade, ouvi alguém dizendo uma frase “Dos dois foram um só...” depois ele continuou, mas não sei por que, aquele trecho ficou na minha memória. Dois dias depois, folheando meu último caderno, cheguei no conjunto de equações que não funcionavam, lembrei-me da frase, e de brincadeira testei a equação, utilizando apenas a primeira parte dela. A coisa funcionou, eu tinha conseguido, o mundo tinha me dado o empurrão final que eu precisava, e agora eu tinha uma arma poderosa em minhas mãos. Mais poderosa ainda, porque ninguém suspeitava que eu possuía.

Depois de ter ganho de presente do mundo essa pista que me levou à minha conquista, um dia, sem eu saber de onde e nem como, veio-me à mente a seguinte frase “O mundo dá e o medo tira.”. Percebi que aquilo era algo que tinha aparecido para ser divulgado, era o mundo querendo falar através de mim, seria minha retribuição às forças físicas que

tinham me auxiliado em minha busca. Nas madrugadas pintei dezessete muros com a frase. Todos de grande visibilidade, em alguns deles a pintura durou uns bons anos.

Retribuído o favor, eu teria muito trabalho pela frente, a essência matemática provava-se verdadeira, mas apenas ela não serviria para grande coisa. Primeiramente eu teria de decidir o que fazer com aquilo. Sempre fui ambicioso e gostaria de dar à descoberta a maior utilidade possível, resolvi não me precipitar para chegar a uma resposta.

Dei-me umas férias de todo o estudo. Resolvi esquecer os números e as preocupações que não me deixavam em paz nem durante o sono. Foram dois meses em que fui exatamente igual a qualquer jovem da minha idade. Fui a bares, a boates, conheci moças e até tive dois rápidos namoros que duraram duas semanas cada um, mas que me pareceram dois anos, pois elas eram apenas duas pequenas repetições de um estereótipo feminino de classe média. Mas tirando essa parte, durante esse período me diverti muito, principalmente com as cervejas e chops que tomei. Antes eu só tinha experimentado o gosto e tinha achado horrível, mas adorei o efeito. A primeira vez que me embriaguei, me lembro que disse que aquela era a melhor sensação que já tinha experimentado, e que a partir daquele dia me embriagaria todos os dias. E de fato, nesses dois meses de intervalo, acho que só em um ou dois dias eu não me embriaguei. Não bebia outra coisa, o bom da cerveja era que o efeito passava rápido e no dia seguinte eu acordava bem disposto.

No final desses dois meses, que era um prazo que eu tinha pré-estipulado, a conclusão a que cheguei foi nenhuma. O que tive foi uma grande vontade de continuar naquela vida

por mais tempo. Decidi prolongar as férias por mais um mês. No final da primeira semana dessa prorrogação, minha consciência começou a pesar. O que eu estava fazendo? Tinha conseguido, tão jovem, descobrir um segredo que poderia mudar os destinos da humanidade, e estava lá, egoisticamente usufruindo de alguns prazerezinhos e esquecendo do mais importante.

Acabei na mesma hora com a folga e iniciei um período de recolhimento interior completo, procurava com todas minhas forças encontrar uma utilidade para o que tinha descoberto. Os dias foram passando, mas o que parecia genial na teoria, não demonstrava ter qualquer aplicação prática. Foi talvez o período mais difícil da minha vida, senti-me deprimido, achei que tudo o que tinha feito não teria nenhum valor, a não ser como curiosidade matemática.

Estava numa encruzilhada, ou largava tudo, ou combatia contra o que se revelava um adversário muito maior do que parecia inicialmente. Foram dias de longas caminhadas, horas de pensamento, examinei todas as possibilidades, esperei por pistas simbólicas colocadas no meu caminho. Nada apareceu. O mundo escureceu.

Andava o dia todo, saía cedo para simular que estava na escola, e apenas esperava as horas passarem. Às vezes, quando fazia sol, deitava-me no gramado do Passeio Público e dormia umas duas horas. Quando chegava em casa perdia o sono. Foi aí que começou meu vício em comprimidos para dormir. Passei anos dependente deles. Acordava cada vez mais cansado e precisava de doses cada vez maiores para obter o mesmo efeito.

Num desses dias em que estava encostado numa árvore

do Passeio Público, o vento trouxe até a mim um folheto promocional. Era uma propaganda de um cursinho pré-vestibular, mas tinha também a frase “Deus seja louvado”, explicava-se no panfleto que era uma escola de base católica. O que me chamou a atenção foi que o folheto tinha voado até a mim dobrado, inicialmente só tinha conseguido ler duas palavras “Deus” e “didático”. Achei que finalmente a vida tinha me mandado uma de suas pistas, e seria por ali que eu deveria prosseguir.

Comecei então a tentar decifrar o que “Deus didático” poderia significar. Uma hora de análises não me levou a lugar algum. De repente sorri, não sei porque tive a intuição de que a palavra “didático” não queria dizer exatamente o que significa. Resolvi dividi-la em sílabas di-dá-ti-co. Depois peguei a palavra “Deus” e dei a ela o significado de energia. Em seguida comecei a relacioná-la com as sílabas, começando pelo final “co”, era evidente a interpretação: aliar-se, co-participar dela, a energia interagindo com todo mundo. Depois “ti”, você, a energia unindo-se ao outro, formando um elo com todos aqueles que não são vocês mesmos. Em seguida “dá”, a energia fornecendo-se e espalhando-se, cada um sendo um pouco dela, uma manifestação divina.

A última sílaba, ou primeira, porque comecei pelo final, me parecia a mais difícil, “di” não queria dizer nada, não encontrava uma maneira de encaixá-la na seqüência de raciocínio que até ali tinha sido satisfatório. Foi quando observei um velho mendigo revirando uma lixeira em busca de latinhas. O estalo veio na hora, como é que algumas pessoas mais humildes diziam “eu dei”, “eu di...”, “di” representava a energia que era dada por cada um de nós

individualmente, diferente do “dá” pois essa já é a energia que o outro dá, o segundo passo. A coisa ficou toda muito clara na minha cabeça, eu estava diante de uma seqüência lógica. A energia surge no eu, e por ele começa a espalhar-se “di”, em seguida chega até os outros nesse processo de difusão “dá”, depois ao terceiro, aquele que está mais longe do eu, mas que é a seqüência lógica da transmissão energética “ti”, e finalmente chegando até todos, unindo todos na grande corrente, amarrando os que são diferentes, dissolvendo as diferenças e a si próprio “co”.

Fiquei muito contente com minha interpretação e seguro de que ela era verdadeira. Aquilo tinha sido mais um presente que o mundo tinha me dado, mas por outro lado colocava ainda mais responsabilidade nos meus ombros.

Resolvi me dar mais um período de férias antes de atacar novamente minhas questões, a diferença é que agora teria mais subsídios, saberia melhor em que direção deveria ir. Deveria partir do que está separado e caminhar em direção à união.

O que aconteceu foi bem diferente do que eu previa, a responsabilidade pesou-me demais e procurava sempre adiar o final das férias. Bebia o dia inteiro e à noite me enchia de comprimidos para dormir. Para encurtar a história, depois de um ano meus pais me internaram numa clínica de reabilitação, que na verdade era um hospício.

Passei dois anos convivendo com loucos, descobri que a moeda corrente dentro do hospício eram tocos de cigarro. Tinha um velho, que todos chamavam de milionário, ele estava internado há dezessete anos e tinha juntado milhares de tocos de cigarro que guardava em sacos plásticos pretos embaixo de sua cama. Outra vez, teve um louco que chegou

para mim e disse que queria me mostrar uma coisa que sabia fazer. Acompanhei-o até o pátio, ele levantou a tampa de um bueiro e com a própria tampa ficou batendo no buraco e gritando, de lá saíram duas enormes ratazanas, ele as perseguiu a toda velocidade, conseguiu chutar uma delas que ficou atordoada, aproveitando-se disso ele a pegou na mão e arrancou sua cabeça com uma dentada.

Saí do hospício. Os remédios que tomei tinham me deixado mais calmo e não sentia vontade nenhuma de beber, para dizer a verdade não sentia vontade nenhuma de nada. Meu pai me deu uma casa e uma renda mensal suficiente para eu viver modestamente enquanto não arrumava um emprego. O período do hospício e a medicação mudaram-me muito, eu não tinha abandonado meu projeto, mas passei meses dominado por uma grande vontade de não fazer nada. Alimentava-me, assistia alguns minutos de televisão, às vezes caminhava uma meia hora pelo centro da cidade e depois ia me divertir em fliperamas. Chegava em casa sempre cedo, lia alguma coisa, jantava e ia dormir, meus problemas de insônia tinham acabado, e acho que nesses dias meu maior prazer era ir me deitar, pegava no sono quase que instantaneamente e dormia muito bem.

Numa dessas excelentes noites de sono, tive sonhos dos quais não me recordo, mas que sei que foram importantes, germinei durante toda a noite, meu passado ressurgia alimentado por fontes novas, algumas até desconhecidas. Eu acordei e as coisas iniciaram, ou melhor, continuaram...

Capítulo dezessete. Deveríamos dizer na verdade capítulos

dezessetes, quem dividiu, pensou, viveu, contou e escreveu fomos muitos, às vezes sob a forma de um, às vezes não, mas sempre muitos, na verdade diríamos que somos todos. Não existe uma só pessoa no mundo que não tenha participado, de alguma forma, em algum trecho dos dezessete capítulos. Podemos ir mais longe e adicionar também animais e plantas, pedras e sentimentos, tudo participou.

Grande festa-congraçamento das coisas atravessadas por opiniões, que são como ondas de rádio interferindo em transmissões, frases soltas que se encaixam exatamente onde devem: um casal discute e outras duas pessoas caminham em sentido contrário, uma palavra que dizem, no exato momento em que se cruzam, é a solução para a discussão do casal.

Às vezes são frases que se somam, às vezes que se sobrepõe, ou então nada é dito, é apenas alguma coisa que acontece e os que estão de olhos mais abertos percebem. Às vezes é só o vento, ou o nada, um sorriso, um foguete que estoura, uma risada...

“Sabe qual é a diferença entre um jovem e um velho?”

“Não, qual é papai ?”

“O jovem chora homens médios com grandes lágrimas, e o velho, quando chora, derrama umas poucas lágrimas por qualquer um.”

Abandonando o que tinha antes, sinto o processo de fusão e dissolução, nada acontece de uma hora para outra, o envelhecimento caminha silencioso, todos os dias, e todo o resto segue o mesmo esquema... desapareço-me e torno-me

outros, viverei neles? Serão eles apenas novas formas de apresentação de minha personalidade? Pouco importa, pouco importamos, seguimos pela estrada modificando-nos... eu quero o balão de elefante, mamãe... chega, você já ganhou muito presente... mas eu quero e quero... ela disse que não beija no primeiro encontro e eu vou respeitar, já não tô mais em idade de aventurinha, tô sentindo que chegou a minha hora, família, filhos, uma casa bem decorada, acabô a coisa de virá noite, bebidarada, ressaca, tem uma hora que isso cansa. Não vô dizer que foi ruim, foi bom e me diverti bastante, porque já farreei bastante é que vô ter um bom casamento. Os que casam cedo e não aproveitam a vida na juventude, depois viram esses cara cheio de amante, inventando desculpa pra ir na zona e até atrás de travesti.

Coisas acontecendo, a grande esfera de existir não pára de girar, aqui na Praça única onde um único homem, um único homens existe... nós todos acontecendo, a sutil costura invisível entrelaçando os fatos, parte de mim-nós-todos assiste ao que a vida nos apresenta, outra parte quer saber como são feitas as apresentações. Um olho no ator e outro atrás do palco, mas as divisões não terminam por aí, tem gente distraída num canto da praça que nem sabe que está havendo uma apresentação, tem outros que sabem mas escolhem ficar dando pipocas para as pombas, e outros ainda que assistem à peça mas não entendem o que ela quer dizer, não conseguem amarrar cena com cena, nada parece ter sentido.

As células homens são muitas, todas muito parecidas e muito diferentes: o sol na pele é meu único contacto com o patrão, o papai do céu, velhinho barbudo, é a mão quente dele que qualquer um pode apertar, deito no banco e sua

mão me cobre inteiro, fico vendo luzes amarelas e vermelhas, é meu lado humano pondo para fora pensamentos negativos, de canto de olho vejo os poodles brancos da cor que eu quiser... a mão quente do senhor me deixa calmo e seguro, vejo o chafariz brilhando, o céu azul com duas nuvens brancas...

Moléculas-meninos andam de bicicleta em volta do chafariz, crianças adoram círculos, talvez seja pelo fato de elas estarem mais próximas da época em que tudo era circular e não existiam ângulos. Conforme vamos envelhecendo a quantidade de círculos diminui e o número de ângulos aumenta. As crianças divertem-se, o sol torna suas cabeças douradas, as mães estão sentadas em bancos e conversam entre si, de vez em quando uma olhada e uma palavra de repreensão... palavra ligeira, o sol acalma os adultos, a luz molha os rostos e corpos revelando virtudes e defeitos, óculos de sol disfarçam os olhares, crianças cansadas sentam-se em círculos na grama, os grandes pinheiros da praça têm seus galhos cheios de pássaros que cantam.

Velhos de paletó não parecem sentir o calor, boinas os protegem do sol, sentados com uma das mãos segurando uma bengala, lentos, movimentos rígidos... criança descansada passa pedalando a toda velocidade, velho encolhe os pés e olha para ela.

Luz vai diminuindo lentamente, verde da grama vai ganhando tom mais forte, verde vida criado pelo sol começa a morrer. Muita luz ainda pela frente... hora em que todas as cores ganham seus mais bonitos tons... os velhos e seus relógios, eles verificam quanta luz ainda resta. O calor diminui, e os velhos que antes já não o sentiam, agora preocupam-se com o frio.

Estranho: camadas de noite sobrepõe-se ao dia de sol, outras de dias nublados e chuvosos também misturam-se, são os instantes acontecendo ao mesmo tempo. As pessoas que participam dessa mistura confundem suas silhuetas com as de desconhecidos. As praças estão acontecendo, nenhuma delas parece se incomodar com a presença da outra. As diferentes luminosidades causam um efeito estranho, sombras da noite no meio de um sol escaldante de meio-dia. Às vezes em um mesmo banco estão sentadas duas pessoas, uma foi, ou está lá de dia, e a outra de noite.

Fronteiras invisíveis que não conseguem deter a substância fluida que tudo atravessa... a graça da pomba encolhendo-se para dormir.

Praça-célula da existência, de ti nunca precisarei sair, mesmo que queira, daqui não existe saída, nem nada do lado de fora, praça-eterna, és célula e corpo de um organismo do tamanho do todo. Mas você engana, é relativamente pequena e os olhares desatentos não te dão muita atenção, é só mais uma em uma cidade, muitas outras maiores e mais bonitas os desatentos poderão citar. Mas o que importa, no fundo, são os homens e mulheres de atenção, eles perceberão que todas as mais belas praças do mundo são apenas um grão de areia perdido, em comparação com o que pode ser enxergado nessa praça.

“Que noite fria , vô tê de manhecê na praça, só enrolado em cobertor e com café quentinho.”

“E eu saio de casa mesmo só quando tem esse sol bonito. Sou viúva e dava aulas de piano, moro naquele prédio alto

ali, tive depressão, tomo antidepressivos, mas num dia bonito desses a gente tem de sair.”

“Vida de vigia é ruim feito o diabo, se tivesse estudo eu tava dormindo debaixo das coberta bem quentinha.”

“Depois que meu marido morreu eu continuei ainda por uns dois anos a dar aulas de piano, um dia no meio de uma aula uma aluna errou um exercício, me fez uma pergunta e eu simplesmente não tive vontade de responder, fiquei quieta até que ela fosse embora da minha casa sem entender nada. Todas as minhas vontades tinham terminado de uma hora para outra, eu tinha simplesmente secado, tanto, que nem chorar eu conseguia.”

“Fico com as mão congelada, esses dia elas tava doendo muito, bem nas junta, fiquei treis hora pra sê atendido no postinho, depois desesti inda tinha um montão de gente na minha frente e era tudo doente grave. Essas dor nos dedo tão me tirando a alegria, tenho certeza que elas começaram por causa dessa friage da noite. A muié fez umas luvinha pra mim, mas num dianta, a dor parece que vem de dentro dos osso.”

“De professora de música eu tinha me transformado em professora de silêncio, e depois no próprio silêncio. Às vezes ficava olhando para o teclado do piano, para a decoração anos sessenta do meu apartamento, tudo meio envelhecido, depois me olhava no espelho, meu cabelo pintado, minhas pálpebras caídas, meu rosto sem viço, mais do que tristeza eu sentia um enorme desânimo... passei tardes inteiras somente olhando para as teclas brancas e pretas, idéias sem importância se alternando e eu sem energias para encerrar essa situação.”

Quando se completa oitenta anos é meio que obrigatório uma olhada para trás e uma reflexão sobre o que já aconteceu. Pouca coisa virá pela frente, e o que vier não deve ser interessante como o que já passou. Deste modo minha vida passa a ser o passado. Felizmente estou em razoáveis condições físicas e mentais para minha idade, assim posso fazer um balanço isento das dores de um corpo doente.

Meu grande erro, vou direto a ele, pois esse assunto ocupou quase todas minhas energias da juventude, e é o que de mais importante aconteceu na minha vida, foi ter me atido muito mais ao espetacular, mas superficial, em detrimento do silencioso mas duradouro.

Os pequenos sucessos de previsões de eventos através de uma fórmula matemática que eu tinha criado, desviaram minha atenção do que era mais importante, a criação de um sistema onde esses eventos fossem cíclicos, pouco importando quem participasse deles. Dei mais importância aos atores de uma determinada montagem teatral, do que ao texto que poderia ser re-encenado indefinidamente. Depois perdi anos tentando encaixar o que não tinha encaixe, buscando uma maneira de amarrar meu sistema personalista com algo nobre. É óbvio que fracasei.

Se tivesse aquela energia mental com a experiência de hoje... se...

Desilusão... ela também um dia acaba. Eu ainda era jovem quando desisti de minhas tentativas matemáticas de mudar o mundo e parti para o caminho oposto. Aos quarenta e dois anos iniciei minha carreira de poeta. Na verdade não sei mesmo se busquei o caminho oposto, tudo o que escrevi até hoje está repleto da idéia de desvendar os segredos da vida.

Em trinta e oito anos publiquei quatro livros, os amigos dizem que gostam e que é para eu seguir em frente e não desistir. Não existe desestímulo maior para quem escreve do que ouvir isso. Paguei pelas quatro edições com o dinheiro que economizei a vida inteira, tenho material para mais um livro que ainda desejo publicar. Recebi alguns elogios e até alguns prêmios provincianos. Já fui magoado, já odiei, mas hoje em dia não me incomodo mais com a falta de resultados de meus livros. De qualquer maneira, sempre que posso dou uma passada na biblioteca pública e vejo se algum deles foi emprestado, na saída, sem que as bibliotecárias vejam, coloco-os na prateleira reservada aos livros mais lidos. No dia seguinte, se passo por lá, eles foram emprestados. Se não fizesse isso eles podem passar dois, três anos sem que ninguém os empreste.

Disse que sou poeta, na verdade não me considero não, sou apenas alguém que se utiliza da poesia para divulgação das idéias em que acredita. Casei-me tardiamente, ela era uma boa pessoa, mas logo no começo percebi que apenas ser uma boa pessoa não era uma razão suficiente para que eu quisesse viver com alguém. O casamento durou só cinco meses e quando terminou senti um grande alívio. Eu notei que, casado, perdia um tempo precioso com obrigações cotidianas. Naquela época, muito mais do que hoje, eu achava que não poderia desviar um centímetro do meu objetivo principal de vida, que era a descoberta e a difusão das idéias em que acreditava.

Sempre tive uma renda razoável proporcionada por aluguéis, isso talvez tenha me acomodado, e acabei nunca buscando ganhar dinheiro de outras maneiras. Não que eu

ache que o trabalho dignifica, a maioria deles são rotinas burras que sugam a vida sem dar nada em troca. Mas no meu caso, eu nunca iria trabalhar em algo que não gostasse, e se encontrasse algo que me sentisse bem fazendo... o contato com outras pessoas, o simples fato de se estar produzindo alguma coisa, isso poderia ter me aberto caminhos que permaneceram fechados.

Fui fechado e provinciano, poderia ter tentado divulgar minhas idéias de uma maneira mais contundente, artigos para jornais, dando palestras, viajando e conhecendo pessoas com idéias parecidas, não fiz nada disso. Fui um homem pacato, que talvez até tenha se envergonhado de seus feitos com medo do ridículo.

Mas não quero gastar minhas poucas energias com arrependimento, todo mundo na minha idade deve encontrar muito mais coisas erradas do que certas no caminho percorrido. E para as certas nunca nos atribuímos inteiramente os méritos, elas são sempre frutos de uma seqüência, da qual apenas continuamos o curso natural dos acontecimentos.

Arrependo-me de não ter escrito mais, mesmo sem publicar, eu só teria ganho, outros horizontes mentais poderiam hoje estar abertos. Não sei se é tarde, mas nos últimos três anos nunca escrevi tanto, mesmo que às vezes tenha de lutar contra uma imensa sensação de estar sendo ridículo.

No mais, acho que o que é parecido na vida de dois homens é sempre imensamente maior do que o que é diferente. As aparências são sinônimo de mentira, se soubesse disso na juventude as coisas teriam sido diferentes. Mas o fato é, que se fôssemos todos jovens e sábios, o mundo seria

outro... seria um mundo em que os velhos olhariam o caminho percorrido sem um nó na garganta... não tenho medo da morte, antes de nascer eu também não existia, qual é o problema de voltar ao mesmo estado?

Sempre restam alguns apegos, que na hora da transição tornam a coisa um pouco espinhosa, mas deve ser como o chorinho da criança quando leva a vacina... passa... some.

Meu último livro está quase pronto, são pequenos poemas escritos nos últimos três anos, acho que é meu melhor trabalho. Mas o que me impulsiona a terminá-lo e publicá-lo, não é sua qualidade literária e nem ao menos as idéias que nele estão contidas, o que me dá forças é o fato de estar fazendo, plantando alguma coisa, e pouco me importando se essa semente brotará ou será pisoteada por alguém. É a primeira vez na minha vida que planto sem me importar com resultados, e isso já é um grande feito. Talvez o mais importante de minha vida. O livro morre, mas o ato de escrevê-lo sobrevive.

A grande teia da vida é muito mais complexa do que eu poderia sonhar, ela esconde pistas falsas, para compreendê-la melhor precisamos de humildade, desprendimento e desapego. Todas minhas pequenas experiências bem sucedidas da juventude podem não ter passado de uma pequena e falsa teiazinha inserida no meio da grande teia. Justamente para que pessoas cheias de desejos e ambições achem que descobriram chaves secretas e morram acreditando nisso.

Hoje minhas águas serenaram, não tenho mais as grandes ondas que se arrebatam na praia, sou uma lagoa cuja brisa faz as águas docemente molharem as pedras da borda. E

acho que se desvendada, a teia da vida parece-se muito mais com uma lagoa do que com o mar.

A vida é velha, é a essa conclusão que chego, as energias da juventude são forças em desequilíbrio que conforme vamos nos aperfeiçoando, vão desaparecendo. Mas o mundo diz o contrário. E daí? Esse mundo é tão permanente quanto a florada do ipê.

Grande flor prateada: serena.

Formas doídas encobrando a paz.

Dúvida é pedra atirada por criança nas águas.

Inveja da corrida e do sorriso: medo.

E medroso é o último estágio antes da paz. Nesse aspecto o medo não é negativo, porque indica que algo se move no interior daquela pessoa. Ela continua sua busca.

Para um bom observador os medos são menores, porque quem presta atenção nas coisas repara que elas sempre se repetem, são como os cenários de fundo dos desenhos animados dos anos sessenta. Então não dá para perder noites de sono, os ciclos vêm e vão. O bom observador também não se ilude com conquistas grandiosas ou perdas retumbantes, são os ciclos mostrando o velho disfarçado de novo. Acho que os desinteressados estão menos sujeitos às repetições, o fato de eles realizarem algo sem esperar nada em troca, de uma certa maneira, enfraquece o processo repetitivo.

Eu plantei uma semente,

mas ela não brotou,

alguém me viu plantando e plantou dez,

nenhuma delas brotou,
mais dez pessoas o viram plantando...

Que engraçado, me surgem na mente umas imagens, um homem velho, repleto de teias de aranha dentro da boca, nos buracos do nariz, nas orelhas e no rosto. A vida foi tecendo suas teias em cima dele, até dentro de seus olhos surgem duas pequenas teiazinhas. Uma imagem irônica, talvez um símbolo. Uma boa idéia para a capa do livro.

Restos, cacos que se dissolvem na realidade falante que quer se expressar. Somos muitos condensados em um só, uma espécie de fantástico homem selvagem emendador de destinos. Vozes de todos que saem de uma só boca. Homem fundamental postado bem no centro da praça fundamental, marco zero do existir. Homem-mito sujeito às grandes questões humanas, mas que não consegue se livrar do imenso cotidiano banal. Soldado condecorado que questiona o valor de suas medalhas, atira-as no chão e depois apanha-as sujas de lama... não sabe se deve recolocá-las no peito.

Ele decide colocá-las sobre um banco de praça, enquanto não tem certeza do lugar que elas merecem. Depois disso, na condição de mito e fraco, ele olha ao redor, localiza-se. Repara em todas as outras pessoas que atravessam a praça, questiona-se se todas elas tem os mesmos tipos de dúvidas que ele. Chega à conclusão que os outros ou já resolveram as dúvidas que o inquietam, ou ainda não as tiveram. Observa olhos despreocupados, outros alegres, alguns deprimidos e agoniados, mas nenhum que demonstre algo parecido com

seu estado interior. Sente-se sozinho, pisca os olhos e a praça está vazia, só ele e a praça.

Sente-se como o pulmão vivo de um lugar que é vivo-morto. Passeia lentamente pela praça, observa os pinheiros, os gramados, o calçamento, e chega até o chafariz, que além dele é a única coisa que se move. Vê a água que jorra sem parar, e depois cai na base da fonte e some no ralo. O sol está encoberto e a luz difusa deixa as sombras pouco nítidas, misturando-se entre si. Enquanto olha para a água não pensa em nada. Cansado de ficar de pé senta-se em um banco, continua não pensando em nada. Continua sendo pulmão vivo, coração que bate, sangue que flui... mas seus olhos pararam de piscar.

Seu cérebro volta a funcionar, lembra-se das grandes dúvidas que teve há alguns instantes atrás, era uma consciência solitária procurando esclarecer-se. Olha para suas mãos pernas e braços, levanta-se e vai até a fonte ver o reflexo trêmulo de seu rosto nas águas. Não chega a nenhuma conclusão, um instante de decepção no olhar, um instante passageiro, que some deixando-o novamente neutro.

Um homem puro no meio do mundo, sua essência existindo no tempo e espaço, nenhum mínimo sinal de desejo, esperança, decepção, nenhum resquício de qualquer tipo de emoção. O homem no seu instante de eterno, apenas acontecendo em um tempo que não iria incomodá-lo enquanto ele permanecesse assim. O espaço também estava irmanado a essa integração homem-tempo, os limites da praça Santos Andrade expandiram-se até o infinito, cada objeto aumentando de tamanho quantas vezes fosse necessário para que houvesse a fusão perfeita das três realidades.

Esse estado durou algum... não podemos qualificar assim, digamos que esse estado existiu, depois deixou de existir, mas ao mesmo tempo nunca deixará de existir. Uma coisa não elimina a outra.

O homem piscou, não estava mais sozinho na praça, as pessoas e a vida aconteciam por toda parte, ruídos, fala, passos e o chafariz jorrando água. Seu pensamento foi imediatamente atravessado por todas essas impressões, seus ouvidos, olhos e nariz serviam de tubulação para levar informação ao cérebro. As idéias aconteciam de maneira encadeada e contínua, progredindo para um lado, depois fazendo um desvio para o outro conforme o material que chegasse ao cérebro fosse modificando-se. Seu maior foco de atenção foram as pessoas, reparou nas maneiras de caminhar, nos suspiros de tédio dos que esperavam os ônibus, no leve sorriso de quem caminha sozinho e diverte-se com alguma recordação, nos olhares vagos para o horizonte, nas fisionomias emburradas, nas gargalhadas fáceis, nos olhos desejosos, na pequena felicidade do pipoqueiro que vê três fregueses chegando ao mesmo tempo, no olhar atento do pequeno engraxate tentando identificar quem usa sapato...

Todo seu ser foi invadido por uma imensa onda, um tsunami devastador que expulsou de dentro de si todo o resto. Não sabia exatamente porque nem o que o tinha invadido, mas ele tinha se tornado uma grande bomba, aquela substância estava armazenada em seu interior, mas ele estava pronto para explodi-la por todos os cantos, inundando toda a praça. Ele não tinha controle sobre ela, e em forma líquida a substância transbordava por seus olhos.

Esqueceu-se completamente daqueles momentos em que

procurava respostas para suas grandes dúvidas. Suas respostas agora estavam escritas de maneira clara nos olhos de todas as pessoas. Na verdade, não eram respostas, pois não havia mais perguntas, era uma grande sensação de participar da mesma realidade. Cada pessoa era um pouco dele mesmo, cada alegria era sua e cada tristeza também o feria.

Esse homem acabou novamente piscando os olhos, e quando abriu-os novamente a praça estava vazia. Mas ele ainda estava repleto daquela imensa energia interna que o irmanava com todos os homens. Entristeceu-se, pois precisaria de outros olhos para derramar a força que por ele transbordava. O sol agora brilhava e derramava luz por todos os cantos, ele podia enxergar bem a praça mas não via ninguém. De repente, ao longe, ele avista uma silhueta que se aproxima. Não consegue identificar, mas alegra-se por não estar completamente só.

O vulto aproxima-se, é uma mulher. Ela tem grandes olhos de uma cor que ele não consegue identificar, uma cor, que muito mais do que o branco, parece conter todas as outras. A substância que o inunda agora parece em ebulição, todo o resto desaparece e só os olhos dela existem. A praça esconde-se, o homem desaparece e dele só sobram os olhos, eles gritam, eles vazam, todos os outros olhos foram reunidos nos daquela mulher. Ela é o resumo de todas as outras pessoas, o mito de carne e osso, a estátua de bronze sujeita à morte.

Do fundo de uma memória que está se apagando, ele lembra-se vagamente de umas medalhas que condecoravam seu peito, se ele não fosse agora apenas um par de olhos riria dessa recordação... essa lembrança acaba desaparecendo junto com todas as outras.

Aproxima-se ainda mais do par de olhos da mulher, de perto repara que no fundo deles, também está em ebulição a mesma substância que ferve em seu interior.

Os quatro globos oculares aproximam-se, encostam-se e pressionam-se uns contra os outros. As substâncias internas pressionam de dentro para fora. De repente a explosão. Os olhos deixam de existir, só o que existe agora é o rio de lava incandescente que havia dentro deles. Uma fusão profunda.

Depois dela a praça reaparece, um pouco diferente do que sempre foi... essa lava que uniu os dois, destruindo-os, cristalizou-se pelos ares... camada invisível que existe sem ser percebida e que carrega fragmentos do que os dois se transformaram.

Luzes, sol e pássaros, o dia na praça amanheceu um pouco mais cheio disso. Namorados passeiam de mãos dadas, encantados com a promessa de felicidade que a natureza lhes faz.

Eu observo tudo ao meu redor, dormi bem, tomei um bom café da manhã, caderno amarelo na mão, estou pronto para escrever... não há desculpas possíveis. Gente de todo o tipo passando, pequenas histórias, qualquer ponta do novelo de lã é suficiente para que eu comece a desenrolá-lo.

“O sinhô me adescurpe a curiosidade, eu trabáio naquele prédio da isquina, vejo sempre o sinhô sentado com teu livrinho amarelo na mão, o sinhô é fiscal da prefeitura?”

“Não. Eu trabalho em outra área, venho aqui sempre porque quero escrever... um livro, mas até hoje não consegui começar... faltam idéias.”

“Ah, mas o sinhô tá falando com a pessoa certa, tô cheia

das idéia, conheço um montão de causo que o sinhô pode iscrevê.”

“Me conte então.”

“É tudo coisa simples de gente da roça, mais é coisa que diverte as criança e deixa os adurto com os ovido isperto nas noite em roda das foguera... conto pro sinhô a istória de um home que era assim que nem o sinhô, era escrivinhador de istória, já tinha iscrito uns par de livro, era conhecido e dava inté intrevista na televisão.

Um dia o home começô a iscrevê um otro livro, tinha umas idéia na cabeça e começô a passá pro papel. Umas coisa muito isquisita começaro a acontecê, o home achô que podia de sê umas coincidência e num deu bola. Só que as coisa continuaro aconteceno, e o home começô a ficá bastante assustado. Mais também viu que se as coisa continuasse aconteceno, ele podia virá um home muito poderoso.

Na istória dele tinha um cara que era corajoso, afunda uma canoa e quase se afoga. Ele tinha iscrito essa parte e essa coisa cabô acontecendo com ele uns dia despois. Umas paja pra frente ele iscreveu que o home do livro dele ia ganhá no jogo do bicho, num é que aconteceu a mesma coisa cum ele, macaco na cabeça.

O home resorveu tirá a cisma, ficô matutando o que podia sê a coisa mais difícia do mundo pra acontecê, daí resorveu iscrevê umas paja ponhando essa coisa, só pa tirá de vez a cisma que tava incasquetando ele.

A istória contecia numa fazenda cortada por uns par de rio. O home iscreveu que num desses rio dois barquinho, um vermeio e o otro marelo iam batê, e o vermeio ia virá, arguém ia ajudá a acudi as três moça bonita que ia caí na água.

Mais foi só ele pará a caneta que bem em frente dele os barquinho bateu e ele teve de ajudá as muié. Depois disso ele tinha certeza, as coisa que ponhasse no papér contecia de verdade. Ele começô a iscrevê todas as coisa que gostava, muierada, carrão, barco, dinheiro...

Uns par de mês de festarada, mas depois as coisa começô a perdê a graça, era tudo fácil demais... ele ficô triste, resorveu pará de iscrevê enquanto num pudesse inventá umas istória mais interessante, as coisa alegre já tinha iscrito todas e tava de saco cheio delas. Só que num ia sê bobo de iscrevê coisa triste porque elas iam acontecê pra ele.

Pensô nas escoia que podia fazê... iscrevê uma istória que conta a istória dum home que acontecia cum ele as coisa que iscrevia, mais que depois conseguiu terminá com essa coisa do capeta. Pensô também em iscrevê a istória dum home que num é alegre e nem triste, e que passa a vida toda tranquilão, nada dexa ele incomodado, nem com os nervo exprodingo, um home sem emoção. As duas idéia num animaro o home, que achô que elas num ia resorvê o pobrema.

Daí o home teve uma otra idéia, ele ia iscrevê uma istória sem gente. A istória ia tê ventania, chuvarada, grama moiada, chero de chuva e de terra seca, árvore, e todos os tipo de natureza, só que num ia de tê uma viva arma, nem home, nem muié, nem criança, nada...

Achô boa a idéia, ficô pensando o que ia acontecê, num conseguiu descobrí. Resorveu de qualquer jeito que tinha que iscrevê essa istória sem gente... os pessoar simple da roça chamava essa istória de - O home que virô vento."

“Eu já te disse, enquanto você não começar a ser dizimista as coisas não se resolvem, pode confiar, eu também não acreditava, dizia que a pastorada malandra só quer enricar às custas do povo troxa... e é verdade que tem uns pastor que não são flor que se cheire, mas o negócio é que se você dá dez por cento do que ganha, Jesus conserta a tua vida. Você sabe o estado que eu tava, quase pensando em me jogá debaixo do ônibus, cheia de dívidas, marido bêbado e violento, tomando cinco tipo de comprimido, dor nos rim, insônia, cansaço, até visage me apareceu, ouvia voz, tudo dava errado, se chegava no ponto de ônibus, ele tinha acabado de sair, se ia no restorante voltava com desinteria. As coisa num ia pra frente, era que nem carro velho, pobreza só atraia mais pobreza... um dia minha cunhada me falou assim – vamo lá, faça isso por mim, se você não gostá nunca mais te peço – entrei na igreja e comecei a chorá sem pará, não sei o que foi, parece que uma mão invisível tinha tocado na minha cabeça. O Senhor tinha me acolhido nos seus braço. Nunca senti nada tão bom, fiquei mais de uma hora ajoelhada chorando. Depois vieram os irmão e me acolheram, nunca tinha sido tratada tão bem. Passei a colaborá com o dízimo, minha vida mudô, paguei todas as minhas dívidas, meu marido tá fazendo tratamento nos Alcoólicos Anônimos, arrumei um emprego que ganha o dobro que ganhava antes, me sinto bem, não tive mais dor e nem problema de saúde, durmo a noite toda e só tenho sonho lindo.

Por isso te digo pra deixá esse mundo de desgraça, é tudo ilusão, essas propaganda de televisão, os político, o dinheiro, a bebida de álcool, tudo isso só serve pra levá a gente pro caminho do sofrimento, uma vida desgraçada, cheia de dor,

raiva, se você tivesse a idéia de como é meu coração hoje em dia, me sinto leve, é uma vida abençoada.

Só tem dois caminhos na vida, o da dor e o do Senhor... vem pro meu lado... você não vai se arrepender...”

“Crente idiota, se quiser dê teu dinheiro pros pastores picaretas, mas para que tentar levar mais gente pro caminho da ignorância. Não existe Senhor, Jesus, é tudo enganação. Morreu, acabou e pronto. Não tem paraíso, inferno, porcaria nenhuma. Ninguém vai te salvar, ninguém vai te ajudar, teu dinheiro só ajuda os picaretas a comprarem rádios, redes de televisão, financiarem deputados, é tudo uma imensa enganação, gente ruim que se vale da fraqueza dos outros pra ganhar dinheiro.”

“Ah. Ah. Ah. Chega. Chega. Eu tô precisando de ajuda. Agonia grande... tristeza, tem alguém aí que seja casado e que não... nem raiva, simplesmente não sinto nada pela mulher... ela é um objeto que ocupa espaço e não tem nenhuma função, mas minha vida está completamente amarrada a esse grande objeto inútil. E não é só isso, se fosse, uma separação resolveria o problema... parece que esse objeto inanimado contaminou todo o resto da minha vida, não adianta eu simplesmente jogá-lo no lixo, outros aparecerão sob novas formas. Vivo uma vida infeccionada por esse peso morto, e a culpa dessa infecção nem é dela... ela também é vítima, eu devo ser a geladeira estragada da vida dela.

Alguém tem uma resposta para me dar? Ou as coisas são assim mesmo e ponto final? Já tive vontade de tudo, a última foi de destruir tudo, os objetos do apartamento, móveis roupas, até minhas coisas, deixar tudo em pequenos pedaços,

e quando ela chegasse eu a olharia sem nenhuma emoção no rosto, nem raiva, nem tristeza, talvez então ela entendesse o que sinto.

A luz de nosso apartamento se apagou de novo, pontualmente no mesmo horário, quantas milhares de vezes mais terei de assistir a essa cena aqui da praça. A geladeira toda colada de ímãs com telefones úteis... o horário da novela, o relógio de parede marcando as meias horas, as reuniões de condomínio, os bom dias e as perguntas sobre futebol para os porteiros, as gratificações natalinas, todo aquele maravilhoso espírito de união humana de final de ano, o barulho da máquina de lavar roupas, o salão de festas com seu regulamento, o maldito elevador... como odeio o elevador.

Manias vazias de uma rotina burra que só conduz ao sofrimento, e ninguém faz nada contra isso. Ninguém questiona essa vida imbecil. Supermercados com cartões de fidelidade, caixas perguntando – é débito ou crédito? – vontade de responder – não, é o fim – filas, produtos, estacionamentos, tudo sendo empurrado, mil maneiras de te enganar enfiando a fome, o sexo, o medo, o amor, qualquer coisa no meio para justificar que teu objetivo de vida deve ser comprar e comprar – se você comprar esse sabão em pó estará dando um centavo para os miseráveis que passam fome – pronto, você já poderá dormir em paz porque Jesus não te castigará porque você é bonzinho. Regras e mais regras, e culpa para aqueles que não as cumprem. É preciso ser calmo, é preciso obedecer, consumir. Se você sente-se um pouco desconfortável, terá opções de compras um pouco diferentes que acalmarão teus pequenos desconfortos.

As doses de medicação social são administradas conforme

a sensibilidade dos pacientes, para os menos sensíveis doses cavalares, para os sensíveis doses menores repetidas mais vezes, mas que no fundo acabam tendo o mesmo efeito. Os alternativos contribuem tanto quanto a classe média mais alienada para o reforço desse sistema de vida que nós mesmos nos impusemos. É importante não colocar a culpa em nenhuma força alienígena, cada um, com sua omissão, é responsável pelo sustento desse sistema de vida empobrecido que levamos.

O casamento, no meu caso, foi a gota que me fez transbordar... nunca mais vou acender aquela luz que acabou de se apagar, luz pálida, pior que a escuridão. As almas se recuperam como os fígados, se damos-lhe uma trégua da destruição diária, logo elas voltarão a ter brilho.

Olhem lá para cima, vejam o oitavo andar, o prédio não é ruim, sei que muitos de vocês adorariam morar lá. Cada objeto que existe no apartamento está contaminado, é uma pequena cidade radioativa. O cinzeiro, o porta copos, as toalhas, tudo aquilo ao longo dos anos foi colaborando para eu estar hoje aqui, gritando num ponto de ônibus para pessoas que não conheço.

Pode ser que eu continue carregando meu fardo de sofrimento para onde quer que eu vá, e que ela e o apartamento sejam apenas uma das materializações desse fardo. Pode ser, mas pelo menos vou fazer uma tentativa... minha chave joga no bueiro e para lá não volto.”

Praça cheia de disgracera sofrida, lágrima escorrendo pelo cano do revólver enfiado no fundo da boca. Noite-dia-seco-

molhado, gotas pingando dos galhos dos pinheiros. Vida escondida nas minhocas dos canteiros, pombas com frio e coruja solitária da madrugada, alegres passarinhos cantantes nas manhãs ensolaradas, cachorros bem cuidados e mendigos maltrapilhos, vendedorezinhos sem troco, artesanato sem valor, droga batizada, viaturas de polícia novas, menino sonhando em ser policial.

Vida e vinda, ida, partida, batida, ardida, divertida, enxerida, ferida, extrovertida, controvertida, dolorida, consumida, exaurida, desprovida, descabida, dividida, distinguida, desmilingüida, destruída... caminho e não vejo... droga, droga, fissura, faca, grana, droga, polícia, bolsa, carteira, bufunfa, maluco pros maluco dá bagulho, lata vazia caximbão, locão-paraizão, porrada, sangue, dor, boné e tênis pros locão, pedrinha pequena e fissura grandona, cartera e corrida, locura, sem fome nem sede, pedrada na viatura e corrida, trapo escondido nos buraco de luz e esgoto, colchão velho e cobertor fedorento... banho na fonte, guria loca fica fácil, pedra marrom, andá em bando, todo mundo saindo de perto, medo... locão ficô devagar, as coisa parece tudo boa, acaba os barulho, a pressa, mundo devagar bem gostoso, praça de pedrinha branca e árvore grande, cheia de esconderijo. Malucajada, vem as vez gente da prefeitura, mulher fala de futuro, banho, cama, cabelo cortado, futebol profissão... pedra e praça e pronto, banho na fonte e futebol com tampinha de garrafa. Máquina de tirá foto, gringo, corrida, três pedra grande, doidera, velho branquelo arranhô meu pescoço, lavo na água da fonte, de noite tem lua cheia nela...

Praça cheia de tudo, para que servem meus livros e essas

apostilas do vestibular? Se tivesse dinheiro iria viajar pelo mundo, só para depois descobrir que todos os lugares são iguais, as apostilas dizem que são diferentes. Mulheres, a mola do mundo, mostrando pra todos que são as proprietárias do futuro desse tipinho de mundo em que vivemos. Uma fêmea ou um macho, cada um pode se comportar ou não conforme uma mulher de fachada, toda leiloeira de seus bens sexualóides, ou como um homem do mesmo tipo, todo bonzão, provedorzão e respeitadorzão. Duas grandes mentiras para manter as coisas como são.

As pessoas são estranhas, e comportam-se dessa forma durante parte do tempo, vestindo e guardando personalidades, isso dá muito trabalho – agora vou ser fêmea lasciva, agora filhinha boazinha, agora uma super-profissional, volto a ser putona que se leiloa pela melhor oferta, filhinha tão queridinha que ajuda as criancinhas – depois misture-se a todas essas mudanças, bastante culpa e arrependimentos, frustrações por não se ter atingido os melhores preços nos leilões, raiva por se ter perdido tanto tempo fingindo-se de boazinha, cansaço e desânimo por ter de tantas vezes mudar de personalidade, pressões sociais: seja jovem, magra, respeite as leis, reproduza-se, consuma, acredite, seja cidadã... é um peso maior do que qualquer homem ou mulher pode suportar.

De que valem essas porcarias dessas apostilas, elas são a condensação de tudo o que não quero ser. Por que tenho de sofrer para conseguir atingir um outro estado de sofrimento muito maior “nós te daremos a dor, mas não se preocupe, junto com ela você receberá a devida anestesia”.

Química orgânica, física, biologia, álgebra, cinco matérias, vamos ver... não deu, tiro a álgebra fora e deixo só quatro,

desse jeito consigo rasgar... pronto, agora eu deveria jogar o papel rasgado na lixeira, de preferência naquela que está marcada para papéis, dessa forma eu estaria colaborando com a natureza e uma árvore a menos precisaria ser derrubada... vai na fonte mesmo minha papelada inútil, pra ficar boiando n'água e as pessoas verem minha revolta acontecendo no meio da praça. Vão ver que tem muito lixo que bóia no meio dos enfeites... todo mundo me olhando com cara de “que feio, menino mimado sem educação”, se falarem alguma coisa dou um chute em qualquer um, até velha vai levar uma bicuda na bunda se abrir a boca...

...eus todos dissolvidos nessas praças, nossos muitos mundos rastejando, se beijando, se chutando e se ignorando. Não seria Deus, apenas De-eus, uma palavra que quer dizer que “é o que pertence aos múltiplos eus”? Nesse caso só existiria mesmo um Deus, pois só existe um “eus”, esse grupo múltiplo de personalidade única que frequenta a grande praça. Diabo, poderia ser a forma contraída de “dia bom”, onde os pecados do “eus” acontecem, dessa forma o que originalmente é bom, passa a ser mal pois faz com que o que é considerado o bem infinito caia em tentação. Nessa lógica então, Deus é o maior dos fracos e o Diabo o grande injustiçado, e nós nos tornamos fracos porque nossas grandes esperanças estão depositadas em cima da fraqueza.

E quando, em um dia bom, o “eus” passeia pela grande praça, acontece o embate entre bem e mal, que na verdade, ao contrário do que se diz por aí, está espalhado por todos os lados, cada átomo está envolvido por um pouco dos dois, e não há uma só molécula que seja absolutamente boa ou má.

A luta nunca pára de acontecer e obedece a um padrão

repetitivo constante. As vitórias e derrotas de cada lado são pequenas batalhas na grande guerra universal. Véus transparentes e sobrepostos encobrem a máquina do relógio que trabalha desde sempre, absoluta e eterna, ignorando completamente os dramas que se passam na superfície, da mesma maneira que nós ignoramos os dramas que se passam dentro de um formigueiro.

Os eus fundem-se num único grande eu, visitante único da grande praça que, em um dia bom, começa a ser tentado pela luminosidade, pelo brilho das cores e o cantar dos pássaros. As formas ilusórias fazem com que o grande e único eu procure aproveitar as tentações oferecidas por esse glorioso dia bom.

A disputa não cessa, ela não teve começo e não terá fim, os pequenos começos e finais são só ilusões de ótica, miragens de luz em um belo dia bom. No palco-praça a encenação perpétua acontece sem interrupções, os atores vão sendo substituídos e reencenando a peça.

O descobridor é um personagem clássico. Mais sensível do que a maioria, logo percebe a sobreposição de véus semi-transparentes que encobrem algo que não deve ser visto. Então, com todas suas energias, começa a querer furar esses véus para descobrir o que tem por baixo. Perfura uma camada, duas, três, mas sempre há mais uma debaixo, às vezes logo na primeira se dá por satisfeito e diz que o que há por baixo do véu é outra camada de véu e ponto final. Mas às vezes segue perfurando camadas até morrer e acaba não chegando a conclusão alguma.

Com seus barulhos, regularidade, com suas falsas irregularidades que existem para tornar o sistema ainda

mais perfeito, a máquina continua, enquanto em vão os curiosos procuram desvendar seus segredos, tentam atravessar todos os véus para fotografar seu coração... todos cumprindo exatamente o papel que devem cumprir, os conformistas e os rebeldes. Cada um à sua maneira e com a mesma importância, estão colaborando exatamente para o mesmo fim.

A praça amanhece de novo, os ônibus começam o ir e vir, as pessoas circulando apressadas, nós todos nos olhando e contando para nossos interiores a respeito dos outros, cada um é dois, ou mais, eus e eles, duplos, visões... amanhã eu... ele... todo mundo... nós todos... as moedas jogadas no chão, eu vi aquele homem jogando moedas no chão... eu também vi, o pião deve é de sê muito do rico, ô intão num bate bem da cachola... e depois fica oiando pra elas cum cara de que tá isperando que elas vorte andando pro borso dele... cum tanta gente passando necessidade. Avôa curuja bonita, os home diz que é sinar de azar, pra mim é sorte, os zóio amarelo me oiando...

gente... gente... medo... barulho... gente... medo... árvore... árvore... vôo-vou-vôo-vou... longe... árvore...

Acontecendo como uma vela que queima, não sei porque essa frase me apareceu na cabeça... o mundo pertence aos exóticos... segundo pensamento que me atravessa sem que saiba de onde vem. Bom sinal, quebra no pensamento encadeadozinho do dia-a-dia, arroz com feijão sem feijão,

que comanda minha cabeça.

Praça, dia bom, ensolarado, sem nada para fazer, grande céu azulado só com uma nuvem-carneirinho passeando devagar. E eu de óculos escuros, negando as cores, se o cérebro está bem disposto, deixo os olhos se exercitarem, nem que o sol tire deles uma lágrima. No mais, é ver a vida desfilar na minha frente e esperar para ver se ela tem alguma coisa para me dizer. Pelo jeito tem, pois já me deu duas pistas hoje.

Vou pegar uma corzinha com esse sol... gostoso o calor na minha pele, óculos escuros... como foi que eu pude? Nesse instante eu estou acontecendo, a conexão exata da chama com o pavio... emprego... que engraçado, olhando todas essas pessoas que passam de um lado pro outro, a primeira palavra que me vem à cabeça é essa... é uma pressazinha de obrigação misturada a um leve desânimo, uma levíssima satisfação de pelo menos ter um, e uma grande vontade de que o dia acabe logo, para poder ir para casa esperar pelo próximo dia de trabalho.

Eu estou empregando-me na função de ser banhado pelo sol e observar os outros, que cheiram e se parecem com empregos. Eu também devo me parecer com alguma coisa, acho que pelos olhares que recebo daqueles que se parecem com empregos, o que eles devem enxergar em mim é a expressão “bicha velha”. É engraçado, isso me lembra uma tirada do meu tempo de criança “sou, mas sou feliz, muito mais isso quem me diz”.

Tranqüilidade, será que essa palavra tem plural? Se tiver, é isso mesmo que desejo a todos vocês, que sintam o que estou sentindo agora. Não imaginava que eu fosse assim tão

pele... o sol me queimando e eu todo sendo esse contato da luz com o calor e a carne. Fico reduzido a uma gostosa sensação, moro num útero do tamanho da praça, estou absolutamente seguro, sem preocupações, apenas sou.

Olhos fechados para que o útero se torne ainda mais confortável e sem distrações. Raios amarelos atravessam minhas pálpebras e o alaranjado que enxergo vai movendo-se e formando figuras... é isso aí... é isso aí...

O som da gaita do vendedor de picolé... esforço grande para abrir os olhos... delícia de infância, mistura de som com gosto... vou querer o mais colorido, um roxo que brilha com a luz do sol, explosão de cor e memória... sou, mas sou feliz, muito mais isso... gosto de oito anos, um filme me passando pela cabeça, cenas gloriosas e recordações de como elas terminaram... ir e vir... fechando os olhos experimento as cores com gosto, um misto de amora, pitanga, uva, morango e framboesa, um verde misturou-se com as cores que enxergo. Delícia é a palavra que deve ser dita, mais nenhuma. Delícia e silêncio, delícia é silêncio... eu me escutando, ao redor os barulhos da praça, molduras do meu quadro. As buzinadas são as incrustações de mau gosto que decoram a moldura... mas eu sou quadro colorido, cheio de tintas e formas, eu me sentindo combinação de cores que formam outras, forma viva num momento de vida.

Instantes... instando, agora, nada mais, sem nada que não seja sendo eu no meio de um eterno sem bordas... agora, agorando-sendo-instantesempre... sol na pele e eu no mundo... mundando... estando... flutuando... voando com os pés no chão, estando em dois lugares ao mesmo tempo, sou só aparência sentada no meio da praça... outros também

são eu... sorvete e espera... pipoca e passeio... caminho de casa e do trabalho... lugar de dormir e descobrir: sonhos.

Os lugares são construídos de sonhos bons e maus que se misturam e se materializam em tijolo e concreto... apartamentos seguros para quem tem medo de cair das alturas, proteções contra sonhos maus, caminho de flores que invade a noite dos que dormem na praça, esparramando cheiros que só existem no sono.

Eu sou aquele cuja missão é descrever, sou o dissoluto não totalmente dissolvido, restos de mim existem como bolhas, sou o que aceitou existir em outros, o generoso egoísta que extrai as melhores partes da vida e da morte, mas que não sabe o que fazer com elas. Sou o viciado em “regiões brumosas”, pouca responsabilidade, sou o responsável acompanhante de um homem que não sei quem é. Perdi-o, esqueci-me do que tinha descrito, as memórias devem pertencer à parte minha que já se dissolveu. Sou bolha efêmera que enche-se para estourar. Um ônibus pára, o motorista desce para esperar os passageiros entrarem, faço o que sei fazer, descrevo seus instantes: deve ter uns cinqüenta anos, é mulato, meio calvo e barrigudo, a camisa azul quase não comporta sua barriga, tem um palito no canto da boca. Sai do ônibus cansado, não está irritado mas um pouco desanimado. Senta-se num ferro que protege o gramado, é desconfortável, só dá para agüentar uns segundos.

Olha para os lados, mas não para a fila de passageiros que entram em seu ônibus, ela parece lhe lembrar que o trabalho está só começando. Diria que ele já é motorista há dezessete anos e faz diariamente essa linha há pelo menos três. Diria que tem três filhos adolescentes e sua esposa

trabalha em casa e vende bijuterias e panos de prato na vizinhança. Diria, também, que ele ronca muito, e nos fins de semana freqüenta um bar que fica próximo de sua casa. Bebe só cerveja e gosta de jogar sinuca. Diria que mês passado chamou a filha mais velha de puta, ficou uma semana sem falar com ela, mas depois pediu desculpas com lágrimas nos olhos. Nessa semana, correu mais do que devia com o ônibus e quase causou dois acidentes.

Isso são tudo invenções minhas, não o observei mais do que alguns instantes e nunca o tinha visto antes. Começo a misturar funções, não obtive nenhuma resposta para as minhas perguntas, aquelas coisas de para quem é que descrevo... então começo, com o pouco de mim mesmo que me resta, e enquanto minha bolha pessoal não explode, começo com essas experiências... diria que ele tem mais nove anos de vida, não se cuida, bebe... agora repara numa moça bonita que entra em seu ônibus, olha para baixo, vejo que sabe que não tem mais idade para que as moças bonitas olhem para ele. Sabe que está gordo e que não tem dinheiro, suas chances são nulas. Olha para o outro lado, para os outros ônibus que vão chegando... relógio e suspiro.

Mexe a boca em sinal de impaciência. Eu diria que ele acha que em algum ponto de sua vida cometeu algum erro, por ação ou omissão, que o colocou na situação em que está hoje: não é feliz. Gostaria de dizer para os filhos não cometerem os mesmos erros que ele, mas o problema é que ele não sabe quais foram. Não atribui à falta de dinheiro sua situação, acha que mais dinheiro poderia ajudar mas não o tornaria mais feliz. Esse mistério do erro o incomoda, ele não é velho e talvez ainda tivesse tempo para corrigi-lo, a dúvida

leva à angústia e ela ao bar.

Afoga seus momentos livres em bebida, jogo e conversas banais. Não é realmente amigo de nenhum de seus colegas de diversão, considera-os todos uns fracassados, que nem ao menos têm a noção disso. Ele pelo menos sabe que cometeu um erro qualquer, só não sabe qual foi.

Gosta de fazer churrasco, mas não das pessoas que sua mulher convida quando ele faz, acha-as todas arrogantes, pequenos comerciantes ou funcionários de banco, que se acham superiores a ele por ele ser motorista de ônibus.

De sua mulher e de Deus ele tem desconfianças parecidas. Ela tem muito tempo livre e sempre faz questão de convidar para qualquer celebração, natal, ano novo, aniversários, um viúvo de uma amiga sua que morreu de câncer no seio. De Deus dava pra dizer algo parecido, ele também tem muito tempo livre e nunca atendeu a nenhum pedido dele, sempre recebeu tudo do bom e do melhor, velas, orações, novena, crisma, batizado, e até agora não devolveu os agrados... aqui estou exagerando e maquiando o que ele pensa sobre Deus, mas a essência é mais ou menos essa – ele já não se incomodaria mais de tornar-se um descrente. Também não se incomodaria de se separar, não o faz porque acha que provavelmente não encontraria nada melhor, mas principalmente pelo trabalho que isso daria... é melhor deixar as coisas como estão.

O ônibus já está cheio e é hora de partir, mas ele sempre fica uns dois minutos a mais sentado, mesmo que não esteja fazendo nada, é sua maneira de ser arrogante. Entra no ônibus bem devagar e recomeça... outro ônibus chega e outro motorista de camisa azul desce... agora as coisas estão

misturando-se, sinto vontade de tirar moedas do bolso e jogá-las em alguns pontos da praça, quero fazer marcações que servirão para decifrar... é, eu tentei mas não deu, a coisa é muito mais complicada do que parece, mas tentei, isso já é alguma coisa... antes dele sair de casa eu estava prestes a me jogar pela janela, não agüentava mais o trem-fantasma psicológico que o apartamento tinha se tornado. Quando ele descia pra ficar sem fazer nada de noite na praça, eu apagava as luzes e ficava observando-o pela fresta da cortina. O fato de ele precisar ficar sozinho numa praça na frente da própria casa veio me deixando tão deprimida, magoada, comecei a sentir nojo de mim mesma. Queria pular bem quando ele estivesse lá, sozinho, não fazendo nada, olhando pro nada, de repente via uma boneca caindo do seu prédio. Ia ver e era sua mulher em pedaços, daí ele poderia voltar em paz para o apartamento, poderia ficar de noite em casa sem ter que descer. Uma boneca destruída sujando toda a praça.

Ele acabou salvando minha vida, me sinto aliviada, não resolvi o que me angustiava mas pelo menos tenho ar para respirar, acho que era nesse banco que ele se sentava. Dá pra ver direitinho a luz da sala... coitado, nesse instante não tenho raiva dele, deve ter sofrido bastante, talvez tanto quanto eu. Espero que encontre um caminho, espero que não volte mais e nem ligue para dar desculpas, quanto aos bens e as coisas dele pode mandar alguém vir buscar, se quiser o apartamento não vou me opor, mas desconfio que não vai querer nada, abandonou tudo que lhe trazia sofrimento. Talvez eu devesse fazer o mesmo, vender, me mudar, inventar um outro destino, ainda é tempo.

Imagino-me caindo pela janela e me esborrachando no

chão, talvez eu caísse em cima daqueles táxis ali... mas agora acabou, eu e ele conseguimos nos libertar, pelo menos acho isso, só espero não carregar para a nova vida os esqueletos apodrecidos que criei ali no apartamento. Quebra de paradigma, nova eu, é dia claro e a luz... a luz tudo invade, ele segue o caminho dele, ela segue o dela.

“Com licença, desculpe incomodar a senhora... é que, se não quiser é só... não quero vender nada... eu, há uns tempos atrás comecei a sentir uma necessidade grande de me expressar, queria escrever alguma coisa, tentei muito, saía sempre de casa com meu caderno, sentava em algum banco de praça e tentava colocar alguma coisa no papel. Tentava. Porque não conseguia, era mais difícil do que pensava... essa situação começou a me agoniar, de um lado o desejo de me expressar, de outro a impossibilidade. Comecei a ficar nervoso e pensei em desistir, e canalizar esse meu desejo de expressão de outra forma. Mas eu sabia que se fizesse isso estaria errando, porque no fundo sinto que esse é meu caminho.

Há uns três dias atrás, quando eu menos esperava, consegui começar, no dia seguinte escrevi também e ontem continuei. Percebi que depois de começar a coisa flui com mais facilidade.

O que eu queria saber da senhora é se... sei que é estranho isso, mas para mim é muito mais fácil mostrar esse texto para um estranho do que para um conhecido... preciso que alguém me escute... se eu estiver te chateando paro na hora...”

“Te escuto com prazer.”

“Vou ler para você porque escrevo à mão e minha letra só eu entendo, mas é um pouco comprido, já te disse, se quiser eu paro na hora, é só me dizer...”

Um espelho com dezessete reflexos apareceu no meio da praça Santos Andrade. Não sabemos sua origem nem sua função. As pessoas acharam que aquilo era alguma instalação artística e os artistas, que era alguma obra incompleta da prefeitura. Ninguém acertou, e até hoje não foi descoberto o dono e a função do estranho objeto.

Não eram dezessete espelhos, era apenas um, mas que proporcionava dezessete reflexos de qualquer objeto que se posicionasse na sua frente. No início, quem mais interessou-se pelo objeto foram as crianças, que se divertiam enxergando coisas que nunca tinham percebido. Depois, alguns jovens começaram a ver que havia algo de especial ali, e que aquele espelho que apareceu um dia, pregado num dos pinheiros da praça funcionava como uma espécie de caleidoscópio. Mas ao contrário do modelo tradicional, não eram pedaços de uma imagem que moviam-se formando desenhos e novas imagens, mas sim imagens inteiras que compunham-se para contar histórias, criando vínculos entre pessoas que não se conheciam e fazendo um mundo que ainda não existia surgir do nada.

Mas essa novidade não se espalhou muito, ficou sendo um privilégio de poucos, não que eles tivessem escondido dos outros, o espelho estava lá para quem quisesse vê-lo, mas é que ele simplesmente não despertava mais do que uma leve curiosidade nas pessoas que passavam. As crianças puxavam seus pais pelos braços para a frente do espelho e os pais esperavam com impaciência que as crianças terminassem de se divertir com os muitos reflexos.

Os adultos que perceberam que ali havia um potencial enorme, tornaram-se freqüentadores diários do espelho. Eles

sabiam que ali estava algo com uma possibilidade muito maior do que o cotidiano nos oferece, não sabiam como esse potencial seria aplicado e nem qual a possível função prática. Na verdade, eles gostavam mesmo era de ficar em frente a ele, compondo destinos, histórias, deixando que os acontecimentos virtuais encadeados pelo espelho desfilassem diante de seus olhos. E todo dia as histórias mudavam, não havia repetições, aquele objeto era uma máquina anti-rotina.

Mas era muito mais do que isso, a deformação de imagens criava uma sensação mental de ausência de tempo e de conexão de coisas que aparentemente pareciam inconciliáveis. No décimo sétimo reflexo essa sensação de irrealidade era ainda maior, e a graduação de tons, dos mais para os menos realistas, dos outros reflexos, embaralhava de maneira saudável a percepção de quem contemplava o espelho, abrindo caminhos mentais que antes estavam fechados.

Caminhos escuros que dão medo à maioria das pessoas, percursos onde a luz é a própria escuridão, e tanto faz caminhar de olhos abertos ou fechados, pois o que enxergamos não necessita de retina. Não estou querendo ser metafórico nem arrogante, é que não precisa mesmo, talvez o verbo exato não seja ver, o verbo sentir talvez fosse melhor, ou uma mistura dos dois ver-tir, porque é mais ou menos isso, é participar de uma outra ordem de acontecimentos, sem as amarras da seqüência de fatos e nem da lógica formal. Mas ao mesmo tempo com uma sensação de realidade que diferencia completamente de um sonho, o que sente quem inicia-se por esses caminhos.

Em todos os dezessete reflexos, o que emoldura as imagens que se entrelaçam é o petipavê do chão da praça. Essa

moldura única realça ainda mais as diferenças entre os conteúdos dos reflexos, mas torna-se imperceptível, quando alguém depois de olhar o espelho por algum tempo, entra em seu mundo diferenciado.

Alguns outros lugares e objetos às vezes também aparecem refletidos, as ruas ao redor da praça, os prédios, os pontos de ônibus, os telefones públicos, mas é sempre a figura humana que, olhando-se no espelho, torna-se o ponto central a partir de quem tudo vai se desenrolar.

Com o homem que se olha no espelho com sinceridade e vontade de enxergar, o caleidoscópio gira com velocidade, as imagens vão se entrelaçando e rompendo seus laços, nada é permanente, o belo transforma-se em feio e volta a ser belo. As coisas circulam em vários eixos, mostram seus interiores, conectam-se, expõem-se... o pipoqueiro passa a vender milhares de pequenas pombas vivas do tamanho de pipocas... essa é uma imagem do décimo segundo reflexo... os desejos refletem e mulheres atravessam a praça nuas.

Podia ficar aqui narrando dezenas ou centenas de esquisitices que aparecem nesses reflexos. Mas estaria extraindo-as de seus contextos, na verdade todas elas têm conexões com outras, e um sentido.

Não me apresentei, eu sou uma das pessoas que olho-me diariamente no espelho, e que por isso acho que já consegui expandir meu universo mental. Tudo o que poderia ter sido dito com palavras já disse, mas não consegui transmitir nada daquilo que senti. O tamanho da abertura é muito maior do que minhas palavras alcançam. Mas tento, do meu jeito, dizer um pouco mais sobre o espelho de dezessete reflexos.

É mentira. Talvez em duas palavras tenha dito mais do que em todo o resto. A mentira é enorme, porque toda a maneira mental como encaramos a vida, é tão pequena e restrita que pode tranqüilamente ser classificada de mentirosa. Vivemos então num conto de fadas mental que reinicia-se diariamente, medos, desejos, medos, desejos, morte, desejos, morte, esses são os personagens do nosso grande conto da carochinha. Mas eles nunca se apresentam com as mesmas fantasias, sempre modificam o figurino, o cenário, ou uma ou outra fala do texto, modificações insignificantes, qualquer observador mediano percebe que se trata sempre da mesma peça.

O que os reflexos me mostraram, foi que podemos reescrever essa peça, não encenar nada, encenar uma peça diferente por dia, podemos destruir o texto, embaralhá-lo, encenando somente as páginas ímpares ou saltando de três em três, e que por isso não teremos resultados piores e nem melhores do que o nosso velho conto da carochinha. Mas que não precisamos ser escravos de apenas uma maneira de existir.

Eu narro os fatos como narram aqueles que no espelho só conseguem enxergar um reflexo. Velho jogo encadeado de idéias e palavras, uma maneira mentirosa de narrar... as coisas são diferentes, acontecem ao mesmo tempo, aqui vai uma tentativa de te mostrar isso:

Coroa fuçadeira sentadona no banco da praça, sou o perverso imundo, estou me esgotando nesse mundo, escorrendo em direção aos teus desejos envelhecidos, envilecidos, anoitecidos, querendo ser divertidos, de mim, o cú e a uretra do mundo ganhará merda e mijo, desloca-se a

consciência e a guimba de cigarro do chão é apanhada por um gari – que dor miserável nas costas, fígada de dormir de mau jeito – travesseiro ortopédico de oitenta e nove reais, três vezes de trinta e cinco... cinqüenta e um anos nas costas, um luxinho na vida tenho direito – alguém passa distante, quase não refletindo, idéias longínquas que só resvalam no espelho... acordar cedo e ter uma conversa séria com ele... setenta e dois reais, acho que hoje bati meu recorde... reflexos próximos: a gente emenda a sexta e pode passar quatro dias na praia... outros acontecendo, explodindo, pipocas que pulam: diaba suja, mãe de santo puta, enfie teu São Jorge no rabo, que a espada dele te rasgue o reto, bruxa, tuas maldade não pega em mim, eu tenho proteção divina. Moeda, moeda, moeda, sete, passos, pés, pessoas pisando, eu sendo o mais útil dos homens, descobrindo todos os segredos, chega dos sofrimentos, eu o salvador, vida de merda e daí? Sacrifico a minha pelas bilhões que existem e virão... gênio, descobridor, nada importa, quero silêncio, discrição, vidinha pacata e o mundo melhorando sem saber que eu ajudei... o mundo que engula minha glória, sou uma grande pista falsa, quem me observa pode estar se esquecendo do principal... sou outros, moeda: pé exatamente onde previ – matemática, o mundo é dos barulhentos, mas são os silenciosos que devem mudá-lo.

Olhos fechados: luzes azuis, verdes, outro mundo independente, em dias de bebedeira rostos pavorosos cheios de detalhes me olhando e encenando representações: futuro provável? Jogos de cartas com cenas do próprio futuro, oito de copas com a própria imagem dentro de vinte anos, ás de

espadas com o próprio enterro, jogo tenso com parceiros desconhecidos e desconfiados.

Amor-explosão, necessidade de mil olhos derramando lágrimas – mundo inteiro entrando-entrando em mim, e querendo sair por algum buraco... por todos explodo-mundo, imundo emporcalho tudo... eu não agüentando ser o fio condutor de toda a vida – grande amor absurdo, big-bang dos big-bangs, bang-bang entre o eterno e o finito... pode vir, eu te desafio e te aceito, eu agüento teu peso, o que é ser aniquilado? Bomba atômica feita da glória-vida: amor-nuclear, semente expandida à eternidade, olho-olhar e pronto, o amor-todo me esmagou e já não existo mais, passei a ser um independente. Imagem que não reflete em nenhum espelho.

Homem fim, homem finado, fingindo-se de nada, anti-acontecendo-se no agora do contrário, anti-vida, anti-sexo, os pés virados para dentro e colocados nos lugares das mãos – mundos começando onde os outros terminam – mas ao mesmo tempispaço acontecendexistindo, dúvida cerebral na civilização sem corpo que se reproduz por desejos do espírito. Homem enterrado, enterrando, plantando, plantado... homem mulher que dá cria e cria, mulher com pinto e homem amamentando três bebês em seus dois seios. Desejos confundidos e misturados, dedo na torneira reteve tanto a água – cano explodido do desejo inundando toda a praça, espelho boiando no rio do desejo e refletindo o céu azul sem nuvens.

Aquele lá, o que não sou eu, aquele que nunca fui nem nunca serei, o mistério misterioso de não ser alguém que não eu mesmo. Dúvida que escorrega e aumenta, grande mistério... como será que é ser os outros? Homem corajoso e

desafiador, tenta por um dia mergulhar no mar vedado a qualquer um de nós, resolve ser os outros, desbrava um fundo de mar escuro com criaturas nunca vistas. Esqueceu-se da pressão das águas, nunca mais voltou, continua passeando pela praça, sendo os outros, vários ao mesmo tempo:

“Amanhã aconteceu que ele está... completem essa frase, vocês que agora são eu!”

Virou também a coruja que aparece na praça, bicho desconfiado... gente... árvore ... voar... gente... árvore.

Reflexo primeiro, camada superficial: que absurdo, onde está a família desse senhor? Vê-se que é bem vestido, deve ter família, alguém que se responsabilize por ele... vocês ficariam felizes de verem o pai de vocês comendo um camundongo na praça? Ele responde a pergunta dela, na verdade nunca a viu, e nem a escutou perguntando, mas é uma dessas coincidências de reflexos que se encaixam...

Famílias nós temos... são um só... árvore... gente...ratinho correndo da minha fome... voar atrás do rato cinzentinho...chuto e engulo, ponho dentro do meu bico... famílias nós temos muitas... somos pais de todas as pessoas, vamos levar comida para as corujinhas pequenas...

Misturas refletidas: ele mente. O que quer é controlar tua vida, te fazer de fantoche, amor o cacete, é um egoísta, responsabilidade nada, é esse tipo de homem que bate e mata mulher, os chorões, os que falam que vão se matar, só pensam neles mesmos, você é um bem social que eles foram condicionados a conquistar, não dá para ter pena e cair naquela conversa fiada de – eu te amo então me perdoe... se pudessem eles encomendavam alguém para te espionar vinte e quatro horas por dia e fazer um relatório completo de todas

as tuas atividades... um detetive, ou sei lá quem, que contaria cada detalhezinho de tua vida, com esse relato em mãos ele iria se deliciar, sentir-se teu proprietário, iria acabar querendo te testar, mandando alguém para tentar te seduzir, só para depois poder ler no relatório se você cedeu ou não.

...tenho tantas memórias, eu com três anos de idade passeando com meus pais de bexiga na mão... manhê quero pipoca, quero doce, a bexiga da menina, quero aquela... manhê... mãe o que aconteceu com aquele instante, onde estou aquela eu pequena que não deixou de existir? Eu morta já estou acontecendo... mãe, as mães deveriam saber responder essas perguntas... onde está aquela bexiga que eu tive naquele dia... quieta sem responder... de onde estás deve saber essas respostas, debes assistir a todas as cenas ao mesmo tempo. Vou te fazer uma pergunta bem difícil de responder, tem só uma palavra, vê se se esforça e responde: agora?

...antes, antes eu era outro... tempo e lambada da vida me endureceu, sô homem calejado, experiente, boi amansado à custa de chibata, não me dexo iludí... sô homem vivido nesses caminho dos dia e noite... uma casa e uma mulher respeitosa... pai de família... ninguém passô necessidade... chegado num respeito mais do que numa religião...da minha vida sei eu, num gosto de gente enxerida e nem de palpiteiro... tenho pro meu sustento e pro dos meus... num devo nada pra ninguém, nunca pedi dinheiro emprestado e sempre digo não quando me pedem, até pra amigo íntimo já recusei ser fiador... durmo a noite toda... consciência limpa... nome que assino com gosto... venho aqui na praça toda sexta-feira à noite pra encontrar com um rapazinho de dezessete anos ...

nós vamo num hotel aqui perto, eu pago pra ele cuspir na minha cara... depois ele me mija inteiro e enfia uns caquinhos de vidro na minha pele, só nos lugares que não ficam à mostra... antes.

Amido de luz, coisa translúcida, inodora... mortos renascidos dialogantes, amor-amarrador-costurante: realidade, cola, unidor dos separos-noite, cores misturantes refletentes no espelhando agorista, agorante, agourado, agoniado, agosto, com céu claro e frio forte, noite de geada gelada na praça pelada... incosta incostadinho, joga os papelão por cima, os corpo junto num dá frio, nós vamo fica juntinho a noite toda, vô dormi e sonhá que te tenho amor e que nós mora numa casa grande e quentinha, cheia de cobertor e com as comida mais gostosa... me abraça forte que tá frio... posso te pedi pra tentá sonhá que me tem amor?

...um dia catástrofe, o pior dia na vida de uma pessoa, atravessa a praça Santos Andrade tentando encontrar alguém em quem ele possa se manifestar... do outro lado, caminhando em sentido oposto, vem vindo um dia glorioso, o melhor dia na vida de alguém, ele também está à procura de uma pessoa que possa ser usada por ele, e usufruir de seus prazeres... os dois dias passam pelos pontos de ônibus, observam as pessoas sentadas nos bancos, ninguém parece estar perfeitamente apto para recebê-los, os rostos todos indicam valores medianos... quando se aproximam do chafariz central, os olhos de ambos brilham, sentados um quase em frente ao outro, estão dois homens, o dia glorioso e o dia catástrofe os identificam, e sem perderem tempo mergulham em suas entranhas – o dia escurece e o sol brilha como nunca, a praça divide-se com a glória e a tragédia de cada um deles...

os olhos de ambos brilham como pedras valiosas, a dor derrama lágrimas, a felicidade só brilhos. Um deles encolhe-se recusando o mundo, o outro expande-se chamando-o para dentro de si.

No instante único os opostos estão frente a frente, não se enxergam, mas a praça sente suas energias... dor e felicidade exalam suas faíscas compensando suas diferenças. A dor quer deixar de doer nem que tenha de deixar de existir, a felicidade grita por vida, mais vida, em todas suas formas, luz, pássaros, gente, barulho...

Os homens, que não se conhecem, vêem o dia de seus maiores altos e baixos chegar a seu final, o sol se põe e o sono consegue diminuir um pouco a intensidade de seus sentimentos... os sóis rodam e rodam ao redor da praça, que vai conhecendo luzes e escuridões, os copos vazios vão se enchendo com as águas das chuvas, e os que estavam cheios vão se esvaziando com a evaporação natural da água.

Os mesmos homens voltam a sentar-se frente a frente, não suspeitam que um dia ambos tinham sido escolhidos por razões parecidas, mas opostas... o dia está lindo, o céu azul vai se tornando azul-marinho, o sol vai se pondo, ficando encoberto pelos prédios, mas alguns raios dourados conseguem escapar dos grandes blocos de concreto e encobrem os dois homens, que agora mais uma vez têm algo em comum, só que desta vez a força que os une tem sentido único. Envolvidos pela língua de luz e pelo calor do fim de tarde, eles fecham os olhos e não pensam em nada.

A praça luta, todos os atos são esforços iguais... o sorriso, os passos, o troco da pipoca, o dedo apontando a

coruja... luta cotidiana... a paz dissolve as necessidades dos movimentos... no meio da praça sento-me e não me movo mais, não colaborarei mais com a luta... a vida tem outras manifestações além dela... derretem-se as formas, o sol me cega os olhos, mas isso não me incomoda, esqueço-me de mim e de todo o resto, fujo da corrente encantada dos pensamentos, que trás sempre amarrada a ela o tempo... sou-sendo, nada mais é preciso, os outros não importam, eles só importarão quando unirem-se a mim, daí eles não serão mais os outros... é só uma questão de tempo, de eles se cansarem de arrastar o tempo e decidirem abandonar a luta... é o caminho natural, todos um dia passarão por ele... esperneamos quando crianças, lutamos para conquistar as coisas quando adultos, mas depois as coisas vão se acalmando... primeiro começamos a rir de algumas coisas que nos matamos para conquistar, depois o número de coisas de que rimos vai aumentando, por último rimos de nós mesmos, nesse estágio já estamos bem próximos de atingir o ponto em que não queremos mais luta... começamos a procurar um lugar onde possamos sentar e contemplar o derretimento do que antes nos fascinava.

Meu nome é... eu não tenho nome, sou uma coruja, a verdadeira coruja solitária da praça Santos Andrade, eu gostaria de dizer algumas palavras (essa introdução atribuída a mim, foi traduzida, pois não penso da maneira como está escrito acima, as corujas pensam diferente, repetem idéias e as misturam):

Gente, gente, medo, morte, comida... eu eu eu ... voando alto muito alto, eu sumindo atrás dos prédios... ar frio

molhado, gente, cor, dia, noite noite dia... árvore... eu morte-
não fugir, acordar, comer, dormir, fugir-morte-não, fugir,
acordar-lembrar lugar longe: coruja cabeça homem, voando
com cabeça de homem-comer e voar esconder, barulho,
sozinha, pássaros, sozinha, homem, comer, árvore, medo,
morte, dormir, acordar, comer, morte-medo, comer... eu...
voar... escuro... tranqüilo... grande-escuro-tranqüilo... eu
voar... morte... homem... noite grande tranqüila... dia
barulho-medo... procura-comida... camundongo-morte-
morto... olho parado-fome-acabado... escuro-escuridão-vô-
voando-acontecendo... noite... lembro-camundongo
comendo coruja... muito rato comendo olho... voando um
olho, uma asa... noite difícil... dia-duas asas-dois olhos-
rato morto-barulho... homem, passarinho, sonho-sono-
sonhando-acontecendo... coruja corujando, escondendo,
desaparecendo, solidão escura... homem-morte-vida-medo-
balançando, barulhando, bagunçando... coruja quieta... olho
grande fechado-dia... amarelão-olhão noite-lua-amarelada-
ensolarada, dedo apontando gente enxergando, noite boa,
gente-silêncio, ratinhos-comida-morta-coruja-sozinha... olho
grande olhando escuro... gente pouca nas noites
escuras... vôo pras árvores... casa-toca-lugar dormi... pomba
voando embora... sono sonhado coruja-uja... asa molhada-
seca... cor-uja... voa... pombo, pombo e pombo-cor-uja...
lugar ocupado... vôo vôo vôo, noite escura, asa cansada,
comida acabada... vôo embora... atrás das matas... outras
corujas... medo-morte... medo-homem... vôo vôo vôo e
continuo voando... praça-mata-morte... vôo... outros, outros-
vôo... ratos-comidas... eu-coruja... dia-nascendo-luz-luz-
luz... vôo solitário-prosseguindo... medo... voando para a

mata... mata, luz clara, sol-bonito... praça-sonho-noite... mata-verde... mata-bicho... noite escura... sem homem... sem lua... olho amarelo-vejo... bolas amarelas-aparecem-somem... outra coruja.

O texto continua acontecendo, não seria propriamente um texto, mas sim um textando gerundierno acontecendor imorredouro, circulatório, esférico, e ele é totalmente costurativo, retrocedor, entrelaçante, amarrativo. Uma experiência textual, tem sexual, temporal, guardachuval, diabólico-divina, espírito-sântica, puta que pariuíca, eternóide, superficial, bobinha, relapsa, gostosa, triste, doentinha, gulosa... uma grande glória de verão gelado, testículo cortado para enganar a fome... amor odiento, carro roubado, batido, puta-porca fuçando no chiqueiro, anão sendo vestido para o enterro... caixão com espaço sobrando... vida grande cheia de pregos que incomodam... dores-atrizes reclamando suas vezes, praça, praça e praça. P-raça humana, raça-existência, raça... raça vamos lá não desista... não desistam nunca... grosso...fino, todos continuem dos jeitos que são-sabem-querem... de todos os jeitos p-raça humana...

E é isso, foi o que escrevi nesses últimos três dias. Desculpe ter incomodado a senhora por tanto tempo com essa leitura.

Me permita só uma pergunta, o que a senhora achou dos nossos textos?"

O MAIS HONESTO dos homens seria aquele que descontaria do que chama-se de amor, todo o instinto de preservação da espécie e toda a pressão social. Descontaria de todos os tipos de relações humanas, o medo da morte e da solidão. De toda a generosidade ele diminuiria a necessidade de reconhecimento e gratidão. De todas as grandes idéias da arte e ciência ele deduziria o desejo de fama e o de eternizar-se. Com o que sobrasse de todas essas subtrações, se é que sobriaria alguma coisa, com essas pobres lâminas de madeira que seriam deixadas como sobras, ele então construiria sua moradia.

ISBN 978-85-86861-13-0



9 788586 861130